

Literatura Infantojuvenil

Gabriela Fonseca Tofanelo

Pedro Afonso Barth

INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR

Gabriela Fonseca Tofanelo

- Mestra em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM, 2016).
- Graduada em Letras Português pela Universidade Estadual de Maringá (UEM, 2013).

Sobre o Autor

Graduada em Letras Português e Literaturas correspondentes pela Universidade Estadual de Maringá (2013). Mestra, pela mesma universidade (2016), em Estudos Literários, na linha de pesquisa Literatura e Construção de Identidades. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá. É pesquisadora do projeto de pesquisa "Literatura de Autoria Feminina Contemporânea: Escolhas Inclusivas?" e integra os grupos de pesquisa LAFEB - Literatura de Autoria Feminina Brasileira (UEM) e GELBC - Grupo de Estudos sobre Literatura Contemporânea (UnB/CNPq). Atua, principalmente, com os temas: Literatura de Autoria Feminina, Crítica Feminista, Estudos de Gênero e Literatura Contemporânea Brasileira. É professora de Literatura e Língua Portuguesa para Ensino Médio na rede privada de ensino.

Pedro Afonso Barth

- Doutor em estudos literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM, 2019).
- Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF, 2016).
- Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade de Passo Fundo (UPF, 2013).

Sobre o Autor

Doutor em estudos literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM, 2019). Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF, 2016), na linha de pesquisa Leitura e Formação do Leitor, cuja dissertação foi dedicada à pesquisa de Sagas Fantásticas, especialmente Crônicas de Gelo e Fogo. Especialista em Língua Portuguesa - Novos Horizontes Teóricos e Práticos (UPF, 2013) e pesquisou Letramento digital e multimodalidade nas redes sociais. Possui graduação em Letras (Língua Portuguesa e Língua Espanhola e respectivas literaturas) pela Universidade de Passo Fundo (UPF, 2012). É pesquisador no Grupo do CNPq FORPROLL: Formação de Professores de Línguas e Literatura e aluno pesquisador no grupo CNPq CELLE - Centro de Estudos de Literatura, Leitura e Escrita: História e Ensino. Atua, principalmente, nos seguintes temas: Literatura Juvenil Brasileira Contemporânea, Sagas Fantásticas, Letramento, Multimodalidade, Ensino de Língua Portuguesa, Ensino de Literatura, Formação de Leitores, Literatura Infantil e Literatura Hispano-americana.

INTRODUÇÃO DO LIVRO

Caro(a) aluno(a), estamos prestes a começar uma jornada por um mundo incrível e fascinante que é a literatura infantojuvenil. Quem nunca se encantou ao ouvir uma história contada pelos pais ou pelos professores? Quem nunca manuseou um livro e ficou maravilhado com o colorido, página a página?

Sabemos que as crianças adoram ouvir histórias e que, às vezes, por diversos fatores, esses momentos com a leitura ficam apenas na infância. Por isso, precisamos aprender cada vez mais sobre esse tema, para encantar crianças e jovens, para que se tornem leitores críticos, conscientes da importância que a palavra tem no mundo.

Para isso, nosso material está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo conta um pouco da história da literatura infantojuvenil, o surgimento, os primeiros escritores, as primeiras histórias.

No segundo capítulo, teremos uma explanação sobre características desse tipo de livro, bem como os diferentes gêneros literários mais conhecidos para esta faixa-etária: contos, fábulas, histórias em quadrinhos, crônicas, dentre outros.

O terceiro capítulo destaca a relação próxima entre o papel da escola e o processo de formar jovens leitores, abordando as leis que trazem essa questão, como os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil e os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental.

Para finalizar, o último capítulo aborda a questão da literatura nos dias atuais, que é caracterizada e movida pelo uso excessivo das redes sociais e das tecnologias no geral. Muito se falou no fim dos livros impressos. Será que isso pode acontecer? Será que a internet acabou com a literatura? Ou podemos usá-la como grande aliada para o incentivo a práticas literárias? Essas são discussões relevantes atualmente.

Esperamos que este material sirva para lembrá-lo(a) do encantamento da infância em relação aos livros, para pensar no papel de formadores de leitores, para conhecer algumas estratégias e repensar muitas práticas de leitura.

Vamos embarcar nessa aventura?

UNIDADE I

Surgimento e Ampliação da Literatura Infantil e Juvenil no Brasil

Pedro Afonso Barth

Introdução

Olá, caro(a) aluno(a). Tenho um instigante convite a fazer! Vamos mergulhar no fantástico mundo da literatura infantil? E que tal mergulhar no fascinante universo da literatura juvenil? Atualmente, tanto a literatura infantil quanto a literatura juvenil são importantes partes do sistema literário brasileiro. Nesse sentido, importa destacar que há autores consagrados e premiados que se dedicam a escrever obras para o público infantil e adolescente. Além disso, existem obras de inestimável valor literário, as quais representam o universo da criança e o mundo do jovem. Esta combinação é fundamental para a formação de leitores, um tópico que deve ser sempre discutido por professores(as) comprometidos(as) com a educação transformadora. Por isso, o convite feito é imperdível. Vamos lá?

Neste material, aprenderemos a origem da literatura infantil e a origem da literatura juvenil, ou seja, descobriremos e entenderemos as gêneses dessas literaturas, as quais estão atreladas ao próprio surgimento do conceito de infância e de adolescência. Além do mais, conheceremos o desenvolvimento de ambas em território brasileiro: autores, temas e formas que as obras literárias infantis e juvenis adquiriram e, assim, conheceremos as obras de autores fundamentais, como Monteiro Lobato, Cecília Meireles, Lygia Bojunga, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Bartolomeu Campos Queirós, Pedro Bandeira, dentre outros importantes nomes.



Fonte: Jozef Polc / 123RF.

Gênese da Literatura Infantil

Caro(a) aluno(a), antes de iniciarmos a nossa caminhada de conhecimento acerca da literatura infantil, você precisa responder à seguinte questão: o que é literatura infantil? Provavelmente, você responderá: é a literatura produzida para crianças; e você estará certo. Porém essa definição é, ainda, insuficiente para entender a sua complexidade. Para Coelho (2000, p. 27), “a Literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização”. Isto é, o fundamental é que o texto literário permita múltiplas interpretações. Este é, sim, um texto que inclui e fascina as crianças, mas, além disso, é literatura, um texto ficcional, o qual possibilita o protagonismo do leitor.

Em uma abordagem contemporânea, a literatura infantil é a literatura, também, para crianças, ou seja, pode ser lida e compreendida por leitores de todas as faixas etárias. Contudo, esta possui elementos de adequação que a tornam compreensíveis e atrativas, principalmente, para o público infantil. Assim, são possíveis dois planos de leitura: a leitura feita por quem tem um maior repertório de leitura e a leitura possível para um ser que está iniciando a sua formação leitora, ou seja, a própria criança.

Em relação aos elementos de adequação ou ao endereçamento necessário para que a criança consuma e goste de uma obra literária, Cademartori (2010, p. 16) afirma que a “literatura infantil se caracteriza pela forma de endereçamento dos textos ao leitor”. Nessa perspectiva, é preciso levar em conta a idade desse leitor, pois toda a obra é pensada de tal forma, a fim de alcançar esse leitor.

A criança, ao ler, entenderá e será transposta para um mundo ficcional. Dessa forma, os elementos que irão compor/constituir tal obra deverão estar de acordo com as competências de leitura de cada faixa etária. Contudo este é um equilíbrio tênue, pois não basta apenas pensar na capacidade e competência de leitura da criança, mas também é preciso não imbecilizar, ou seja, não se pode considerar a criança como alguém que não sabe, alguém incapaz, mas sim como alguém que está descobrindo a palavra, o mundo e as estruturas narrativas. Enfim, a literatura infantil de qualidade precisa respeitar a potencialidade do leitor infantil.

Nessa perspectiva, os estudos críticos sobre literatura infantil são fundamentais. Isso porque é imprescindível avaliar as obras literárias e criar parâmetros para avaliar a qualidade literárias das obras. Uma vez que já temos clareza a respeito do que é a literatura infantil, vamos responder a seguinte pergunta: como ela surgiu?

Concepção de Criança e Infância e a Origem da Literatura Infantil

Caro(a) aluno(a), somente podemos falar em literatura voltada para crianças numa sociedade que reconheça a existência da infância, certo? No contexto ocidental, só é possível falar de criança e infância a partir do século XVIII, após um processo de consolidação do conceito de família, ascensão da burguesia e surgimento das escolas. Antes disso, as crianças eram consideradas adultos em miniatura, isto é, não eram vistas como seres humanos em formação. Observe o que o historiador Darnton fala sobre a infância na Idade Média.

As crianças se tornavam observadoras participantes das atividades sexuais de seus pais. Ninguém pensava nelas como criaturas inocentes, nem na própria infância como uma fase diferente da vida, claramente distinta da adolescência, da juventude e da fase adulta por estilos especiais de vestir e de comportar (DARNTON, 1986, p. 47).

Nos séculos XVI, XVII e XVIII, a Europa e o mundo ocidental passaram a sofrer grandes mudanças sociais, políticas e econômicas. Uma das mais importantes foi o surgimento da burguesia, uma classe social a qual exigia que seus filhos fossem alfabetizados e tivessem acesso a bens culturais, o que, antes disso, era reservado apenas para a nobreza e para os filhos de reis. Também, o início dos estudos da pedagogia e da psicologia, além do surgimento de escolas e da família enquanto instituição social, fez com que a infância passasse a ser valorizada como uma fase importante do desenvolvimento humano.

Segundo Zilberman (1985), essa nova valorização da criança provocou, também, a mudança da forma da família organizar-se enquanto instituição, isto é, pais passaram a ter mais controle sobre seus filhos. Isso teve, como consequência, uma preocupação com o que as crianças aprendiam e sobre como poderiam desenvolver as suas emoções. Para suprir essas necessidades, a escola é reinventada e a literatura infantil é criada.

A partir do exposto por Zilberman (1985), podemos refletir sobre algo muito importante para a compreensão a respeito da literatura infantil: sua relação com uma tendência a ensinar. Desde o princípio, sempre houve a relação da literatura infantil com um princípio pedagógico, isto é, a ideia de que a literatura para crianças sempre deveria vir acompanhada de uma moral, de algo para ensinar. Um dos mais importantes teóricos brasileiros da literatura infantil, Edmir Perrotti, descreve essa propriedade como “função utilitária”, pois, quando a literatura tem uma função de utilização, esta é trabalhada como um pretexto, como um meio para atingir algo.

Esse uso da literatura infantil como recurso para estudar algo está alicerçado com o inadequado conceito de que o adulto é mais inteligente, mais preparado e será superior à criança. Edmir Perrotti (1985), estudioso de literatura, aponta que essa caracterização da criança como alguém incompleto, alguém que precisa mudar e crescer, acaba deixando implícito um conceito de que o único ser completo será o ser humano adulto. Na verdade, sabemos que ninguém é totalmente completo, já que aprendemos e evoluímos ao longo de toda vida. Mesmo com 80 ou 90 anos, somos capazes de aprender. Por isso, a criança deve ser respeitada como um ser inteiro, como um ser em constante em evolução, e jamais como alguém inferior, pelo simples fato de ser criança. Para Perrotti, o grande problema de a criança ser considerada um ser incompleto é o fato de que, se esta é imperfeita e precisa ser lapidada e ensinada, a lapidação será efetiva por critérios e procedimentos estabelecidos por um adulto.

Retomando, caro(a) aluno(a), há uma visão da criança como ser incompleto, como alguém que precisa ser sempre direcionado. É preciso levar em conta que, nesse caso, temos um problema: se um texto literário preocupa-se apenas com uma moral, com um desenvolvimento e não representa o mundo da criança, teremos uma obra infantil que poderá não ser literatura ou, até mesmo, representar um exemplo ruim de literatura infantil.

REFLITA

Apesar do uso da literatura infantil na escola, temos de ter em mente que a literatura precisa ser livre, ou seja, o aluno deve ter liberdade para a construção dos sentidos, a fim de ampliar o seu campo simbólico e, sobretudo, a sua imaginação.

Caro(a) aluno(a), é preciso considerar que observamos uma dualidade na literatura infantil. Segundo Zilberman e Cadermatori (2016), há duas formas narrativas na literatura infantil. Uma delas está comprometida em um processo, chamado, pelas autoras, como dominação: uma literatura infantil que não se compromete enquanto obra de arte; sua centralidade está em apenas usar da linguagem literária com o objetivo de ensinar e doutrinar o leitor. Por exemplo, a criança lerá a história e aprenderá a ser comportada. Nesse caso, a literatura será um pretexto para ensinar o bom comportamento. Assim, são obras que terão um caráter educativo, pedagógico, moralizante, a partir da transmissão de normas e regras.

A outra forma ocorre quando a literatura infantil apresenta preocupações estéticas: há um cuidado com a escolha de palavras, imagens e ilustrações, bem como há a busca em perceber a criança como um ser completo, em constante evolução. Para Zilberman e Cadermatori (2016), estas serão histórias que permitirão a ordenação de experiências, existenciais, uma vez que a criança compreenderá o funcionamento do mundo, fará as próprias interpretações, além de que expandirá o seu conhecimento linguístico. Recapitulando, caro(a) aluno(a), no sistema literário brasileiro infantil, poderão existir obras que terão um caráter meramente educativo, sem a preocupação com a linguagem, com a ilustração, com a construção de uma história atraente e que respeite o seu mundo da criança. Justamente, enquanto educadores, precisamos ficar atentos e selecionar obras que tenham características literárias não apenas moralizantes.

A literatura infantil de qualidade até pode trazer ensinamentos e reflexões, ou seja, pode, sim, ter aspectos de cunho utilitário, mas a sua centralidade deve estar no sentido literário. Dessa forma, a construção de um universo ficcional presente na obra literária deverá respeitar o mundo da criança, além de possuir elementos de adequação, os quais criarão sentidos coerentes para um leitor em formação, de acordo com sua faixa etária. Sendo assim, a literatura infantil pode ter uma relação com ensinamentos e lições, mas será a literariedade que apontará a qualidade e a permanência da obra enquanto objeto estético.

No quadro a seguir, apresentamos definições do autor Edmir Perrotti sobre as funções utilitária e literária presentes na literatura infantil. As definições do autor pautaram, desde então, as discussões sobre a qualidade da literatura infantil no Brasil. Para entender melhor, observe o quadro a seguir.

	FUNÇÃO UTILITÁRIA	FUNÇÃO LITERÁRIA
Características	Quando a literatura infantil é usada para ensinar algo específico, como escovar os dentes, ou traz uma lição de moral	Quando a literatura é apenas arte: há um cuidado com a linguagem, com a ilustração e com a construção de um mundo ficcional
Deve estar presente em obras infantis?	Não deve predominar. Como a literatura deve ser livre, quando a função utilitária predomina, corremos o risco de “aprisionar os sentidos” da leitura	Sempre, pois ela garante a qualidade e o valor enquanto objeto artístico

Quadro 1.1 - Diferenças entre função utilitária e função literária

Fonte: Adaptado de Perrotti (1985).

O quadro apresenta algumas generalizações, uma vez que nem todas as obras podem ser avaliadas de forma tão dicotômica, ou seja, classificadas em APENAS utilitárias ou APENAS literárias. Entretanto compreender as definições de Perrotti (1985) ajuda-nos a entender os critérios que passaram a vigorar pela crítica e teoria da literatura infantil a partir dos anos 80 e de como uma literatura apenas moralizante e utilitária passou a ser combatida e uma literatura emancipadora passou a ser valorizada.

Agora que já sabemos a relação da gênese da literatura infantil com as características contemporâneas, vamos entender a sua evolução no mundo ocidental.

Contos de Fada: Perrault, Irmãos Grimm e Andersen

Quando, na Europa, o conceito de criança passou a ser concebido e houve a necessidade de criar histórias específicas para esse público, as primeiras utilizadas foram aquelas que, hoje, são conhecidas como “contos de fada”. Porém, caro(a) aluno(a), esses contos, originalmente, não eram histórias infantis, pois eram histórias de toda uma aldeia, como histórias folclóricas e populares, contadas de geração para geração, ao redor de fogueiras. Além disso, não eram para crianças, porque eram para toda gente. Assim, essa era uma maneira muito peculiar e funcional de perpetuar histórias. Nesse sentido, os contos de fada nada mais são do que versões e adaptações desses primeiros contos populares.

Sob esse aspecto, as autoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman explicam como as publicações para crianças, na Europa, foram iniciadas.

As primeiras obras publicadas visando ao público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII. Antes disto, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como literatura também apropriada à infância: as *Fábulas*, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694, *As aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, lançadas postumamente, em 1717, e os *Contos da Mamãe Gansa*, cujo título original era *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades*, que Charles Perrault publicou em 1697. Mas este livro passou por uma situação curiosa que explicita o caráter ambivalente do gênero nos seus inícios. Charles Perrault, então já uma figura importante nos meios intelectuais franceses, atribui a autoria da obra a seu filho mais moço, o adolescente Pierre Darmancourt; e dedica-a ao delfim da França, país que, tendo um rei ainda criança, é governado por um príncipe regente (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 23).

A citação aponta que o francês Charles Perrault foi o primeiro a recolher e adaptar os contos populares. Desse modo, percebe-se que, desde aquela época, havia o preconceito em relação à literatura infantil, uma vez que esse tipo de leitura era visto como algo menor, tanto que o renomado autor francês não assinou as adaptações; fez com que o seu filho assinasse a autoria. Isso prova que, desde o princípio, a literatura infantil estava às margens da literatura que era realmente valorizada, já que o autor, já famoso na época, não queria ficar atrelado à produção para crianças, por não ser tão respeitável. Em suma, as fábulas e os contos populares foram as primeiras histórias endereçadas às crianças, por isso tinham elementos de adequação: animais falantes, seres mágicos e “o fantástico”, que era um elemento capaz de provocar muito encantamento no leitor infantil.

Segundo Araújo e Dagostini (2011), podemos perceber uma evolução acerca das leituras feitas das narrativas de Perrault, uma vez que, inspirados nos contos populares, estas passaram a ser os meios de transmissão de valores e ensinamentos da França de Luís XIV. Em seguida, passaram a ter aceitação em toda a Europa. Ademais, os contos do autor francês têm características nacionalistas e, assim, passam a ter um compromisso com o ato de civilizar e doutrinar crianças de acordo com os padrões vigentes e dominantes daquele momento histórico. Caro(a) aluno(a), a moral e a lição dos contos de fada valorizavam valores e concepções desejadas pela classe dominante.

Assim, contos como *Chapeuzinho Vermelho* e *Branca de Neve* têm interpretações convergentes com essa realidade. Sobre isso, é interessante observar a opinião de Cademartori (2010), que aponta que o trabalho de Perrault é o de um verdadeiro e bem-sucedido adaptador. Ele parte de um tema e de um motivo popular, bem como acrescenta detalhes que vão atingir e agradar a classe dominante da França, que é a burguesia. Assim, os elementos moralizantes dos contos de fada têm relação com os interesses pedagógicos burgueses, e não como o povo que criou e contou as histórias, originalmente.

Em relação a essa discussão, Lajolo e Zilberman (2007) apontam que Perrault é importante, por ser o responsável pelo primeiro grande impulso de literatura infantil. Sua obra suscitou a busca de outros textos, por exemplo, as fábulas de Fénelon e de La Fontaine. Assim, a partir de Perrault, os contos de fada passaram a ser fundamentais para a literatura infantil e todas as produções passaram a ter esse referencial como modelo. Em suma, caro(a) aluno(a), Perrault fez esse importante trabalho de adaptador na França.

Vamos, então, conhecer uma versão dos contos de fada de sua autoria. Perceba que é a versão original do Perrault. Podem existir algumas diferenças, em relação ao conto *Chapeuzinho Vermelho*, o qual você pode conhecer.

Havia, numa cidadezinha, uma menina que todos achavam muito bonita. A mãe era doida por ela e a avó mais ainda. Por isso, sua avó lhe mandou fazer um pequeno capuz vermelho que ficava muito bem na menina. Por causa dele, ela ficou sendo chamada, em toda parte, de Chapeuzinho Vermelho. Um dia em que sua mãe tinha preparado umas tortas, disse para ela: – Vai ver como está passando tua avó, pois eu soube que ela anda doente. Leva uma torta e um potezinho de manteiga. Chapeuzinho Vermelho saiu em seguida para ir visitar sua avó que morava em outra cidadezinha. Quando atravessava o bosque, ela encontrou compadre Lobo que logo teve vontade de comer a menina. Mas não teve coragem por causa de uns lenhadores que estavam na floresta. O Lobo perguntou aonde ela ia. A pobrezinha, que não sabia como é perigoso parar para escutar um Lobo, disse para ele: – Eu vou ver minha avó e levar para ela uma torta e um potezinho de manteiga que minha mãe está mandando. – Ela mora muito longe? – perguntou o Lobo. – Oh! sim, – respondeu Chapeuzinho Vermelho. – É pra lá daquele moinho que você está vendo bem lá embaixo. É a primeira casa da cidadezinha. – Pois bem, – disse o Lobo, – eu também quero ir ver sua avó. Eu vou por este caminho daqui e você vai por aquele de lá. Vamos ver quem chega primeiro. O Lobo pôs-se a correr com toda sua força pelo caminho mais curto. A menina foi pelo caminho mais longo, distraíndo-se a colher avelãs, correndo atrás das borboletas e fazendo ramalhetes com as florzinhas que encontrava. O Lobo não levou muito tempo para chegar à casa da avó. Bateu na porta: toc, toc. – Quem está aí? – É sua neta, Chapeuzinho Vermelho – disse o Lobo, mudando a voz. Eu lhe trago uma torta e um potezinho de manteiga que minha mãe mandou pra você. A bondosa avó, que estava na cama porque não passava muito bem, gritou: – Puxe a tranca que o ferrolho cairá. O Lobo puxou a tranca e a porta se abriu. Ele avançou sobre a pobre mulher e devorou-a num instante, pois fazia mais de três dias que não comia. Em seguida, fechou a porta e foi se deitar na cama da avó. Ficou esperando Chapeuzinho Vermelho que, um pouco depois, bateu na porta: toc, toc. – Quem está aí? Chapeuzinho Vermelho, ao escutar a voz grossa do Lobo, teve medo, mas pensando que a voz de sua avó estava diferente por causa do resfriado, respondeu: – É sua neta, Chapeuzinho Vermelho, que traz uma torta pra você e um potezinho de manteiga que minha mãe lhe mandou. O Lobo gritou para ela, adocicando um pouco a voz:

– Puxe a tranca que o ferrolho cairá. Chapeuzinho Vermelho puxou a tranca e a porta se abriu. O Lobo, vendo que ela tinha entrado, escondeu-se na cama, debaixo da coberta, e falou: – Ponha a torta e o potezinho de manteiga sobre a caixa de pão e venha se deitar comigo. Chapeuzinho Vermelho tirou o vestido e foi para a cama, ficando espantada de ver como sua avó estava diferente ao natural. Disse para ela: – Minha avó, como você tem braços grandes! – É pra te abraçar melhor, minha filha. – Minha avó, como você tem pernas grandes! – É pra correr melhor, minha menina. – Minha avó, como você tem orelhas grandes! – É pra escutar melhor, minha menina. – Minha avó, como você tem olhos grandes! – É pra ver melhor minha menina. – Minha avó, como você tem dentes grandes! – É pra te comer. E dizendo estas palavras, o Lobo saltou pra cima de Chapeuzinho Vermelho e a devorou.

MORAL

*Vimos que os jovens,
Principalmente as moças,
Lindas, elegantes e educadas,
Fazem muito mal em escutar
Qualquer tipo de gente.
Assim, não será de estranhar
Que, por isso, o lobo as devore.
Eu digo o lobo porque todos os lobos
Não são do mesmo tipo.
Existe um que é manhoso
Macio, sem fel, sem furor.
Fazendo-se de íntimo, gentil e adulator,
Persegue as jovens moças
Até em suas casas e seus aposentos.
Atenção, porém! As que não sabem
Que esses lobos melosos
De todos eles são os mais perigosos*

Fonte: Perrault (1987, p. 53-57).

A história que acabamos de ler é a versão inicial de um clássico, que recebeu inúmeras versões, não é verdade? Perceba que, na versão de Perrault, não há a figura de um caçador; não há, também, um fim feliz. Além disso, há marcas muito fortes de violência.

Por outro lado, há, sim, a presença de uma moral muito explícita, que aponta a emergência e a importância de as meninas se afastarem do “lobo mau” da vida real, ou seja, há uma função utilitária. Porém perceba que, mesmo com função utilitária, a história possui uma função literária: o uso do fantástico, pela forma que a linguagem vai criando suspense. Assim, o que fez com que essa história ficasse marcada no imaginário ocidental não foi sua função utilitária, mas sim a sua função literária.

Por conseguinte, o processo de adaptar histórias, iniciado por Perrault, continuou e, assim, um século mais tarde, na Alemanha, tal tarefa foi feita pelos irmãos Grimm. Sob esse aspecto, observe a citação de Ceccantini (2012, p. 31).

Trata-se da obra Os Contos de Grimm, de autoria dos dois irmãos filólogos, de nacionalidade alemã, Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) Grimm. A primeira edição da obra veio a público em 1812, seguida de sucessivas edições ampliadas até 1822, data a partir da qual a coletânea passou a apresentar aos leitores versões de mais de 200 contos recolhidos pelos pesquisadores em variadas fontes. Em relação ao trabalho pioneiro de Perrault, essa obra mostra, para o caso da comparação entre os mesmos contos inseridos em uma e outra obra, que os Irmãos Grimm oferecem a seus leitores uma versão mais “suavizada” das histórias, sendo atenuados aspectos ligados ao erotismo e à violência presentes nas matrizes orais.

Os Irmãos Grimm ampliaram a gama de adaptações, sendo assim, suas versões dos contos de fada continuam com uma moral, entretanto atenuam a violência e tornam a linguagem mais próxima das crianças. Observe a versão dos autores para o conto da *Chapeuzinho Vermelho*.

Era uma vez uma meninazinha mimosa, que todo o mundo amava assim que via, mas mais que todos amava sua avó. Ela não sabia mais o que dar a essa criança. Certa vez, ela deu-lhe de presente um capuzinho de veludo vermelho, e porque este lhe ficava tão bem, e a menina não queria mais usar outra coisa, ficou se chamando Chapeuzinho Vermelho. Certo dia, sua mãe lhe disse: – Vem cá, Chapeuzinho Vermelho; aqui tens um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho, leva isto para a vovó; ela está doente e fraca e se fortalecerá com isto. Sai antes que comece a esquentar, e quando saíres, anda direitinha e comportada e não saias do caminho, senão podes cair e quebrar o vidro e a vovó ficará sem nada. E quando chegares lá, não esqueças de dizer bom-dia, e não fiques espiando por todos os cantos. – Vou fazer tudo como se deve, – disse Chapeuzinho Vermelho à mãe, dando-lhe a mão como promessa. A avó, porém, morava lá na floresta, a meia hora da aldeia. E quando Chapeuzinho Vermelho entrou na floresta, encontrou-se com o lobo. Mas Chapeuzinho Vermelho não sabia que fera malvada era aquela, e não teve medo dele. – Bom-dia, Chapeuzinho Vermelho, – disse ele. – Muito obrigada, lobo. – Para onde você vai tão cedo, Chapeuzinho Vermelho? – Para a casa da vovó. – E que trazes aí debaixo do avental? – Bolo e vinho. Foi assado ontem, e a vovó fraca e doente vai saboreá-lo e se fortalecer com o vinho. – Chapeuzinho Vermelho, onde mora a tua avó? – Mais um bom quarto de hora adiante no mato, debaixo dos três grandes carvalhos, lá fica a sua casa; embaixo ficam moitas de avelã, decerto já sabes isso, – disse Chapeuzinho Vermelho. O lobo pensou consigo mesmo: “Esta coisinha nova e tenra, ela é um bom bocado que será ainda mais saboroso do que a velha. Tenho de ser muito esperto, para apanhar as duas.” Então ele ficou andando ao lado de Chapeuzinho Vermelho e logo falou: – Chapeuzinho Vermelho, olha só para as lindas flores que crescem aqui em volta! Por que não olhas para o lado? Acho que nem ouves o mavioso canto dos passarinhos! Andas em frente como se fosse para a escola, e no entanto é tão alegre lá no meio do mato. Chapeuzinho

Vermelho arregalou os olhos, e quando viu os raios de sol dançando de lá para cá por entre as árvores, e como tudo estava tão cheio de flores, pensou: “Se eu levar um raminho de flores frescas para a vovó, ela ficará contente; ainda é tão cedo, que chegarei lá no tempo certo.” Então ela saiu do caminho e correu para o mato, à procura de flores. E quando apanhava uma, parecia-lhe que mais adiante havia outra mais bonita, e ela corria para colhê-la e se embrenhava cada vez mais pela floresta adentro. O lobo, porém, foi direto para a casa da avó e bateu na porta. – Quem está aí fora? – É Chapeuzinho Vermelho, que te traz bolo e vinho, abre! – Aperta a maçaneta, – disse a vovó, – eu estou fraca e não posso me levantar. O lobo apertou a maçaneta, a porta se abriu, e ele foi, sem dizer uma palavra, direto para a cama da vovó e engoliu-a. Depois, ele se vestiu com a roupa dela, pôs a sua touca na cabeça, deitou-se na cama e puxou o cortinado. Chapeuzinho Vermelho, porém, correu atrás das flores, e quando juntou tantas que não podia carregar mais, lembrou-se da vovó, e se pôs a caminho da sua casa. Admirou-se ao encontrar a porta aberta, e quando entrou, percebeu alguma coisa estranha lá dentro, que pensou: “Ai, meu Deus, sinto-me tão assustada, eu que sempre gosto tanto de visitar a vovó!” E ela gritou: – Bom-dia! Mas não reconheceu resposta. Então ela se aproximou da cama e abriu as cortinas. Lá estava a vovó deitada, com a touca bem afundada na cabeça, e um aspecto meio esquisito. – Ai, vovó, que orelhas grandes você tem! – É para te ouvir melhor. – Ai, vovó, que olhos grandes você tem! – É para te enxergar melhor. – Ai, vovó, que mãos grandes você tem! – É para te agarrar melhor. – Ai, vovó, que bocarra enorme você tem! – É para te devorar melhor. – E nem bem o lobo disse isso, deu um pulo da cama e engoliu a pobre Chapeuzinho Vermelho. Quando o lobo satisfez a sua vontade, deitou-se de novo na cama, adormeceu e começou a roncar muito alto. O caçador passou perto da casa e pensou: “Como a velha está roncando hoje! Preciso ver se não lhe falta alguma coisa”. Então ele entrou na casa, e quando olhou para a cama, viu que o lobo dormia nela. – É aqui que eu te encontro, velho malfeitor, – disse ele, – há muito tempo que estou à tua procura. Aí ele quis apontar a espingarda, mas lembrou-se de que o lobo podia ter devorado a vovó, e que ela ainda podia ser salva. Por isso, ele não atirou, mas pegou uma tesoura e começou a abrir a barriga do lobo adormecido. E quando deu algumas tesouradas, viu logo o vermelho do chapeuzinho, e mais um par de tesouradas, e a menina saltou para fora e gritou: – Ai, como eu fiquei assustada, como estava escuro lá dentro da barriga do lobo! E aí a velha avó saiu para fora ainda viva, mal conseguindo respirar. Mas Chapeuzinho Vermelho trouxe depressa umas grandes pedras, com as quais encheu a barriga do lobo. Quando ele acordou, quis fugir correndo, mas as pedras eram tão pesadas, que ele não pôde se levantar e caiu morto. Então os três ficaram contentíssimos. O caçador arrancou a pele do lobo e levou-a para a casa, a vovó comeu bolo e bebeu vinho que Chapeuzinho Vermelho trouxera, e logo melhorou, mas Chapeuzinho Vermelho pensou: ‘Nunca mais eu sairei do caminho sozinha, para correr dentro do mato, quando a mamãe me proibir fazer isso’.

Fonte: Grimm e Grimm (1989, p. 144-149).

Então, caro(a) aluno(a), consegue perceber as transformações operadas nos contos de fada? As diferenças entre a primeira e a segunda versão? O que as versões apresentam de diferente? É possível ver que a segunda versão é mais branda e menos violenta? Tanto em Perrault quanto nos Grimm, podemos notar a transformação dos contos da oralidade para o seu formato escrito. Para isso, foi preciso suprimir temas pesados, como a morte, a violência e, sobretudo, o desfecho cruel e infeliz, bem como o final foi substituído e, na segunda versão, Chapeuzinho e Vovó são salvas.

Porém, antes de prosseguir, é importante refletirmos sobre a importância dos contos de fada. A tradição de contos de fada, na literatura infantil, iniciou com a obra de Perrault e dos irmãos Grimm, continuando até os dias de hoje. Por isso, é comum relacionarmos sempre a literatura para crianças com o universo mágico dos contos de fada.

As características literárias dos contos de fada mostram-se muito importantes na construção da personalidade e na compreensão do mundo das crianças. Por isso, mesmo nos dias de hoje, é fundamental contar histórias para crianças e, assim, enriquecer o seu repertório de imaginação e simbolismo. Para finalizar, vamos ler uma citação de Bruno Bettelheim (2007), importante psicanalista que estudou os contos de fada.

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece seu desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança (BETTELHEIM, 2007, p. 20).

Isso acontece, caro(a) aluno(a), devido à importância da literatura de ajudar o ser humano a compreender melhor a si mesmo. Estudos da psicanálise, como aqueles empreendidos pelo autor citado, apontam que histórias, como os contos de fada, contribuem para a integração do ego e da simbolização. Outras propriedades positivas desses contos são o fato de que, por meio deles, as crianças conseguem entender e conhecer outras culturas, bem como aprendem a ter concentração e estabelecem contato com a fruição - o prazer literário.

Uma vez que apontamos a importância dos contos de fada, vamos continuar abordando a evolução das narrativas para crianças. A partir do impulso inicial dessas narrativas encantadas e inspiradas na tradição oral, aos poucos, foi surgindo, na Europa, uma literatura autoral, ou seja, menos fundamentada em contos orais e adaptações de histórias que já existiam e mais voltada à criação criativa, isto é, histórias inventadas.

Um grande autor e iniciador foi Hans Christian Andersen, nascido em 1805, na Dinamarca, que foi autor de grandes clássicos, como *O Patinho Feio*, *A Pequena Sereia*, dentre outros. A obra do autor é um marco, pois, ao escrever histórias para seus próprios filhos, criava narrativas com elementos de adequação, com o potencial de encantar os pequenos leitores. Além disso, algumas de suas histórias foram inspiradas nos contos e lendas nórdicas, contudo, sua maioria foi inventada e caracterizada por meio de grande imaginação, humor e sensibilidade. Andersen teve o privilégio de ser reconhecido em vida como um grande autor, tornando-se um dos autores clássicos da literatura infantil. Por isso, o dia mundial da literatura infantil é 2 de abril, dia de seu nascimento. Sugerimos que busque e procure, na internet e em bibliotecas, a obra do autor.

Caro(a) aluno(a), citamos Andersen e suas obras pois, a partir destas, os contos com histórias mais realistas, voltadas para os pequenos, aos poucos, começaram a aparecer em maior quantidade na literatura para crianças. Diante disso, tivemos um panorama a respeito da formação da literatura infantil no contexto ocidental. Vamos, agora, entender melhor como isso aconteceu em território brasileiro?

ATIVIDADES

1) A origem da literatura infantil ajuda-nos a compreender uma série de questões observadas até os dias de hoje: a presença de um discurso moralizante e didático nas obras infantis. Em relação à evolução e ao início da literatura infantil, analise as alternativas a seguir.

I - Há uma relação do início da literatura infantil com os contos de fada, pois foram os primeiros textos direcionados para crianças. Foram histórias orais adaptadas por autores, prezando fidelidade extrema ao relato inicial, mesmo que houvesse violência e conteúdo sexual.

II - Os autores considerados os precursores da literatura Infantil são Perrault e os Irmãos Grimm, que fizeram este trabalho de colher histórias do povo e transformá-las e adaptá-las em histórias atraentes para crianças, o que conhecemos, hoje, como contos de fada.

III - Um nome importante da Literatura Infantil é Hans Christian Andersen, pois, a partir dele, existiram histórias autorais, ou seja, narrativas para crianças criadas de forma original, sem a necessidade de adaptar uma história colhida na oralidade.

IV - No mundo contemporâneo, os contos de fada são desaconselhados para crianças, já que são textos que fizeram sentido no passado e que, hoje, não são mais atrativos e interessantes para as crianças.

Assinale a alternativa que aponta quais assertivas são verdadeiras.

- a) Afirmativas I e II.
- b) Afirmativas II e III.
- c) Afirmativas III e IV.
- d) Afirmativas I e IV.
- e) Afirmativas II e IV.

História da Literatura Infantil no Brasil

Caro(a) aluno(a), na seção anterior, conhecemos um pouco sobre a importância e o início da literatura infantil, analisando e refletindo sobre o papel dos contos de fada. Até agora, já elencamos alguns dos principais atributos e funções da literatura infantil.

Desse ponto em diante, trataremos, especificamente, da realidade brasileira: a forma e os meios em que a literatura infantil nasceu e prosperou em nosso país. Vamos lá?

O Início da Literatura Infantil no Brasil

Nos séculos XVIII e XIX, no Brasil, circulavam as adaptações e traduções de livros para infância que existiam na Europa. Eram adaptações das Fábulas, bem como dos contos de Perrault e dos Irmãos Grimm e, posteriormente, adaptações de Andersen. Até o final do século XIX, ainda não existiam autores brasileiros escrevendo para crianças e jovens. Sobre o surgimento da literatura infantil no Brasil, Lajolo e Zilberman (2007) apontam que

a literatura infantil brasileira só veio a surgir muito tempo depois, quase no século XX, muito embora ao longo do Século XIX reponte, registrada aqui e ali, a notícia do aparecimento de uma ou outra obra destinada a crianças. Com a implantação da Imprensa Régia, que inicia, oficialmente em 1808, a atividade editorial no Brasil, começam a publicar-se livros para crianças; a tradução de *As aventuras pasmosas do Barão de Munkausen* e, em 1818, a coletânea de José Saturnino da Costa Pereira, *Leitura para meninos*, contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras, e um diálogo sobre geografia, cronologia, história de Portugal e história natural. Mas essas publicações eram esporádicas (a obra que se seguiu a elas só surgiu em 1848, outra edição das *Aventuras do Barão de Münchhausen*, agora com a chancela da Laemmert) e, portanto, insuficientes para caracterizar uma produção literária brasileira regular para a infância (ZILBERMAN, LAJOLO, 2007, p. 23-24).

A partir da citação acima, podemos elencar, como autores importantes do final do século XIX, Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel, os dois responsáveis pela tradução e adaptação de diversas obras. Zilberman (2016, p. 12) aponta que é importante valorizar a literatura desse período, por seu valor histórico. Segundo a autora, “ao incorporar elementos da narrativa de circulação oral, ainda quando mediados pela norma culta, e oriundos da tradição popular, a literatura infantil começa a constituir-se enquanto gênero autônomo com características próprias”, ou seja, a literatura infantil passa a existir no Brasil.

Observe o quadro a seguir, com as características dessa literatura que começava a nascer no Brasil.

Características da Literatura Infantil do Séc. XIX
O emprego de uma linguagem que, marcada pela coloquialidade, reproduz o processo de transmissão de histórias do adulto para a criança
O direcionamento do leitor, seja no sentido de orientá-lo intelectual ou emocionalmente, seja no sentido de seduzi-lo
A dependência do mercado consumidor, a partir do qual se define e ao qual alimenta em proporções sempre crescentes
A proximidade com a literatura escolar, com a qual se confundiu por muito tempo e da qual não se livrou, seja por que depende de os professores ensinarem as crianças a lerem, seja por que carece da aprovação dos adultos

Quadro 1.2 - Características da Literatura Infantil do Final do Séc. XIX e início do séc. XX

Fonte: Zilberman (2016, p. 23).

Outros autores importantes do período são Tales de Andrade (1890- 1977), que escreveu *Saudade*, em 1919, Olavo Bilac (1865-1918), com *Contos de Escola de 1884*, além de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), que escreveu *Contos Infantis*, em 1886, dentre outros.

É preciso considerar que a literatura infantil dessa época, apesar do mérito fundador, ou seja, apesar de ser importante, por ter sido a primeira manifestação genuinamente brasileira de uma produção para crianças, é uma literatura que ainda não valoriza a realidade brasileira, não valoriza o olhar e o mundo da criança brasileira, estando fundamentada em um imaginário europeu. Além disso, há uma forte ênfase no ufanismo, em uma função moralizante. Em suma, existe uma função utilitária. Para compreender melhor esse aspecto, vamos ler, juntos, um poema infantil do período, o poema *O trabalho*, de Olavo Bilac, retirado da obra *Poesias Infantis* de 1904.

O Trabalho

*Tal como a chuva caída
Fecunda a terra, no estio,
Para fecundar a vida
O trabalho se inventou.*

*Feliz quem pode, orgulhoso,
Dizer: “Nunca fui vadio:
E, se hoje sou venturoso,
Devo ao trabalho o que sou!”*

*É preciso, desde a infância,
Ir preparando o futuro;
Para chegar à abundância,
É preciso trabalhar.*

*Não nasce a planta perfeita,
Não nasce o fruto maduro;
E, para ter a colheita,
É preciso semear...*

Fonte: Bilac (1935, p. 115-116).

Caro(a) aluno(a), o poema que acabamos de ler encantaria as crianças de hoje? Provavelmente, não, pois, por ter uma função utilitária muito marcada, o poema acaba ficando muito preso ao seu contexto de produção. Mas por qual razão o poema era considerado como infantil para as crianças de sua época? Primeiramente, ele faz parte do livro *Poesias Infantis*, obra que Bilac fez pensando na escola da época, bem como forma de ensinar às crianças valores morais presentes na época. Além disso, no nível formal, o poema está em redondilha menor, ou seja, cinco sílabas poéticas; esta é uma medida do verso considerada “popular” pela facilidade de memorização. Na obra de Bilac, a redondilha é utilizada nos poemas pensados para crianças. Além disso, na época do poema, na literatura adulta, imperava-se o simbolismo e o parnásianismo. Bilac pertencia ao último e, nesses poemas, usava rimas raras, complexas e tinha citações e reproduções de referências latinas e gregas. O poema que lemos não tem essas características. O seu percurso de sentido propõe um ensinamento e há, inclusive, a inclusão da palavra “infância”, o que fortalece o endereçamento para o público.

FIQUE POR DENTRO

Para conhecer mais sobre a poética de Olavo Bilac e de outros autores da Literatura infantil brasileira do início do século XX e final do século XIX, consulte o site a seguir, que apresenta um apanhado de autores e obras desse período. Atualmente, é bastante difícil ter acesso às obras do período citado, por isso, a consulta ao site pode mostrar-se muito útil para conhecer mais o que era considerado Literatura Infantil na época. Consulte o *link*: <https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/LiteraturaInfantil/Poesias%20Infantis/Pi01.htm>.

Acesso em: 20 jan. 2020.

FIQUE POR DENTRO

Para conhecer mais sobre a produção infantil do Brasil no Século XIX, recomendamos a leitura do artigo de Regina Zilberman a seguir. Esse é um estudo e um apanhado sobre algumas das importantes produções para crianças, ambos criados no final do século XIX e no início do século XX. Vale a pena a leitura para agregar esse conhecimento no *link*: <http://ken.pucsp.br/fronteiraz/article/view/29413>. Acesso em: 20 jan. 2020.

Monteiro Lobato

Caro(a) aluno(a), Monteiro Lobato é tão marcante que existe a ideia de que ele foi o escritor que iniciou a literatura infantil no Brasil. Como vimos, ela já existia, pois há registros de escritores dedicando obras para crianças desde o século XIX, por exemplo, os autores Olavo Bilac e Júlia Lopes de Almeida, os quais foram citados na seção anterior. Porém foi com Lobato que a literatura infantil teve um viés emancipador: passou a ter espaço uma literatura que respeitava o leitor infantil, dando-lhe voz e vez para esse público fazer suas próprias interpretações. Além disso, a paisagem brasileira, além das tradições, costumes, lendas e folclore de nosso país foram utilizados como inspiração literária. Por exemplo, o saci-pererê, importante personagem do folclore nacional, é um dos personagens utilizados pelo autor em suas obras. Por isso, Lobato é tão importante, e a sua obra tem um efeito de revolução, como veremos a seguir.

O Dia Nacional da Literatura Infantil, no Brasil, é comemorado em 21 de abril. Você sabe a razão, caro(a) aluno(a)? Se você respondeu que essa foi a data de nascimento de Monteiro Lobato, acertou! Exatamente isso! Sua importância é tamanha que seu nascimento é a data comemorativa da literatura infantil. Você já leu um dos livros de Monteiro Lobato para crianças?

Recomendamos! Esta, inclusive, é uma leitura indispensável para entender a literatura infantil do país.

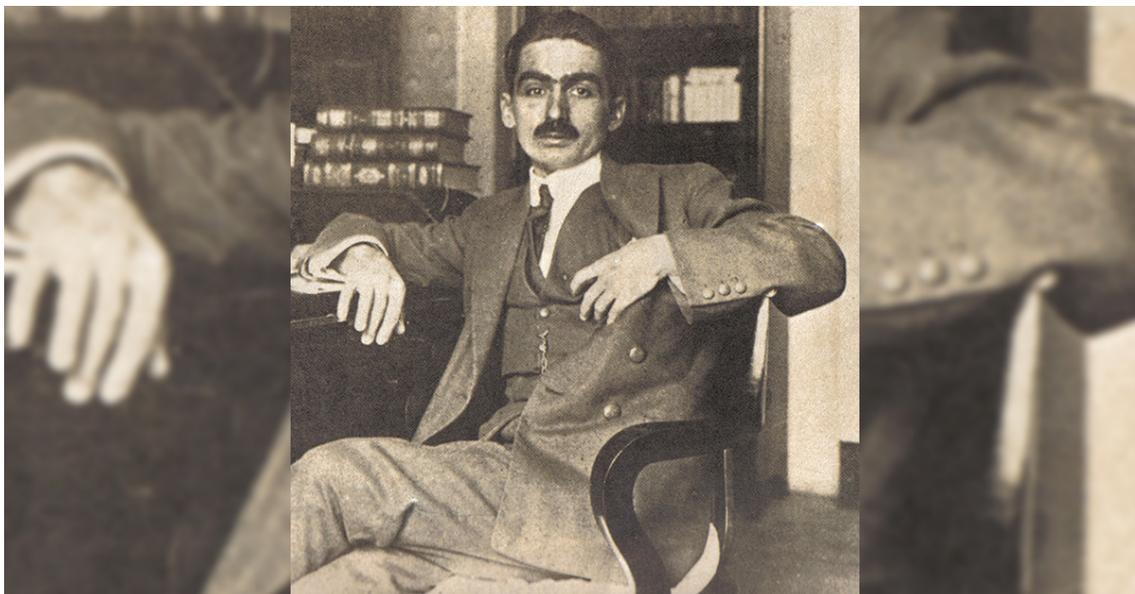


Figura 1.1 - Monteiro Lobato

Fonte: Whooligan / Wikimedia Commons.

Provavelmente, você conhece e/ou já ouviu falar sobre o *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, de Emília, de Dona Benta, de Visconde de Sabugosa e de outros importantes personagens. Mas você sabe por que a obra de Lobato é tão importante? Para tentar compreender, vamos ler o início da obra *Reinações de Narizinho*.

I - Narizinho

Numa casinha branca, lá no sítio do Pica-pau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando: — Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto... Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas — Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem. Narizinho tem sete anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos. Na casa ainda existem duas pessoas — tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo. Emília foi feita por tia Nastácia, com olhos de retrós preto e sobrancelhas tão lá em cima que é ver uma bruxa.

Apesar disso Narizinho gosta muito dela; não almoça nem janta sem a ter ao lado, nem se deita sem primeiro acomodá-la numa redinha entre dois pés de cadeira. Além da boneca, o outro encanto da menina é o ribeirão que passa pelos fundos do pomar. Suas águas, muito apressadinhas e mexeriqueiras, correm por entre pedras negras de limo, que Lúcia chama as “tias Nastácias do rio”. Todas as tardes Lúcia toma a boneca e vai passear à beira d’água, onde se senta na raiz dum velho ingazeiro para dar farelo de pão aos lambaris. Não há peixe do rio que a não conheça; assim que ela aparece, todos acodem numa grande fome. Os mais miúdos chegam pertinho; os graúdos parece que desconfiam da boneca, pois ficam ressabiados, a espiar de longe. E nesse divertimento leva a menina horas, até que tia Nastácia apareça no portão do pomar e grite na sua voz sossegada: — Narizinho, vovó está chamando!...

II - Uma vez...

Uma vez, depois de dar comida aos peixinhos, Lúcia sentiu os olhos pesados de sono. Deitou-se na grama com a boneca no braço e ficou seguindo as nuvens que passeavam pelo céu, formando ora castelos, ora camelos. E já ia dormindo, embalada pelo mexerico das águas, quando sentiu cócegas no rosto. Arregalou os olhos: um peixinho vestido de gente estava de pé na ponta do seu nariz. Vestido de gente, sim! Trazia casaco vermelho, cartolinha na cabeça e guarda-chuva na mão — a maior das galantezas! O peixinho olhava para o nariz de Narizinho com rugas na testa, como quem não está entendendo nada do que vê. A menina reteve o fôlego de medo de o assustar, assim ficando até que sentiu cócegas na testa. Espiou com o rabo dos olhos. Era um besouro que pousara ali. Mas um besouro também vestido de gente, trajando sobrecasaca preta, óculos e bengala. Lúcia imobilizou-se ainda mais, tão interessada estava achando aquilo. Ao ver o peixinho, o besouro tirou o chapéu, respeitosamente. — Muito boas tardes, senhor príncipe! — disse ele. — Viva, mestre Cascudo! — foi a resposta. — Que novidade traz Vossa Alteza por aqui, príncipe? — É que lasquei duas escamas do filé e o doutor Caramujo me receitou ares do campo.

Fonte: Lobato (2007, p. 7-8).

Encantador, não é verdade? Não dá vontade de continuar a leitura? A partir do trecho que acabamos de ler, podemos elencar algumas características da obra de Lobato, conforme disposto a seguir.

- Linguagem coloquial: para a época de sua escrita, década de 20 do séc. XX, a escrita aproximava-se muito da oralidade, da coloquialidade, isto é, da fala das crianças da época.
- Personagens infantis que geram identificação com as crianças.

- Uso do fantástico, do insólito e da fantasia.
- Uso de temas e paisagens brasileiras, o que é facilmente compreendido por crianças brasileiras.
- A criança é respeitada como leitor, como aquele ser capaz de fazer a própria interpretação. Não há uma moral explícita; a função literária é mais proeminente.

Ademais, existem outras importantes características que não estão neste trecho.

- Valorização do folclore brasileiro.
- Uso de contos de fada, fábulas e outras histórias literárias como elementos de intertextualidade.
- Uso de cinema, teatro e outros elementos da modernidade como elementos de intertextualidade.

Os aspectos citados podem ser comprovados na perspectiva das autoras Lajolo e Zilberman (2007) que apontam como uma principal qualidade de Lobato a atualização de personagens, sejam eles clássicos dos contos de fadas sejam eles releituras de personagens modernos. Além disso, Lobato atualizava cenários e ideias, como por exemplo, a Segunda Guerra Mundial e ideias de desenvolvimento industrial e emancipação econômica. Lobato permeava as suas histórias com múltiplas referências como tecnologia, história, cinema, quadrinhos. Em relação à literatura infantil, o autor sempre foi à frente do seu tempo. Aguiar (2012) aponta que Monteiro Lobato trouxe o modernismo para a literatura juvenil, fazendo uma revolução na forma com que se escrevia para crianças. Além disso, o autor tinha a preocupação de fazer com que seus livros chegassem às escolas e conquistassem leitores. Nelly Novaes Coelho define Lobato da seguinte forma: Frente à realidade brasileira, Lobato foi um batalhador. Nascendo no ocaso do Império, conheceu todas as mutações que fizeram o Brasil de hoje: a Abolição da Escravatura; a implantação da República; a eclosão do Modernismo; o fim da República Velha; a Revolução de 30 e o advento da Era Getuliana; assistiu à queda do Estado Novo, em 1945, e à redemocratização do país, com o General Dutra, em 46. Foi contemporâneo da Guerra Mundial – 39/45; assistiu à explosão da Bomba Atômica em Nagasaki e Hiroshima e ao início da Guerra Fria [...]. A produção e ação de Lobato demonstram as tensões contraditórias que mediam em seu espírito. [...]. Daí, muitas das acusações de “preconceito” que lhe foram feitas (e continuam...) [...]. De qualquer forma, algo é indiscutível: a obra lobatiana (infantil ou adulta) não pode ser desvinculada do momento em que foi construída, sob pena de ser truncada em sua verdadeira significação. Nela estão patentes as ambiguidades e paradoxos que marcaram a realidade brasileira, na primeira metade do século (COELHO, 2000, p. 719-720).

Em suma, a obra de Lobato considerava o leitor infantil não como alguém que deveria ser protegido de tudo, mas como um ser capaz de criar as próprias interpretações, ou seja, um ser capaz de emancipar-se.

Assim, Lobato provocou uma revolução na narrativa para crianças. E como será que isso aconteceu no campo da poesia, caro(a) aluno(a)? Vamos descobrir?!

ATIVIDADES

2) Monteiro Lobato é apontado como inovador, pelo amplo uso da intertextualidade e por inovações em relação ao uso da linguagem. Em relação a esse aspecto, observe um trecho retirado da obra *Reinações de Narizinho*. É um trecho que narra o encontro da Carochinha com Narizinho.

— Não sei — respondeu dona Carochinha — mas tenho notado que muitos dos personagens das minhas histórias já andam aborrecidos de viverem toda a vida presos dentro delas. Querem novidade. Falam em correr mundo a fim de se meterem em novas aventuras. Aladino queixa-se de que sua lâmpada maravilhosa está enferrujando. A Bela Adormecida tem vontade de espetar o dedo noutra roca para dormir outros cem anos. O Gato de Botas brigou com o marquês de Carabás e quer ir para os Estados Unidos visitar o Gato Félix. Branca de Neve vive falando em tingir os cabelos de preto e botar ruge na cara. Andam todos revoltados, dando-me um trabalhão para contê-los. Mas o pior é que ameaçam fugir, e o Pequeno Polegar já deu o exemplo.

Narizinho gostou tanto daquela revolta que chegou a bater palmas de alegria, na esperança de ainda encontrar pelo seu caminho algum daqueles queridos personagens.

— Tudo isso — continuou dona Carochinha — por causa do Pinóquio, do Gato Félix e sobretudo de uma tal menina do narizinho arrebitado que todos desejam muito conhecer. Ando até desconfiada que foi essa diabinha quem desencaminhou Polegar, aconselhando-o a fugir (LOBATO, 2007, p. 17).

Fonte: LOBATO, M. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Globo, 2007.

Considerando a citação apresentada e os conteúdos abordados no texto-base, analise as asserções a seguir e a relação proposta entre ambas.

I - Monteiro Lobato utilizava referências dos contos de fada e referências contemporâneas, como o Gato Félix, personagem famoso de desenhos da época.

PORQUE

II - Crianças têm dificuldades de reconhecer referências, ainda mais quando existem tantas, como menções a personagens de diferentes origens.

Assinale o que for correto.

- a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
- b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
- d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- e) As asserções I e II são proposições falsas.

A Literatura Infantil Brasileira na Contemporaneidade

Anos após Lobato, a literatura infantil, no Brasil, apresentou muitas mudanças e evoluções. Caro(a) aluno(a), vamos conhecer alguns contornos da literatura infantil brasileira nos dias de hoje? Vamos conhecer autores importantes, os quais nos auxiliam a fazer com que a nossa literatura para crianças e jovens seja considerada uma das melhores do mundo! Vamos lá?!

Poesia para Crianças e Jovens (Cecília Meireles)

Caro(a) aluno(a), vamos falar, especialmente, do gênero lírico. Como você sabe, existem três gêneros literários: o narrativo, o lírico e o dramático; em suma, narrativas, poemas e teatro. Os três tiveram desenvolvimento na literatura infantil. Porém foi na década de 1950, do século XX, que a poesia infantil teve um impulso de qualidade. Devemos isso à grande poeta Cecília Meireles.

Algumas marcas da poesia da autora são o aproveitamento do espaço da página, a presença da musicalidade, a intertextualidade com elementos do folclore e do saber popular. Segundo Martha (2012), a principal qualidade da poesia de Cecília Meireles é o uso de jogos sonoros, ou seja, os sons e os fonemas são mobilizados e criam brincadeiras que aproximam a criança do texto.

Há uma aproximação com o mundo da criança tanto no plano do tema, pois seus poemas tratam de brincadeiras, hábitos e percepções sobre a natureza, quanto no plano da forma, já que há uma simplificação da sintaxe. Martha (2012) ainda aponta que Cecília opera uma síntese poética do mundo infantil, pois, “com a obra, a autora propõe uma lírica infantil que se nutre do melhor da poesia de língua portuguesa de todos os tempos e de múltiplas referências intelectuais, com o propósito único de sensibilizar os pequenos leitores com a beleza, cultivar sua inteligência e criatividade, revelando-lhes, em todas as possibilidades, os jogos sonoros da língua” (MARTHA, 2012, p. 83).

Caro(a) aluno(a), vamos observar todas essas propriedades lendo o texto a seguir.

Jogo da bola

A bela bola rola:

a bela bola de Raul.

Bola amarela,

a da Arabela.

A do Raul, azul.

Rola a amarela e pula a azul.

A bola é mole, é mole e rola.

A bola é bela, é bela e pula.

É bela, rola e pula, é mole, amarela, azul.

A do Raul é de Arabela,

e a da Arabela é de Raul.

Fonte: Meireles (1990, p. 13).

Caro(a) aluno(a), perceba o jogo de sons e ritmos que torna o poema absolutamente musical e divertido. O poema aproxima-se da realidade da criança: a brincadeira de bola é um assunto que faz parte do seu horizonte de expectativa. Juntamente com uma brincadeira conhecida, o poema propõe um jogo com sons e ritmos, o qual parece até imitar a ondulação de uma grande bola de plástico. A repetição dos sons de consoantes com l e r amplia a sinestesia, ou seja, a relação entre os sentidos: a visão representada pelas cores, o tato pelo “mole” das bolas e, até mesmo, o som, que ecoa figurativamente. Percebeu? O poema é um exemplo da sensibilidade poética de Cecília.

Além de ser uma exímia e talentosa poeta para crianças, ela também publicou um livro teórico sobre literatura infantil. Nessa obra, a autora afirma que

a crítica, se existisse, e em relação aos livros infantis, deveria discriminar as qualidades de formação humana que apresentam em condições de serem manuseados pelas crianças. Deixando sempre uma determinada margem para o mistério, para o que a infância descobre pela genialidade da sua intuição (MEIRELES, 1984, p. 32).

A citação de Cecília aponta uma preocupação com algo que já afirmamos anteriormente, no caso, a crítica à qualidade de uma obra infantil deve ser direcionada às suas qualidades enquanto objeto estético, isto é, às suas propriedades enquanto obra literária. Para Cecília, o mistério da literatura deve ser a principal essência de uma obra para crianças.



Figura 1.2 - Cecília Meireles

Fonte: Folhapress / Wikimedia Commons.

Após o impulso inicial dado por Cecília Meireles, em relação à poesia para crianças, atualmente, há muita produção poética endereçada para crianças e jovens. Segundo Lajolo e Zilberman (2007), na atualidade, houve uma importante mudança, com relação aos contornos da poesia infantil. Além desta ter se consolidado (novos autores surgiram, ampliando o número de publicações), a qualidade literária das produções aumentou. Isso se deve, principalmente, ao fato de a poesia não ter mais a obrigação de ser moralizante ou pedagógica, ou seja, a poesia libertou-se da obrigação de ensinar um conteúdo moral ou um conteúdo escolar. O que passou a ser a centralidade de uma obra de poesia é a brincadeira com as palavras que ela permite, é a construção da subjetividade da criança leitora, a maneira que a forma do poema constrói sentidos e faz a criança jogar com os significados. Em relação a esse aspecto, observe a citação a seguir.

Nesse amadurecimento, a poesia infantil aproxima-se da não-infantil do mesmo período, igualmente fértil em experiências poéticas que englobam tanto o engajamento do Violão de Rua, quando a migração para a música e a ruptura da poesia marginal. A primeira marca dessa poesia infantil mais recente é o abandono da tradição didática que, por um longo tempo, transformou o poema para crianças em veículo privilegiado de conselhos, ensinamentos e normas. Ao menos seus poetas maiores Sidônio Muralha, Cecília Meireles e Vinícius de Moraes parecem ter varrido do horizonte qualquer compromisso antigo com a pedagogia de valores tradicionais. O rompimento com o universo ideológico em que se movia a poesia de tradição bilaquiana — variações em torno do ama-com-fê-e-orgulho-a-terra-em-que-nasceste — deflagra uma reviravolta formal, O que diz essa poesia de hoje e como o diz, mergulha-a na poética da modernidade, na qual já se move a poesia não-infantil desde os anos 20 (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 144-145).

Dessa forma, houve uma ampliação temática: os poemas passaram a utilizar os mais variados temas, como a cidade, a escola, preferências, folclores e jogos de palavras. Assim, segundo as autoras citadas, no passado, havia a delimitação de que apenas brincadeiras e a natureza poderiam ser utilizadas como temas de poesias para crianças. Com essa natural evolução da poesia infantil e juvenil, a gama de temas foi ampliada.

Portanto, há poemas enfocando o amor adolescente, o folclore nacional, descobertas da infância e o mundo dos bichos. Não há assunto que não possa ser abordado pela poesia infantil e juvenil. Os caminhos para o encantamento dos pequenos e dos jovens são múltiplos. Como dica para entender melhor essa nova poesia para crianças e adolescentes, pesquise e conheça a obra de Roseana Murry, Lalau, João Paulo Paes, Ricardo Azevedo, Ângela Lago, Elias José, dentre outros poetas.

Literatura Infantil na Contemporaneidade: Lygia Bojunga, Ana Maria Machado, Ruth Rocha

Monteiro Lobato provocou uma grande revolução na Literatura Infantil. O autor foi tão marcante que influenciou quase todos os escritores que vieram depois dele. Entretanto até a década de 60, a produção literária para crianças continuou tímida, pouco expressiva e existem até alguns autores que retrocederam aos avanços e conquistas feitas por Monteiro Lobato, escrevendo e cultivando uma literatura que não permitia a emancipação da criança.

Entretanto, a partir da década de 70 e 80, começaram a surgir grandes autores, os quais levaram a literatura infantil para um patamar de excelência, com autores vencendo, inclusive, o prêmio mais importante de literatura infantil do mundo, o Hans Christen Andersen. Dentre os muitos autores que poderiam ser destacados, vamos apresentar três das mais importantes: Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Lygia Bojunga.

Para compreender melhor a diferença entre os dois períodos, observe o quadro a seguir.

Período Precursor	Período Pós-Lobatiano
Autoritarismo Dogmatismo Verdades veiculadas pelo discurso são inquestionáveis Apagamento dos universos individuais das personagens e do leitor, sujeição ao narrador Narrador como centro irradiador da consciência, das vozes e dos pontos de vista do texto Narrador não admite a existência da consciência do outro O outro é coisificado, não se colocam as múltiplas facetas da realidade social no universo de objetos dóceis e surdos	Libertação do indivíduo Dialogismo, realidade em formação Verdades em construção Imagem do homem em um processo de comunicação interativa Narrador é regente do imenso coro de vozes que participam do processo dialógico Consciência da personagem é a consciência do outro, o ativismo do autor indaga, responde, provoca e questiona Libertação do indivíduo por meio da percepção da realidade social Homem-personagem visto em seu movimento interior, vinculado movimento da história social e cultural da sua época
TEXTO MONOLÓGICO	TEXTO POLIFÔNICO

Quadro 1.3 - Períodos da Literatura Infantil Brasileira

Fonte: Gregorin Filho (2010, p. 53).

O texto monológico é aquele que apresenta uma única voz, uma única verdade possível, uma única interpretação. Por sua vez, o texto polifônico é o texto que apresenta várias vozes e abre-se para diversas perspectivas interpretativas.

Vamos conhecer melhor três grandes autoras da literatura infantil?

Ana Maria Machado nasceu no Rio de Janeiro, em 1941. É jornalista, professora e escritora. No ano 2000, ganhou o Prêmio Hans Christian Andersen, prêmio máximo da literatura infantil no mundo. Em 2012, ganhou o prêmio Ibero-americano SM de Literatura Infantil y Juvenil. Começou a escrever em 1969, em plena ditadura militar brasileira e nunca mais parou. Sobre este período, a própria escritora comenta “[...] por incrível que pareça, os militares não deram a menor importância aos livros para criança. [...] E acabou ocorrendo algo inesperado: foi justamente a partir do AI-5 que houve o chamado boom da literatura infantil brasileira” (MACHADO, 2001, p. 81).

Alguns livros infantis e juvenis de Ana Maria Machado são: *Isso Ninguém Me Tira*, *Bento que Bento é o Frade*, *Bisa Bia*, *Bisa Bel*, *De olho nas penas*, *Bem do seu tamanho*, *Tudo ao mesmo tempo agora*, *Abrindo Caminho*, *Alguns Medos e Seus Segredos*, *Era Uma Vez Três*, *O Gato do Mato e o Cachorro do Morro*, *Menina Bonita do Laço de Fita*, *De carta em carta*, *Quem manda na minha boca sou eu!!*, *O domador de monstros* e *História Meio ao Contrário*.

Dentre essas obras, destacamos *História Meio ao Contrário*, que é um conto de fada que começa pelo fim, ou seja, começa por um rei e uma rainha casando-se e vivendo felizes para sempre! Essa história terminará com um “Era uma vez...”. Além dessa inversão estrutural, é uma obra que falará sobre liberdade, democracia, amor, livre-arbítrio, autoritarismo e outros assuntos complexos, mas que, na escrita de Ana Maria Machado, ficam leves e endereçados ao leitor infantil.

Ruth Rocha nasceu em São Paulo, em 1931. Dedicou-se especialmente à literatura infantil, criando uma obra alegre e diversificada. Dentre suas principais obras, destacam-se *Marcelo*, *Marmelo*, *Martelo*, *Ninguém gosta de mim*, *O Reizinho Mandão*, *Sapo Vira Rei Vira Sapo*, *Faz Muito Tempo*, *O Que os Olhos Não Vêm*, *Procurando Firme*, *Este Admirável Mundo Louco*, *Faca Sem Ponta*, *Galinha Sem Pé*, *Romeu e Julieta* e muitas outras obras.

Para conhecer melhor Ruth Rocha, vamos ler um trecho de sua obra *Marcelo*, *Marmelo*, *Martelo*.

Marcelo vivia fazendo perguntas a todo mundo:

- Papai, por que é que a chuva cai?
 - Mamãe, por que é que o mar não derrama?
 - Vovó, por que é que o cachorro tem quatro pernas?
- As pessoas grandes às vezes respondiam. Às vezes, não sabiam como responder.*
- Ah, Marcelo, sei lá... Uma vez, Marcelo cismou com o nome das coisas:
 - Mamãe, por que é que eu me chamo Marcelo?
 - Ora, Marcelo foi o nome que eu e seu pai escolhemos.

- *E por que é que não escolheram martelo?*
– *Ah, meu filho, martelo não é nome de gente! É nome de ferramenta...*
– *Por que é que não escolheram marmelo?*
– *Porque marmelo é nome de fruta, menino!*
– *E a fruta não podia chamar Marcelo, e eu chamar marmelo?*

Fonte: Rocha (1991, p. 4-6).

No trecho, podemos perceber toda a inventividade da autora, na criação de um protagonista criança, muito esperto, que faz uma brincadeira com as palavras, o que é compreensível e atrativo para o leitor infantil.

Outra autora muito importante é Lygia Bojunga, que nasceu em 1932, no Rio Grande do Sul, e é reconhecida como a herdeira ou sucessora de Monteiro Lobato, por estabelecer, em suas obras, um espaço e uma realidade em que a criança tem – por meio da liberdade da imaginação – uma chave para a resolução de conflitos. A autora tem uma grande habilidade para misturar o real e a fantasia, além alcançar um estilo fluente entre o coloquial e o monólogo interior, que provoca um efeito de uma perfeita comunicação com seu leitor. Uma das marcas da autora é tratar de temas polêmicos com muita sensibilidade, por exemplo, divórcio, separação, assassinato, suicídio, dentre outros que, por algum tempo, eram censurados para os mais jovens. Algumas das obras mais importantes dela são: *Os Colegas*, *Angélica*, *A Bolsa Amarela*, *A Casa da Madrinha*, *Corda Bamba*, *O Sofá Estampado*, *Tchau*, *O Meu Amigo Pintor*, *Nós Três*, *Seis Vezes Lucas*, *O Abraço*, *Retratos de Carolina*, *Sapato de Salto*, dentre outras.



Figura 1.3 - Lygia Bojunga

Fonte: Mídia promocional do programa Impressões do Brasil (TV Brasil) / Wikimedia Commons.

Outro fato é que a literatura infantil ampliou-se e passou a tratar de uma gama de novos gêneros e novas modalidades narrativas. Lajolo e Zilberman (2007) apontam que passaram a fazer parte do universo da literatura infantil temas e gêneros que não eram frequentes para o leitor infantil, como a história policial e a história de ficção científica. Outro ponto importante de mudança é que se, nas décadas de 20, 30, 50 e 60, o universo da infância era rural, agora, este passou a ser predominantemente urbano, pois o cotidiano das cidades e da urbanidade é descrito e tem a centralidade da maioria das obras para crianças.

Assim, para as autoras, “é o bulício da cidade que engendra tanto a infração e a restauração do equilíbrio social (com o desvendamento do crime e a exposição do culpado), quanto o cotidiano da experiência científica, de onde se originam grandes inventos e superpoderes” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 155). Dessa forma, no século XXI, temos uma literatura infantil muito consistente, muito variada e com grandes nomes que, infelizmente, não temos tempo de tratar em profundidade.

Fica o convite para que você, caro(a) aluno(a), renda-se a esse universo de possibilidades e de obras absolutamente encantadoras. Além disso, é preciso mencionar a importância da ilustração enquanto elemento fundamental para ler e interpretar uma obra infantil. Consideramos o ilustrador de uma obra como o seu coautor, e o Brasil apresenta grandes e incríveis ilustradores para crianças.

ATIVIDADES

3) As últimas décadas foram importantes e definidoras de uma literatura infantil e juvenil de muita qualidade no Brasil. Nesse sentido, a poesia infantil e juvenil também observou uma expansão e um crescimento. Em relação a essa evolução, analise as assertivas a seguir e perceba quais realmente apontam elementos da poesia infantil da contemporaneidade.

- I - A poesia infantil da contemporaneidade é caracterizada pelo uso de um conteúdo moralizante e um fundo pedagógico, fatores que ampliam a relação da literatura com o processo de escolarização.
- II - A poesia, hoje, promoveu um rompimento com o universo ideológico em que se movia a poesia de tradição bilaciana e positivista, ou seja, parou de orbitar em torno de variações de ama-com-fé-e-orgulho-a-terra-em-que-nasceste.
- III - A poesia infantil contemporânea apresenta inovações importantes no nível da forma. Por isso, não é importante apenas o que diz a poesia de hoje, mas como se diz.
- IV - A poesia infantil contemporânea passou a negar a importância do verso, das rimas, das estrofes e de qualquer estrutura formal. O verso livre passou a ser a única forma possível.

Assinale a alternativa que apresenta as assertivas que definem corretamente a poesia infantil de hoje.

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) II e IV.
- d) I e IV.
- e) III e IV.

Gênese da Literatura Juvenil

Caro(a) aluno(a), já definimos e entendemos o que é a narrativa infantil. Agora, vamos abordar a literatura juvenil. Portanto, trataremos, especialmente, de como a narrativa juvenil, no Brasil, permite observar a formação de um subsistema literário.

No Brasil e no mundo, essa categorização é muito recente. Há pouco tempo, estudos e autores usam a nomenclatura “literatura juvenil”. Isso acontece porque o próprio conceito de juventude e de adolescência apenas foi solidificado na segunda metade do século XX e, dessa forma, também é muito recente. Com relação a esse aspecto, Ceccantini (2000), em um texto inaugural dos estudos sobre literatura juvenil no Brasil, aponta que, até o ano 2000, não existiam estudos rigorosos sobre o gênero juvenil, porém já era perceptível que havia sido formado um subsistema literário. Dessa forma, mesmo sem estudos, havia, no Brasil, obras e autores dedicados ao público adolescente e jovem. Atualmente, podemos considerar que existem autores comprometidos com escrever para jovens de uma maneira literária e artística. Há leitores que consomem essas obras e editoras interessadas em produzir livros a esse público. Assim, com autores, obras e leitores, temos um subsistema literário em amplo funcionamento.

A literatura Juvenil obteve reconhecimento como um campo literário específico muito recentemente. Entretanto defini-la ainda é uma tarefa complexa e permeada por imprecisões, porque não há uma maneira clara de delimitar o que uma obra para jovens leitores teria de diferente de uma obra para leitores adultos. Nesse contexto, o mercado editorial, por questões comerciais, acaba sendo o classificador de obras e definindo quais seriam as obras adequadas para os adolescentes. Por isso, torna-se pertinente que a universidade estude e analise a literatura juvenil, com o intuito de exercer um olhar crítico sobre as produções lançadas pelas editoras.

Em relação ao próprio conceito de juventude, convém observar o que o estudioso Groppo (2000, p. 271) aponta:

Originada da cultura e da sociedade ocidental, capitalista, burguesa, liberal, etc. do século XIX, a nossa concepção de juventude ainda é marcada por caracteres definidores e legitimadores científicos, baseados em uma noção evolucionista do ser humano e das coisas. Ou seja, uma concepção em que o ser humano é pensado como um indivíduo que, biológica, mental e socialmente, evolui da fase infantil à fase adulta, sendo a juventude uma fase intermediária. A juventude, fase intermediária e de evolução da criança ao indivíduo adulto, é muitas vezes chamada de puberdade ou adolescência e, às vezes, há a combinação desses nomes. Na verdade, foram as ciências médicas e a psicologia, manipulando esses conceitos, que primeiro legitimaram cientificamente a concepção dessa fase que cria o indivíduo adulto.

Assim, o conceito de juventude e de adolescência foi forjado, culturalmente, ao longo das últimas décadas e, recentemente, pensa-se em produtos específicos a essa faixa etária, inclusive, a literatura.

Colomer (2003, p. 23) pontua que, nos últimos anos, “surgiram perguntas como ‘existe o romance juvenil?’, ‘que traços podem diferenciá-lo da literatura para adultos?’, ‘devemos entendê-lo como aqueles textos que, entre todo corpus literário de adultos, encontram-se próximos) à experiência vital de adolescentes ou como textos escritos especialmente para eles?’”. São perguntas com respostas ainda em aberto.

Com a escolarização obrigatória, houve a necessidade de criação de obras que servissem de “ponte” entre o mundo da infância e os cânones literários. Antes da noção de que a adolescência é uma fase intermediária entre a infância e a vida adulta, lia-se, diretamente, ficção adulta ou adaptações de obras como *As viagens de Gulliver* (1735), de Jonathan Swift e *Robinson Crusoe* de Daniel Defoe (1717) (CECCANTINI, 2000).

As adaptações ou releituras de obras clássicas focadas em um público mais jovem são populares, marcantes e representam a gênese da literatura juvenil. Nesse sentido, um conceito importante, para compreender melhor essa literatura, é o conceito de *Crossover Fiction*. Esse termo foi utilizado pela autora Sandra Beckett (2009), na obra *Crossover Fiction: global and historical perspectives*, para explicar as obras que cruzam fronteiras entre públicos, ou seja, obras que, apesar de terem sido criadas para um determinado leitor – adulto, jovem, criança – atingem e são consumidas por outros. Esse conceito ajuda a explicar a gênese da literatura juvenil, uma vez que, primeiramente, os jovens passaram a ler e adotar como suas obras que não foram pensadas para eles. Nesse contexto, são exemplos dessa apropriação: *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift; *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe; *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry; dentre

outros exemplos possíveis de obras que, hoje, são consideradas juvenis. No fim do século XX, observamos a eclosão do inverso, de outra modalidade de *Crossover Fiction*: obras escritas para crianças e adolescentes amplamente lidas e consumidas por adultos, por exemplo, *Harry Potter*, de J. K. Rowling, e *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer. Isso pode acontecer, pois as obras *Crossover* permitem a “elisão de limites, temáticos e genológicos, entre produções artísticas destinadas a públicos aparentemente distintos” (RAMOS, 2009, p. 301).

No Brasil, mais diretamente, foi a presença da escola e do mercado, que ampliaram e foram determinantes para a criação de um subsistema juvenil, uma vez que os autores passaram a escrever pensando nos jovens, bem como os jovens passaram a buscar livros pensados para eles e, assim, o mercado editorial investiu nesse segmento.

Sisto (2011, p. 243), como escritor, relata que “escrever para um leitor que não quer mais ser confundido com criança, e que ainda não tem a maturidade do adulto para enfrentar determinadas questões, é escrever em terreno movediço”. O adolescente ainda está decifrando o mundo, descobrindo o seu espaço e o seu lugar na ordem das coisas. Talvez, por isso, muitas obras voltadas para o público juvenil tenham a preocupação de serem narrativas de preparação: indivíduos vivendo situações realistas, que precisam passar por uma jornada de autoconhecimento e, ao enfrentar vários desafios, encaram o mundo com maturidade. No Brasil, temos, como exemplo, as obras de João Miguel Marinho, como *O gênio do Crime* (1965), *Bisa Bia, Bisa Bel* (1979), de Ana Maria Machado, a série *Os Karas* (1980), de Pedro Bandeira, dentre outros exemplos possíveis. Dessa maneira, a narrativa juvenil contemporânea parece reproduzir características do *Bildungsroman* – termo da literatura de expressão alemã, o qual caracteriza uma forma literária muito específica: romances de formação de um jovem.

Lukács (2000), apesar de ter sido um crítico do gênero, foi um dos estudiosos que melhor o definiu. Segundo Lukács (2000, p. 139), o tema por detrás do conceito de *Bildungsroman* “é a reconciliação do indivíduo problemático, guiado pelo ideal vivenciado, com a realidade social concreta”. Assim, em um romance de educação, o protagonista – herói – deve passar por um processo de formação, para estar preparado a realizar ações na sociedade.

O romance apontado como o primeiro do gênero é a obra *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1ª parte publicada em 1795 e a 2ª parte em 1796), de Johann Wolfgang von Goethe. Lukács (2000, p. 140) aponta que o *Bildungsroman* estabelece uma relação entre o homem e o mundo, a qual consiste em “lapidar-se e habituar-se mútuos de personalidades antes solitárias e obstinadamente confinadas em si mesmas, o fruto de uma resignação rica e enriquecedora, o coroamento de um processo educativo, uma maturidade alcançada e conquistada”.

Atualmente, muitas narrativas juvenis apresentam uma estrutura similar: um personagem adolescente passa por experiências – algumas traumatizantes – que o transformam em um ser humano mais maduro e mais preparado para viver em sociedade. Alguns exemplos são *A marca de uma Lágrima* (1986), de Pedro Bandeira, e *Sozinha no Mundo* (1984), de Marcos Rei.

Essa não é, porém, a única forma de estruturar histórias para jovens: há muitas linhas. Em relação ao atual panorama de literatura juvenil, Martha (2012) aponta que, na contemporaneidade, surgiram muitas obras de incontestável qualidade, cujos narrados tratam de temas que certamente exercem fascínio em relação aos jovens. Além disso, a linguagem empregada nessas obras é coloquial, ou seja, próxima do cotidiano do adolescente, o que, sem dúvidas, torna o enredo mais atraente. Alguns exemplos citados pela autora são: *A casa da madrinha* (1978) e *Corda Bamba* (1979), de autoria da premiada escritora Lygia Bojunga, além da fantástica e recomendada leitura de *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981), de Ana Maria Machado, o livro de Marina Colasanti, *Doze reis e a moça no labirinto do vento* (1982), bem como *Vida e morte de Pandomar, o cruel* (1983), de João Ubaldo Ribeiro, *Sozinho no mundo* (1984), de Marcos Rey, *Clube do esqueleto* (1985), de Stella Carr, *O bezerro de ouro – uma aventura da gang do beijo* (1986), de José Louzeiro, dentre outras obras que poderiam ser citadas.

Além disso, a autora cita importantes autores juvenis, com marcante presença a partir dos anos 90.

A partir dos anos 90, ainda do século XX, podem ser apontados novos autores com produção de qualidade, direcionada a esse público. Nomes como Jorge Miguel Marinho, Laura Bergallo, Fernando Bonassi, Luís Dill, Mário Teixeira, Heloísa Prieto, Ivan Jaf, Menalton Braff, Gustavo Bernardo, Flávio Carneiro, Adriana Falcão, Caio Riter e Angélica Lopes – citações que não excluem outras referências – circulam pelos espaços do campo literário, com obras premiadas, e constam inclusive de catálogos de editoras, listas de prêmios, indicações de programas de leitura, trabalhos acadêmicos e da crítica especializada. Como as narrativas infantis, as agora consideradas “juvenis” apresentam marcas formais e temáticas diversificadas, apropriadas à faixa etária de seus leitores e inerentes ao contexto sociocultural em que transitam autores e receptores (MARTHA, 2012, p. 125).

Uma marca comum dos autores citados é que estes escrevem obras que apresentam uma linguagem questionadora de convenções e normas, ou seja, é uma forma de escrita que permite questionamentos e constrói significações complexas. Isso significa que há o emprego de técnicas mais complexas de narrar, isto é, não há apenas um narrador onisciente contando uma história. A linguagem é utilizada de forma a surpreender sempre.

Além disso, Martha (2012) aponta um ineditismo em relação à temática. Será que você já percebeu uma diferença no tom dos livros juvenis de cada década, caro(a) aluno(a)? O fato é que, nas últimas décadas, as obras juvenis mais contemporâneas passaram a abordar assuntos anteriormente proibidos a leitores mais jovens, por exemplo, assuntos polêmicos e importantes, como a morte, separações de toda natureza (conjugais, de pais e filhos), violência, crises de identidade, o poder e a dificuldade de fazer escolhas, o impacto dos relacionamentos, a questão das perdas que precisamos lidar ao longo da vida, além de tematizar a sexualidade e as afetividades. Segundo Martha (2012), tais temas podem levar à sistematização e à classificação das obras juvenis da atualidade em algumas linhas temáticas. As linhas citadas pela autora são: amorosa, fantasia, psicológica (introspectiva), suspense e/ou terror, policial, realismo cotidiano ou denúncia, folclore, histórica, dentre outras.

Observe a seguir.

Linha amorosa: trata de temas de amor, pertinentes ao mundo do adolescente. São histórias românticas vividas por adolescentes descobrindo o primeiro amor.

Exemplo: *A marca de uma Lágrima* (1986), de Pedro Bandeira.

Linha de fantasia: quando elementos do insólito assumem a centralidade da história. Por exemplo, há o uso de magia, bruxaria, dragões ou outro elemento assumidamente fantástico.

Exemplo: *Dragões de Éter* (2008), de Raphael Draccon.

Linha psicológica: quando a narrativa aborda a subjetividade e a interioridade de um personagem.

Exemplo: *Liz no Peito: um Livro que pede perdão* (2005), de João Miguel Marinho.

Linha do suspense e terror: histórias populares entre jovens, sendo aquelas que tematizam e colocam, em primazia, um clima macabro.

Exemplo: *Cidade dos Deitados* (2009), de Heloisa Prietto.

Linha da narrativa policial: frequentemente, será aquela em que os adolescentes terão de desvendar um mistério ou um crime.

Exemplo: *O mistério do Cinco estrelas* (1986), de Marcos Rey.

Linha do realismo cotidiano ou denúncia: será a narrativa que possui um tema realista, como o consumo de drogas, gravidez na adolescência ou jovens tentando lidar com situações de risco.

Exemplo: *Açúcar Amargo* (1986), de Luiz Puntel.

Linha da narrativa do folclore: quando elementos da cultura nacional são recontados pensando no público juvenil.

Exemplo: *Armazém do Folclore* (2000), de Ricardo Azevedo.

Linha da narrativa histórica: quando se conta uma história do passado.

Exemplo: *O barbeiro e o judeu da prestação contra o sargento da motocicleta* (2006), de Joel Rufino do Santos.

É importante notar, caro(a) aluno(a), que tal divisão não é rígida e muitas histórias podem fazer parte de mais de uma classificação.

Além dos grandes mestres da literatura juvenil brasileira, é preciso apontar outro filão que constitui a literatura juvenil no Brasil: os livros que fazem parte de sagas fantásticas. Por exemplo, Harry Potter, Percy Jackson e todas as fantasias equivalentes. Essas obras conquistaram muitos leitores e, juntamente com adaptações cinematográficas e de outras mídias, como *videogames*, acabam tendo grande alcance cultural.

O Brasil, aos poucos, vai entrando nesse novo panorama de produção. Nos últimos anos, foram sendo publicadas obras brasileiras com características de Sagas Fantásticas. Alguns exemplos são *Legado Folclórico* (2014), de Felipe Castilho, *Aventuras de Timor Lobato* (2014), de Gustavo Rosseb, *Saga do Vampiro-Rei*, de André Vianco (2007), dentre muitas outras recentes obras brasileiras.

FIQUE POR DENTRO

Uma das leituras preferidas dos jovens são as sagas fantásticas. Você sabe o que são sagas? No artigo que sugerimos a leitura, a seguir, “*Experiências literárias com sagas fantásticas: as crônicas de gelo e fogo e a criação de um novo universo*”, de Fabiane Verardi Burlamaque e Pedro Afonso Barth, da Revista Brasileira de Literatura Comparada, há a explicação do conceito de sagas fantásticas: narrativas que criam um universo paralelo, chamado de para cosmos e, por isso, são obras que permitem ampliações e adaptações. Assim, um livro pode ser adaptado para o cinema, ampliando a mitologia daquele universo. Por exemplo, *Harry Potter*, *Senhor dos Anéis*, *Jogos Vorazes* e *Percy Jackson* são exemplos de sagas Fantásticas. Essa modalidade narrativa alcança grande popularidade, hoje em dia, especialmente entre jovens e adolescentes. Para saber mais, consulte o link: <http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/409>. Acesso em: 21 jan. 2020.

Há um discurso muito recorrente na sociedade: o jovem não lê. Entretanto esse discurso apresenta uma inadequação: há, sim, muitos jovens leitores. Como comprovação, observe a citação a seguir.

Na pesquisa Retratos de Leitura no Brasil 4, os jovens (a faixa da população com 11 a 13 anos + a faixa com 14 a 17 anos) constituíram 13% dos entrevistados (5% + 8%). Em números absolutos, esses 13% representam cerca de 24.414.394 jovens [...] 84% daqueles que têm de 11 a 13 anos se declaram **leitores** e 75% daqueles que têm de 14 a 17 anos também informaram ser **leitores**, isso, segundo o critério adotado na pesquisa como um todo, ou seja, o de que é leitor quem leu pelo menos um livro, inteiro ou em partes, nos últimos três meses. Sem dúvida, são percentuais bem acima dos 56% apontados pela pesquisa como o percentual de leitores da população brasileira como um todo. Ou seja, segundo a pesquisa, o percentual de jovens leitores é, proporcionalmente, bastante superior ao da média do leitor brasileiro em geral (CECCANTINI, 2017, p. 85).

A citação anterior foi retirada do capítulo *Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler*, presente na obra *Retratos de Leitura 4*, escrita pelo professor João Luís Ceccantini. No texto, a tese de que a juventude brasileira não é leitora é combatida com números. Além disso, é apontado o expressivo crescimento da Literatura Juvenil, de 2007 para 2014, com cerca de 167,5% de crescimento.

Há jovens que leem, sim, e isso ajuda a compreender o crescimento da literatura juvenil. Entretanto é preciso que os professores dialoguem com essas leituras e, a partir disso, criem e incentivem outras leituras. A pesquisa também pode levar-nos a fazer um autoquestionamento: que leituras fizemos na nossa juventude? Como estas nos constituem e como foram importantes em nossa trajetória de vida? Lembrar dos interesses da adolescência pode ser uma ponte importante para entender as escolhas e as preferências dos atuais jovens.

Dessa forma, a literatura juvenil, assim como os estudos críticos da literatura infantil, abre um leque interessante de possibilidades de leituras, análises e aprofundamentos, tanto em relação à formação do leitor (como incentivar jovens e adolescentes a ler uma vasta gama de obras) quanto em relação a estudos críticos (pesquisar e analisar obras juvenis da contemporaneidade). Por isso, recomendamos a leitura e busca de obras críticas que irão dar uma maior amplitude desse subsistema literário em ampliação.

ATIVIDADES

4) Para compreender a literatura juvenil, é preciso ter noção de uma gama de conceitos, os quais permitem-nos perceber diferentes manifestações que irão compor a literatura juvenil brasileira. Por isso, é fundamental conhecer e exemplificar o que são *Bildungsroman*, Sagas Fantásticas e *Crossover Fiction*. Em relação a esse aspecto, assinale a alternativa que traz a correta definição de *Bildungsroman*.

- a) O conceito explica as obras que cruzam fronteiras entre públicos, ou seja, obras que, apesar de terem sido criadas para um determinado leitor – adulto, jovem, criança –, atingem e são consumidas por outros.
- b) São histórias constituídas de uma interessante hibridação – mitos e elementos da tradição oral são resgatados e reconfigurados com os valores contemporâneos. Além disso, a mesma história é contada por diferentes sistemas intersemióticos.
- c) Algumas linhas que ajudam a compreendê-la são: amorosa, fantasia, psicológica (introspectiva), suspense e/ou terror, policial, realismo cotidiano ou denúncia, folclore, histórica, dentre outras.
- d) Com a escolarização obrigatória, houve a necessidade da criação de obras que servissem de “ponte” entre o mundo da infância e os cânones literários. Antes da noção de que a adolescência é uma fase intermediária entre a infância e a vida adulta, lia-se diretamente ficção adulta ou adaptações de obras.
- e) Termo da literatura de expressão alemã que caracteriza uma forma literária muito específica: romances de formação de um jovem, ou seja, são histórias que relatam o crescimento e o amadurecimento de um jovem.

INDICAÇÕES DE LEITURA

Nome do livro: Literatura Infantil. Teoria. Análise. Didática

Editora: Moderna

Autor: Nelly Novaes Coelho

ISBN: 85-1602631-0

Comentário: Nelly Novaes Coelho foi uma das mais importantes pesquisadoras acadêmicas da literatura infantil no Brasil. Nesse livro, a autora faz um percurso completo para compreender a literatura infantil. Na obra, são analisados os aspectos que tornam a literatura infantil singular, além de fazer um panorama de sua história. Ademais, existe análise, pois obras infantis são analisadas e há propostas de metodologias. Outrossim, a autora pensa na escola: como a literatura infantil deve ser trabalhada no contexto de ensino? Em suma, esta é uma leitura indispensável para quem quiser aprofundar-se nos estudos de literatura infantil.

INDICAÇÕES DE FILME

Nome do filme: Deu a louca na Chapeuzinho

Gênero: Animação

Ano: 2006

Comentário: O filme *Deu a Louca na Chapeuzinho* é uma das versões contemporâneas do conto *Chapeuzinho Vermelho*. É interessante perceber como essa narrativa continua atraente e envolvente para crianças. A partir do filme, é interessante comparar com outras versões da história, tanto a dos irmãos Grimm quanto a de Perrault. O *trailer* pode ser visto no *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=dN6BGajkptU>. Acesso em: 21 jan. 2020.

UNIDADE II

Literatura Infantil e Juvenil: Conceito, Características, Gêneros e Subgêneros

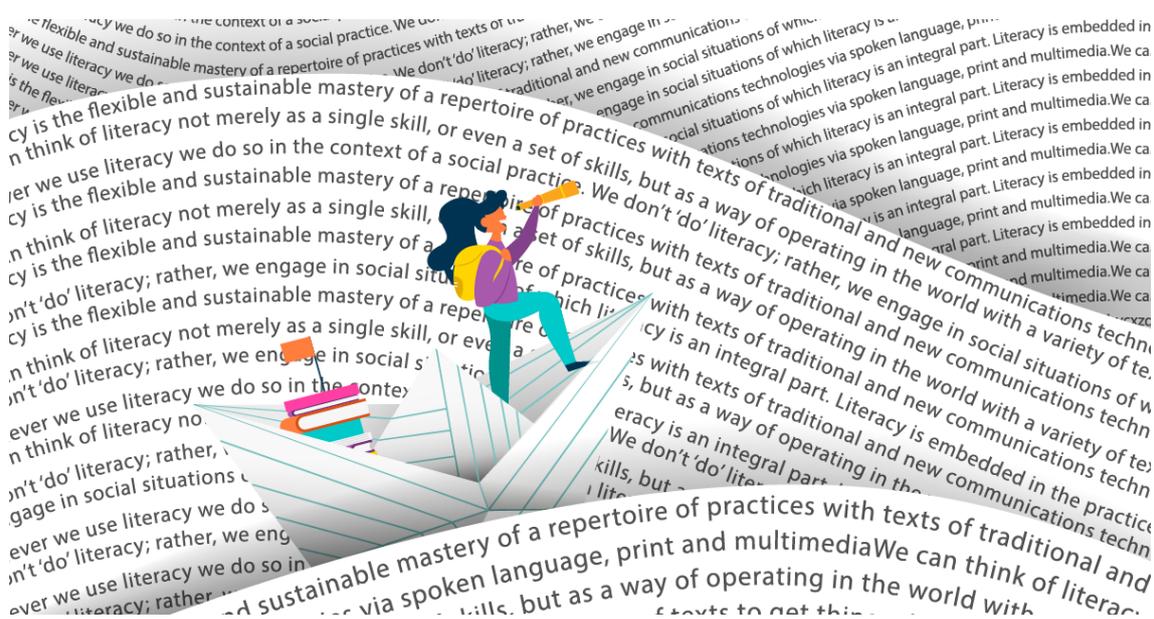
Gabriela Fonseca Tofanelo

Introdução

Olá, caro(a) aluno(a)! Após conhecer um pouco sobre a história da Literatura Infantojuvenil, nesta unidade, aprenderemos mais sobre as características desse texto e os principais gêneros literários destinados a esse público.

Assim, veremos o quanto incentivar a leitura, desde a mais tenra idade, é fundamental para a formação de leitores. Além disso, desde cedo, é possível se encantar pelo universo tão apaixonante da fantasia. Afinal, a gente tem tantas obrigações e tarefas no dia a dia que é quase uma necessidade fugir um pouco da realidade, e a literatura faz isso muito bem! Como dizia o poeta Ferreira Gullar (2013, on-line): “A arte existe porque a vida não basta”. É isso, precisamos da arte, dos diversos tipos de arte, para fugir da realidade!

Esperamos que você, também, encante-se, ainda mais, por esse mundo, uma vez que, futuramente, será responsável pela formação de alunos leitores, que acreditam na transformação do mundo e das pessoas por meio dos livros.



Fonte: Cienpies Design / 123RF.

Literatura Infantil e Juvenil: Conceito, Características e Estilos

Caro(a) aluno(a), foram muitos séculos até que se pensasse em uma literatura voltada para o público infantil, uma vez que não havia uma concepção de criança tal como conhecemos hoje. Assim, até o século XVII, concebia-se a criança como um adulto em miniatura, logo, por isso, não existia um mundo infantil.

Assim, somente um século mais tarde, muda-se o modo de ver a criança e, a partir de então, leva-se em consideração as necessidades, as características e as especificidades próprias de um universo infantil. Nesse sentido, entende-se que a infância é um estágio de preparação para a vida adulta, assim, é substancial se desenvolver hábitos e valores.

Além disso, é nessa época que surge a preocupação com o estabelecimento da escola, tendo em vista a alfabetização para a promoção da leitura. Com isso, muitos livros adultos passaram por adaptação, a fim de atender o público infantil. Diante disso, podemos considerar a leitura um fenômeno histórico, que contribui, desde sempre, para o desenvolvimento da sociedade.

A importância destinada à literatura infanto-juvenil é algo relativamente recente. Somente no século XIX a escola começou a se organizar e o livro didático, agora mais aperfeiçoado, deu outra forma ao ensino, principalmente ao da leitura de literatura infantojuvenil. Até então, as crianças e os jovens não podiam se valer de uma literatura dedicada totalmente a eles, o que fazia com que lessem obras endereçadas aos adultos ou, na maioria das vezes, nada lessem (BIASIOLI, 2007, p. 97).

A literatura infantil, desde a sua origem, esteve ligada ao divertimento e ao aprendizado da criança, por isso, acreditava-se que seu conteúdo deveria estar condizente com o seu nível de compreensão e interesse. Assim, por muito tempo, os textos eram frutos de adaptação, bem como não apresentavam rebuscamento na linguagem e grandes reflexões, uma vez que objetivavam, apenas, atrair o pequeno espectador e proporcionar experiências, utilizando o real e o fantástico.

Conforme Cagneti (1996, p. 7), a literatura deve ser entendida como arte, um “fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização”. Tendo isso em vista, a literatura objetiva conduzir a criança à descoberta do mundo, envolvendo sonhos e realidade, levando-a, também, a modificar a sua realidade, que pode ser boa e/ou ruim.

Quando um escritor se dedica a produzir um texto para um público específico, evoca, por assim dizer, um outro gênero literário, utilizando outra forma de escrita, que se adapta, isso porque é aplicada ao contexto de vida do leitor, pensando em suas expectativas e interesses, nesse caso, criança e jovem.

A literatura infantojuvenil é de fundamental importância para a formação do indivíduo, de seus hábitos de leitura e conseqüente senso crítico, contribuindo, também, para a aprendizagem.

Durante muito tempo, a literatura infantojuvenil teve caráter pedagógico e didático, até mesmo sendo escrita por professores e pedagogos, sem a função literária. Hoje, a ideia não é apenas transmitir informações, como naquela época, mas sentimentos e emoções.



Figura 2.1 - A literatura possui duas funções: divertir e ensinar.

Fonte: dolgachov / 123RF.

Há dois lados fundamentais na literatura infantil, apontados por Cademartori (1986): divertir e ensinar. Há o lado encantador da literatura, ligado ao prazer, à satisfação de ouvir e de ler histórias, de estar próximo de tudo que elas nos trazem: as fantasias, o imaginário, o lúdico e o maravilhoso. Por outro lado, há, ainda, os aspectos fundamentais, que dizem respeito aos valores, ao caráter, ao bem e ao mal, demonstrando para a criança alguns ensinamentos e condutas sociais, além de proporcionar um desenvolvimento emocional, social e cognitivo.

É importante que a criança tenha a oportunidade de ter contato com os livros o mais cedo possível e possa sentir o prazer que a leitura proporciona, dando maiores chances de ela se transformar em um adolescente leitor e, posteriormente, em um adulto leitor, com postura crítica e reflexiva.

ATIVIDADES

1) A literatura infantil, desde a sua origem, esteve ligada ao divertimento e ao aprendizado da criança, por isso, acreditava-se que seu conteúdo deveria estar condizente com o seu nível de compreensão e interesse. Sobre o estudo do conceito de Literatura Infantil e suas funções, assinale a alternativa correta.

- a) A literatura infantil fica a cargo somente de contações de histórias, tendo em vista que as crianças ainda não sabem ler.
- b) A escola deve ser responsável por ensinar valores e condutas, enquanto a literatura destina-se à brincadeira e ao lazer.
- c) A literatura infantil é importante a partir dos 6 anos, quando se inicia a alfabetização.
- d) A literatura infantojuvenil tem a missão dupla de ensinar e divertir ao mesmo tempo, pois traz assuntos importantes de uma forma lúdica, prazerosa.
- e) A literatura infantil é algo recente. Por isso, não temos tantos autores que se dedicam, exclusivamente, a ela, não havendo nenhum nome de grande expressão.

A Estética Literária Infantojuvenil: Linguagem, Ilustrações, Discurso, Estrutura

O termo literatura tem origem no latim *litteratura* e significa "arte (técnica) de escrever bem", a partir da palavra latina *littera*, "letra". Ou seja, podemos considerar literatura a arte que se faz com as palavras. Sabemos, porém, que apenas estas não bastam para a literatura infantil. Esta é constituída, no geral, por estratégias diferentes, que têm um objetivo em comum: despertar o interesse das crianças. Não é à toa que só de olhar para um livro infantil já sabemos que se trata de um, não é mesmo?

Nesse sentido, tudo importa ao criar um livro para as crianças: a capa, as cores, as letras, a escolha do material em que ele é produzido, dentre outros aspectos. Se até adultos frequentemente relatam comprar livros pela capa ou pelo título, imagine o quanto os pequenos não são influenciados por fatores como esses!



Figura 2.2 - Os livros devem despertar o interesse das crianças

Fonte: rawpixel / 123RF.

É claro que sempre existem as exceções e inovações que surgem a cada ano, porém podemos definir algumas características comuns na maioria dos livros feitos para as crianças. Em geral, eles têm:

- textos curtos, poucas palavras;
- estrutura linear, ou seja, as histórias seguem o tempo cronológico dos acontecimentos, sem grandes reviravoltas ou volta ao passado (aspecto frequentemente visto em uma literatura “para adultos”);
- ilustrações muito coloridas e chamativas;
- linguagem simples;
- caráter didático, com algum ensinamento moral ou social;
- presença do maravilhoso – elementos simbólicos;
- finais felizes.

Contudo, ao olhar para essas características, devemos pensar: de qual criança estamos falando? Um livro que agrada uma criança de 3 anos, possivelmente, não agradará uma de 8. As diferenças são muito grandes na fase de crescimento infantil. Por isso, precisamos, ainda, nos ater às especificidades de cada idade. A seguir, vejamos um compilado de características baseado no livro *Metodologia do ensino de literatura (2013)*, da professora Maria Elisa Matos Pereira, Moema Cavalcante, Sara Regina Scotta Cabral, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que destaca o tipo de leitura mais indicado para cada fase.

REFLITA

“A leitura abre a mente e amplia os horizontes. Quando isso é feito na primeira infância, tudo acontece de uma forma muito mais natural e prazerosa. E é essa geração de leitores que poderá transformar o mundo através da Educação e do conhecimento. Tenho absoluta convicção disso” (COLLI *apud* LACERDA, 2016, *on-line*).

Pré-leitura (até os 6 anos)

A criança não precisa ter aprendido a ler para entrar em contato com o mundo da imaginação que a literatura proporciona. Nessa idade, em que temos a fase da aquisição da linguagem, deve-se estimular o contato com os livros, que serão constituídos por uma série de atrativos diferenciados, com a predominância da linguagem não verbal: uso de imagens, cores abundantes e, até mesmo, sons.



Figura 2.3 - Imagem de um livro Pop-up - com dobraduras que estimulam o interesse da criança

Fonte: Jattumongkhon Suebsri / 123RF.

Cada vez mais, temos ideias diferentes surgindo com relação a esses livros: para hora do banho, hora de dormir, os recentes *pop-ups* etc. Esse contato inicial pode despertar o interesse para que a criança cresça buscando mais livros.

Leitura Compreensiva (6 a 8 anos)

É o período da alfabetização, o que desperta a curiosidade nas crianças por tudo que conseguem ler ou identificar, por exemplo. Por isso, os livros devem conter muita ilustração e pouco texto, com palavras grandes, em caixa alta. Preferencialmente, narrativas curtas, como os famosos contos de fada, que despertam a imaginação e o prazer pela leitura, além de trazerem muitos ensinamentos.

No livro *Como Incentivar o Hábito de Leitura*, Bamberger (2000) descreve várias possibilidades em que professores e pais podem se embasar para incentivar crianças a buscarem o universo da leitura. Dentre muitas atividades que o autor cita, por exemplo, como ler em casa ou projetos que podem ser criados na escola e/ou nas bibliotecas, como clube de leitura, destaca-se uma em especial: a contação de histórias. Segundo o autor, “ouvir é mais fácil do que ler e como o leitor ajuda a tornar compreensíveis o significado e o caráter do texto com a voz e a expressão facial, até os que não gostam de ler se sentirão encantados” (BAMBERGER, 2000, p. 79).

Na verdade, contar histórias é uma atividade tão antiga e que teve uma importância muito grande na formação da humanidade. Quem nunca ouviu histórias que são contadas por gerações e gerações nas famílias? O objetivo, nessa época, era a simples transmissão de conhecimento, de histórias da família mesmo, tendo em vista a ausência de meios de comunicação como conhecemos hoje, não é mesmo?

Nos dias atuais, a contação de história foi ressignificada. É um momento muito importante na educação infantil, principalmente para as crianças que ainda não foram alfabetizadas, pois estarão ouvindo histórias, entrando em contato com o mundo da imaginação, aliado a um pouco de ludicidade, pois, geralmente, nessas contações, o professor, ou outro mediador, se fantasia, leva adereços, faz uma voz diferenciada para cada personagens, enfim, utiliza vários elementos diferentes para despertar o interesse da criança por uma história inspirada em livros ou, inclusive, inventada.

A criança é facilmente atraída pelas histórias, pelas contações e por seus personagens. Provavelmente, você já viu ou ouviu crianças dizerem: “eu sou o Homem Aranha”, “eu sou a Branca de Neve”. Elas se identificam com as histórias e querem fazer parte da fantasia. Por isso, é interessante inseri-las no meio ou no final da contação de histórias, sempre que der.

Fase Interpretativa – a partir dos 8 anos, em Média

Com o domínio da leitura, tem-se a perder, um pouco, a importância do aspecto visual do livro. O adolescente passa a ser motivado por histórias que ampliam a imaginação, com grandes aventuras, mistérios e suspense.

No entanto, ao pensar nas características da literatura destinada aos adolescentes, uma preocupação maior surge e é, frequentemente, apontada: o fato de que muitos perdem o encanto pelo mundo dos livros que tinham quando criança. Muitos pais e professores apontam que adolescentes não leem. Estes, no geral, reclamam das leituras que são indicadas na escola e lidas para a prova em disciplinas específicas, as famosas “leituras obrigatórias”.

Ainda que tudo isso seja verdade e, principalmente nos dias de hoje, com o avanço cada vez maior das possibilidades tecnológicas, uma conhecida pesquisa chama a atenção. Trata-se da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro, edição 2016. A maior porcentagem de pessoas entrevistadas, que dizem ler frequentemente ou que estão entre as que mais leem no país, é de pessoas de 11 a 13 anos. 84% dos entrevistados dessa faixa etária se consideram leitores, responderam que gostam de ler. Quando perguntados sobre qual é a principal motivação para leitura, a maioria dos adolescentes respondeu: “por gosto”, enquanto pouquíssimos assinalaram outras opções, por exemplo: “obrigação escolar”.

Com isso, e diversos outros dados obtidos na pesquisa, fica o questionamento: por que ainda insistimos em dizer que adolescentes não leem e que não gostam de leitura? Na verdade, muitos não são motivados, não possuem professores e pais que incentivam e acabam crescendo sem ter o interesse despertado para esse mundo das letras. O fato é que, ao contrário do que muitos costumam dizer por aí, são os adolescentes que mais movem a questão da literatura no mundo! Basta pensarmos em fenômenos atemporais, como a saga escrita pela britânica J. K. Rowling, *Harry Potter*, cujo último livro da coleção foi lançado há mais de 10 anos e, ainda assim, é muito vendido, lido e desperta paixões por esse mundo nos jovens que o leem.

REFLITA

Outro questionamento importante de ser feito diante desses dados e de tantas pessoas que criticam as leituras dos jovens é: a quais leitores/leituras eles se referem? Estão dizendo que existe um tipo melhor de literatura ou algo assim? Porque, muitas vezes, não consideram como válidas as leituras de um best-seller, por exemplo. O que você acha? Existem leituras melhores que outras? Algumas leituras não possuem valor literário?

São muitas as vantagens de todas as pessoas terem o hábito de ler, especialmente os textos literários, porque estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro (COELHO, 2000).

Como citado por Coelho (2000), a literatura possui muitos benefícios comprovados e dos quais ninguém duvida. Seguem alguns outros: ampliação de vocabulário, promoção do senso crítico, estimulação da criatividade, melhora da ortografia, ajuda da memória etc. Deve-se ter em mente, porém, que ninguém vai começar a ler um livro apenas porque vai ajudar a melhorar a ortografia, por exemplo. As pessoas leem livros porque querem, porque encontram neles passatempo, diversão, fuga da realidade. Ao encontrar um tipo de livro que desperte seu interesse, você continuará lendo outros, o que pode, muitas vezes, se tornar um hábito, um *hobbie* e, até mesmo, uma grande paixão.

Quando criança, todos gostam dos momentos lúdicos do livro, quando o pai ou a mãe lê para a criança dormir ou quando a professora conta a história de modo diferente. Mas é na adolescência que, no geral, essa paixão deve ser ainda mais despertada.

A leitura, na infância, satisfaz as necessidades e interesses das várias fases de desenvolvimento, de maneira demasiado unilateral. Quando, mais tarde, os interesses se modificam (diminuindo o amor da aventura), muitas crianças param completamente de ler. A motivação para a leitura é demasiado fraca (BAMBERGER, 2000, p. 20).

Ainda na pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (FAILLA, 2016), os gêneros que se sobressaem nas escolhas dos adolescentes são separados em duas faixas: 11 a 13 anos e 14 a 17; estão inseridos contos, histórias em quadrinhos, gibis, poesias e romances. Vamos falar um pouco mais sobre os diferentes gêneros literários mais lidos por crianças e adolescentes no tópico a seguir.

FIQUE POR DENTRO

A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* traz dados muito interessantes, tanto positivos quanto negativos, relacionados ao perfil de leitura dos brasileiros. Vale a pena a leitura, principalmente para professores que possuem a missão de formar crianças e jovens leitores. Leia-a na íntegra no link disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf. Acesso em: 21 jan. 2020.

ATIVIDADES

2) A literatura infantil não é um gênero e grupo único e homogêneo, pelo contrário, possui algumas diferenciações embasadas, principalmente, na questão das idades específicas de cada um. A respeito das características literárias mais adequadas à cada idade, assinale o que for correto.

- a) Somente é fundamental que se apresente livros a crianças a partir da faixa dos 6 aos 8 anos, pois é o período da alfabetização, em que elas estão aprendendo a decodificar a língua.
- b) Desde bebês, o trabalho de incentivo à leitura já pode ser adotado. Nessa fase, conhecida como pré-leitura, a criança entra em contato com o livro, manuseando-o, interagindo, vendo imagens e aguçando a curiosidade com esse material
- c) A fase interpretativa é compreendida pela faixa etária até os 6 anos, pois as crianças ainda não leem, mas interpretam as imagens que são predominantes nos livros.
- d) Após ter o domínio da leitura, a criança entra na chamada fase compreensiva, que conta com histórias fantásticas e mundos diferentes para atrair a atenção do leitor a partir dos 10 anos.
- e) Não há especificidades nos livros quanto a materiais diferenciados para cada idade. Os livros infantis apenas contam com imagens grandes e textos curtos.

Gêneros e Subgêneros da Literatura Infantojuvenil

Caro(a) leitor(a), já falamos bastante sobre o fato de que, por muito tempo, não existia a literatura voltada para as crianças. Quando esta passou a existir, o adjetivo infantil, associado à palavra literatura, ganhou um significado único e generalizante, como se fosse um único gênero textual. Dessa forma, seria como se todas as obras infantis tivessem as mesmas características, ou seja, deixando de lado as especificidades que encontramos nos diferentes gêneros literários que existem.

Lembremos, também, que, inicialmente, havia três grandes gêneros literários que surgiram na antiguidade grega (teorizados por Aristóteles): épico, lírico e dramático. A partir destes, foram surgindo e ramificando diversos outros com o passar do tempo. Basicamente, podemos dizer que, dos citados, se originaram, respectivamente, os narrativos, os poéticos e os teatrais.

Para falar disso, primeiramente, vamos abordar o próprio conceito de gênero textual. Bakhtin (1992) afirma que os gêneros são facilmente mutáveis, ou seja, suas características podem mudar constantemente, inclusive, o próprio gênero pode deixar de existir e outros podem surgir a qualquer momento, de acordo com os usos no dia a dia e com suas funções sociais.



Figura 2.4 - Há diversos gêneros de livros para o público infantojuvenil

Fonte: goodluz / 123RF.

Além disso, gêneros são textos que são agrupados em diferentes categorias, com características em comum, ou com a mesma função social, o mesmo uso. Ainda segundo Bakhtin (1992), gêneros são discursos que podem ser identificados por seus usos e funções sociais quanto à forma, quanto ao estilo e quanto aos temas que apresentam.

Conhecer os principais gêneros e, principalmente, ter em mente quais os tipos que mais agradam a esse público se faz necessário, portanto, na medida em que contribui para uma melhora no processo de formação de leitores.

Conto

É uma narrativa ficcional e curta, com personagens, descrições de espaço e tempo, conflitos e aventuras. Há muitos tipos de contos, mas, quando se pensa na literatura infantojuvenil, dois se destacam: o conto de fadas e o conto maravilhoso. Muitas pessoas se confundem, não sabe a diferença entre os dois ou pensa que se trata do mesmo gênero.

Tanto os contos maravilhosos, quanto os contos de fadas são formas de narrativa maravilhosas surgidas de fontes bem distintas, dando expressão à problemática bem diferente, mas que, pelo fato de pertencer ao mundo do maravilhoso, acabaram identificadas entre si como formas iguais (COELHO, 1987, p.11).

Vamos ver um pouco sobre as diferenças dos dois, com base nos estudos de Coelho (1987).

Primeiramente, os contos de fada têm origem celta e possui um herói ou uma heroína que tenta vencer obstáculos para sua autorrealização. Muitas vezes, esses personagens recebem ajuda de encantamentos ou metamorfoses, que podem ou não contar com a presença de uma fada, como é o caso de “Cinderela”, escrito por Perrault. Quase sempre há dualidade entre o bem e o mal, em que o bem sempre vence, demonstrando o caráter moralizante das histórias infantis. Outros exemplos são: *Branca de Neve*, *A pequena sereia* etc.

Os contos maravilhosos, por sua vez, têm origem nas narrativas orientais. Geralmente, os heróis ou as heroínas enfrentam obstáculos por alguma problemática social ou histórica, por exemplo, para a conquista de riquezas e ascensão social; vivem aventuras diversas por necessidade de sobrevivência. Nesses contos, temos a presença de alguns elementos mágicos, como em *O gato de botas* e *Aladim e a lâmpada maravilhosa*.

Coelho (1987) também aborda as características recorrentes nos contos maravilhosos, uma espécie de ciclo ou trajetória que os autores seguem ao criar suas obras. Resumidamente, temos as seguintes etapas:

1. situação de crise: mudança, transformações, questionamentos.
2. desígnio: aspirações, desejos, sonhos para a busca de sua autorrealização;
3. viagem: trata-se da luta da personagem pela autorrealização de seus sonhos;
4. obstáculos: via de regra, dificuldades aparecem no meio do caminho, impedindo a conquista de seus sonhos. Mostram para as crianças que não é tão fácil conquistar seus objetivos, mas devemos ser persistentes;
5. mediação: geralmente, os heróis ou as heroínas recebem ajudas externas, com elementos do maravilhoso, para conseguir vencer os desafios;
6. conquista: o final feliz em que o herói ou a heroína atinge seus objetivos.

Crônica

São, geralmente, textos mais curtos que os contos. Têm linguagem informal e retratam acontecimentos do dia a dia, com pitadas de humor e/ou críticas. São mais lidos pelos adolescentes, e a linguagem coloquial os cativa. Um exemplo de cronista brasileiro é Luis Fernando Verissimo, com seu conhecido *Comédias para se ler na escola*, que, ao retratar esse universo, cria-se grande identificação de alunos. Ótimo livro para ser adotado em escolas. Além dele, ainda contamos com Fernando Sabino, Martha Medeiros e tantos outros; até mesmo escritores conhecidos por escrever outros gêneros acabaram se aventurando pelo mundo da crônica, como o poeta Carlos Drummond de Andrade e a contista e romancista Clarice Lispector.

Fábula

Trata-se de uma narrativa cujos personagens são, normalmente, animais que falam e possuem outras características humanas. Há a clara intenção de difundir, por meio das ações das personagens, mensagens de cunho moral, que podem aparecer de forma explícita ou implícita.

Acredita-se que a fábula teve origem muitos anos antes de Cristo, na Grécia antiga, com Esopo. Os textos mais famosos desse gênero pertencem a ele e foram recontados e adaptados ao longo dos séculos. Quem nunca ouviu a famosa história das formigas trabalhadoras e da cigarra que só queria saber de cantar sem se preocupar com o inverno e que iria ficar sem comida? Ou, ainda, a famosa corrida entre a lebre e a tartaruga, com a vitória desta, que tem a fama de ser lenta? Monteiro Lobato, o famoso escritor de literatura infantil brasileira, além de ter escrito o clássico *Sítio do pica-pau amarelo*, dedicou-se a escrever fábulas parecidas com as de Esopo.

Apólogo

Muito semelhante à fábula, pelo fato de apresentar sempre personagens não humanos sendo retratados de forma racional e, ainda, ter a lição de moral. O que difere daquela é que, no apólogo, o foco está, basicamente, nos objetos que falam, pensam e possuem algumas ações humanas.

Poesia

Até agora, só falamos em gêneros narrativos, mas há os escritos em versos e estrofes, muitas vezes, com rimas e outros elementos que conferem ao texto ritmo e musicalidade. Trata-se de um gênero que possui como objetivo expressar, com grande subjetividade, sentimentos do eu lírico.

Alguns autores clássicos da literatura também se enveredaram pelo fazer poético específico para crianças, como é o caso de Cecília Meireles e Vinícius de Moraes, de quem a grande maioria já deve ter ouvido alguma poesia, pelo menos uma vez na vida. Afinal, quem nunca ouviu aquela música: “Era uma casa / muito engraçada / Não tinha teto / não tinha nada...”, escrita por Moraes e musicada por Toquinho?

Cinema

Enquanto arte, a literatura se relaciona com outras manifestações artísticas, como é o caso do cinema, que amplifica a ideia da literatura, trazendo, ainda, o contar de uma história, porém com imagens, sons e representações, dando vida aos personagens.

Sabemos que os famosos contos infantis que já citamos ficaram realmente conhecidos por suas adaptações aos cinemas. Na realidade, por não haver a concepção de infância como temos hoje e já discutimos aqui, esses contos de fada não eram para crianças, não possuíam as especificidades adequadas a esse público. Quem se preocupou, de fato, em adequá-los às crianças, trazendo uma

linguagem mais adequada, utilizando-se de metáforas para contar as histórias foi justamente a Disney. Muitos nem imaginam o teor macabro, assustador que pode ser encontrado nas narrativas originais de filmes tão clássicos para o público infantil.

Robson Loureiro, no texto *Educação, Cinema e Estética* (2008), fala sobre a importância de extrapolar os ambientes formais de ensino para facilitar a aprendizagem da criança. Ainda mais nos dias atuais, em que a tecnologia dominou todas as esferas, o conhecimento vem de maneira muito rápida para as pessoas, que são bombardeadas diariamente com informações. Esperar que a sala de aula seja a única transmissora de conhecimentos é ilusão.

Aqui, entra um importante papel que o cinema pode exercer, ajudando a fomentar o interesse em determinados temas ou mesmo para a literatura. Por isso, os filmes destinados à infância e à adolescência têm, muito além do intuito da diversão, o mesmo caráter moralizante e educador que os livros. Além, é claro, do fato de que muitos filmes são baseados na literatura.

Para falar um pouco de produções brasileiras, em 2019, estreou o filme *Turma da Mônica - Laços*, uma aventura de uma das turmas mais queridas do Brasil, criada por Maurício de Sousa, que há muitos anos encanta e fomenta o prazer pela leitura. Trata-se de um filme infantil que, com certeza, levou muitos adultos aos cinemas para lembrar, com grande saudosismo, os anos da infância, as prazerosas leituras dos gibis.

Nesse filme, dirigido por Daniel Rezende, o cachorro do Cebolinha, o Floquinho, desaparece misteriosamente. O dono elabora um plano infalível para tentar achá-lo. Com isso, algumas rivalidades, por exemplo, entre Mônica e Cebolinha, são deixadas de lado para uma aventura juntos em busca do cachorro, mostrando a união para um bem comum, mesmo entre duas crianças que vivem brigando. Um filme que dá verdadeiras lições de amizade entre as crianças. Outros sucessos literários brasileiros já foram adaptados para os cinemas, como é o caso de *O menino maluquinho*, de Ziraldo.

Além desses, é importante citar os filmes de animação, preferidos das crianças. São inúmeros exemplos que podem ser citados, que dão lições incríveis aos pequenos (e aos grandes também). Para citar alguns, temos *Moana: um mar de aventuras* (2017), que traz uma belíssima história que foge um pouco dos padrões dos contos de fadas, apesar de ser da Disney, porque retrata a trajetória de uma heroína cuja aventura não está atrelada ao casamento com um príncipe, e sim com uma missão para livrar a ilha onde a família morava de uma terrível maldição.

ATIVIDADES

3) Os contos de fada e os maravilhosos possuem mais semelhanças que diferenças, por isso, é frequente que as pessoas se confundam. Assinale a alternativa que demonstra a principal diferença entre esses dois gêneros tão queridos das crianças.

- a) A presença obrigatória do elemento fada nos contos de fadas.
- b) Somente no conto maravilhoso há elementos fantásticos, ou seja, que são mágicos. Os contos de fada se pautam mais na realidade, apenas com humanos e suas ações.
- c) Enquanto nos contos de fada as personagens buscam uma realização a nível pessoal e individual, o conto maravilhoso está mais ligado a grandes problemas sociais, como a miséria.
- d) No conto de fada, temos apenas a busca pela realização do casamento entre o príncipe e a princesa, enquanto, no conto maravilhoso, há outras temáticas mais ligadas a aventuras.
- e) No conto de fada, há apenas personagens humanos e reais, enquanto, no maravilhoso, há personagens de fantasia, como duendes, animais falantes e elementos mágicos.

Análise de Obras Infantis e Juvenis

Agora, leremos alguns exemplos de textos para identificação das características estudadas.

A moça tecelã - Marina Colasanti

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida.

Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

— Para que ter casa, se podemos ter palácio? — perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

— É para que ninguém saiba do tapete — ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu:— Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

Quadro 2.1 - Texto 1

Fonte: Colasanti (2000, p.10-14).

E aí, aluno(a), conseguiu identificar em qual dos dois tipos de contos *A moça tecelã* se encaixa? Se você respondeu conto maravilhoso, acertou! Percebe-se a presença de um elemento mágico: o tear! Tudo que ela tece se transforma em realidade. Até chegar ao ponto de tecer um marido, mas este faz tantas exigências que ela não o quer mais. Um ótimo conto para se estudar com crianças e jovens, justamente para abordar a questão do consumismo, por exemplo, do querer muitas coisas materiais e acabar não tendo, às vezes, carinho, amor, companheirismo, que são tão importantes para todos!

Trata-se de um conto, ainda, que rompe alguns padrões, pois a moça almejava uma família, porém não se submete às exigências absurdas do marido, percebendo que é melhor ficar só. Nesse sentido, pode-se, até mesmo, com adolescentes, propor metáforas a esse conto, com discussões mais sérias, como uma possível violência simbólica sofrida pela personagem e como ela conseguiu perceber e se livrar de um relacionamento abusivo.

O Nariz - Luis Fernando Verissimo

Era um dentista respeitadíssimo. Com seus quarenta e poucos anos, uma filha quase na faculdade. Um homem sério, sóbrio, sem opiniões surpreendentes, mas de uma sólida reputação como profissional e cidadão. Um dia, apareceu em casa com um nariz postiço. Passado o susto, a mulher e a filha sorriram com fingida tolerância. Era um daqueles narizes de borracha com óculos de aros pretos, sobrancelhas e bigodes que fazem a pessoa ficar parecida com o Groucho Marx. Mas o nosso dentista não estava imitando o Groucho Marx. Sentou-se à mesa de almoço

– sempre almoçava em casa – com a retidão costumeira, quieto e algo distraído. Mas com um nariz postiço.

– O que é isso? – perguntou a mulher depois da salada, sorrindo menos.

– Isto o quê?

– Esse nariz.

– Ah, vi numa vitrina, entrei e comprei.

– Logo você, papai...

Depois do almoço ele foi recostar-se no sofá da sala como fazia todos os dias. A mulher impacientou-se.

– Tire esse negócio.

– Por quê?

– Brincadeira tem hora.

– Mas isto não é brincadeira.

Sesteou com o nariz de borracha para o alto. Depois de meia hora, levantou-se e dirigiu-se para a porta. A mulher o interpelou:

– Aonde é que você vai?

– Como, aonde é que eu vou? Vou voltar para o consultório.

– Mas com esse nariz?

– Eu não compreendo você – disse ele, olhando-a com censura através dos aros sem lentes. – Se fosse uma gravata nova, você não diria nada. Só porque é um nariz...

– Pense nos vizinhos. Pense nos clientes.

Os clientes, realmente, não compreenderam o nariz de borracha. Deram risadas (“Logo o senhor, doutor...”), fizeram perguntas, mas terminaram a consulta intrigados e saíram do consultório com dúvidas.

– Ele enlouqueceu?

– Não sei – respondia a recepcionista, que trabalhava com ele há 15 anos. – Nunca vi “ele” assim.

Naquela noite, ele tomou seu chuveiro, como fazia sempre antes de dormir. Depois, vestiu o pijama e o nariz postiço e foi se deitar.

– Você vai usar esse nariz na cama? – perguntou a mulher.

– Vou. Aliás, não vou mais tirar este nariz.

– Mas, por quê?

– Porque não!

Dormiu logo. A mulher passou metade da noite olhando para o nariz de borracha. De madrugada começou a chorar baixinho. Ele enlouquecera. Era isto. Tudo estava acabado. Uma carreira brilhante, uma reputação, um nome, uma família perfeita, tudo trocado por um nariz postiço.

– Papai...

– Sim, minha filha.

– Podemos conversar?

– Claro que podemos.

– É sobre esse seu nariz...

– O meu nariz, outra vez? Mas vocês só pensam nisso?

– Papai, como é que nós não vamos pensar? De uma hora para outra, um homem como você resolve andar de nariz postiço e não quer que ninguém note?

– O nariz é meu e vou continuar a usar.

– Mas por que, papai? Você não se dá conta de que se transformou no palhaço do prédio? Eu não posso mais encarar os vizinhos, de vergonha. A mamãe não tem mais vida social.

– Não tem porque não quer...

– Como é que ela vai à rua com um homem de nariz postiço?

– Mas não sou “um homem”. Sou eu. O marido dela. O seu pai. Continuo o mesmo homem. Um nariz de borracha não faz nenhuma diferença. Se não faz nenhuma diferença, por que não usar?

– Mas, mas...

– Minha filha.

– Chega! Não quero mais conversar. Você não é mais meu pai!

A mulher e a filha saíram de casa. Ele perdeu todos os clientes. A recepcionista, que trabalhava com ele há 15 anos, pediu demissão. Não sabia o que esperar de um homem que usava nariz postiço. Evitava aproximar-se dele. Mandou o pedido de demissão pelo correio. Os amigos mais chegados, numa última tentativa de salvar sua reputação, o convenceram a consultar um psiquiatra.

– Você vai concordar – disse o psiquiatra depois de concluir que não havia nada de errado com ele – que seu comportamento é um pouco estranho...

– Estranho é o comportamento dos outros! – disse ele. – Eu continuo o mesmo. Noventa e dois por cento do meu corpo continua o que era antes. Não mudei a maneira de vestir, nem de pensar, nem de me comportar. Continuo sendo um ótimo dentista, um bom marido, bom pai, contribuinte, sócio do fluminense, tudo como antes. Mas as pessoas repudiam todo o resto por causa deste nariz. Um simples nariz de borracha. Quer dizer que eu não sou eu, eu sou o meu nariz?

– É... – disse o psiquiatra. – Talvez você tenha razão...

O que é que você acha, leitor? Ele tem razão? Seja como for, não se entregou. Continua a usar o nariz postiço. Porque agora não é mais uma questão de nariz. Agora é uma questão de princípios.

Quadro 2.2 - Texto 2

Fonte: Veríssimo (1994, p. 73-74).

Uma cena de um dia comum: almoço entre uma família, com personagens comuns, nada de fantasioso demais ou imaginário como ocorre em contos e fábulas, se não fosse um acontecimento: o marido chegar em casa usando um nariz postiço e toda a sua vida mudar depois disso. Essa crônica serve para um debate até mesmo das diferenças, afinal, todos achariam estranho, de fato, um homem usando um nariz postiço, porém em que isso alteraria quem ele é, sua dedicação à família e à profissão? As pessoas estão acostumadas a reagir, a estranhar qualquer comportamento que fuja dos padrões, sem dar a devida importância à essência de cada um. Vamos ver, a seguir, outros exemplos de livros de crônicas.

- Quer um ambiente com o qual os jovens mais se identificam do que a escola? De forma bem-humorada, o livro *Comédias para se Ler na Escola*, do autor Luis Fernando Verissimo, retrata esse ambiente tão importante e, por vezes, tão desafiador para os adolescentes.
- No livro *Uns papéis que voam*, Flávio José Cardozo traz grandes lições e ensinamentos com sua linguagem coloquial e se aproxima de leitores de todas as idades.

Um apólogo - Machado de Assis

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

- Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

- Deixe-me, senhora.

- Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

- Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

- Mas você é orgulhosa.

- Decerto que sou.

- Mas por quê?

- É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

- Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

- Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

- Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...

- Também os batedores vão adiante do imperador.

- Você é imperador?

- Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana - para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

- Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima.

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o *plic-plic plic-plic* da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E quando compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

- Ora agora, diga-me quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

- Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: - Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Quadro 2.3 - Texto 3

Fonte: Assis (1983, p. 73-74).

O exemplo de Machado de Assis é bem famoso, embora não se trate de uma história infantil, principalmente devido à linguagem rebuscada. Porém poderia ser facilmente adaptada para uma leitura para as crianças, com encenação utilizando-se de objetos.

Nesse apólogo, temos uma disputa de vaidades que podem ser associadas a perfis humanos e, até mesmo, ao trabalho. Pode ser lido por mais jovens, mostrando a importância de cada um fazer a sua parte, de que tanto a agulha quanto a linha têm funções necessárias e distintas para a roupa ficar pronta. Nenhum trabalho deveria ser inferior a outro. Com os maiores, podem ser trabalhados outros pontos ainda, como o fato de alguns fazerem o trabalho duro enquanto outros levam o crédito maior.

Mais Respeito, Eu Sou Criança - Pedro Bandeira

Prestem atenção no que eu digo,
pois eu não falo por mal:
os adultos que me perdoem,
mas ser criança é legal!

Vocês já esqueceram, eu sei.
Por isso eu vou lhes lembrar:
pra que ver por cima do muro,
se é mais gostoso escalar?

Pra que perder tempo engordando,
se é mais gostoso brincar?
Pra que fazer cara tão séria,
se é mais gostoso sonhar?

Se vocês olham pra gente,
é chão que veem por trás.
Pra nós, atrás de vocês,
há o céu, há muito, muito mais!

Quando julgarem o que eu faço,
olhem seus próprios narizes:
lá no seu tempo de infância,
será que não foram felizes?

Mas se tudo o que fizeram
já fugiu de sua lembrança,
fiquem sabendo o que eu quero:
mais respeito eu sou criança!

Quadro 2.4 - Texto 4

Fonte: Bandeira (2009, n.p.).

Esse poema faz parte de um livro com o mesmo título. Ele fala sobre uma questão universal: muitas vezes, os adultos se esquecem de que um dia foram crianças, tiveram as mesmas dúvidas e medos. Gostaram do mesmo universo fantasioso e da imaginação. Muito se fala em crianças terem que respeitar os mais velhos, mas não podemos nos esquecer de que as crianças também têm direitos que devem ser respeitados. E o poema de Bandeira nos relembra isso!

Por tanto tempo tendo suas especificidades desconsideradas, as crianças foram sendo tratadas apenas como adultos em miniaturas, por isso, é importante mostrar a elas um poema como este, que se volta para elas, criando muita identificação. O ritmo de leitura faz com que seja atrativo ler em voz alta e declamar, por exemplo. Aliás, concursos de declamação de poesias são frequentes em escolas e um ótimo meio de divulgar este gênero literário, que fica, por vezes, esquecido nas aulas, pois quase sempre se dá preferência aos narrativos.

Vamos ver mais alguns livros infantis de poesia que podem despertar a imaginação dos pequenos? É sabido que o famoso compositor e cantor brasileiro, Chico Buarque, escreve literatura. Livros como *Gota d'água* (1974), *Budapeste* (2003), *Leite Derramado* (2009) e tantos outros fizeram tanto sucesso que conferiram ao autor o Prêmio Camões em 2019, um dos maiores reconhecimentos para autores que escrevem em Língua Portuguesa. No livro infantil *Chapeuzinho Amarelo*, temos a intertextualidade com Chapeuzinho Vermelho, mas conta a história de uma menina que era muito medrosa, era “amarela de medo”, mas que conseguiu enfrentar seus medos, deixando grandes lições de coragem às crianças por meio da linguagem sensível, rimada e poética. A seguir, veja um trecho do livro:

E de todos os medos que tinha
O medo mais que medonho era o medo do tal do LOBO.
Um LOBO que nunca se via,
que morava lá pra longe,
do outro lado da montanha,
num buraco da Alemanha,
cheio de teia de aranha,
numa terra tão estranha,
que vai ver que o tal do LOBO
nem existia.
Mesmo assim a Chapeuzinho
tinha cada vez mais medo do medo do medo
do medo de um dia encontrar um LOBO
Um LOBO que não existia.
E Chapeuzinho amarelo,
de tanto pensar no LOBO,
de tanto sonhar com o LOBO,
de tanto esperar o LOBO,
um dia topou com ele
que era assim:
carão de LOBO,
olhão de LOBO,
jeitão de LOBO,
e principalmente um bocão
tão grande que era capaz de comer duas avós,
um caçador, rei, princesa, sete panelas de arroz...
e um chapéu de sobremesa.
Fonte: Buarque (2017, n.p.).

Esse texto é uma ótima ideia para trazer para as crianças personagens conhecidos, mas ressignificados, diverti-las, mas depois cumprir um papel importante da literatura infantil, que é ensinar algo, ou seja, propor uma discussão sobre os medos de cada um e meios de enfrentá-los, como a Chapeuzinho amarelo fez!

A corrida dos sapinhos - Autor Desconhecido

Era uma vez uma corrida de sapinhos!

O objetivo era atingir o alto de uma grande torre.

Havia no lugar uma multidão assistindo.

Muita gente para vibrar e torcer por eles.

Começou a competição;

Mas como a multidão não acreditava que os sapinhos pudessem alcançar o alto daquela torre, o que mais se ouvia era:

– Que pena! Esses sapinhos não vão conseguir.

E os sapinhos começaram a desistir.

Mas havia um que persistia e continuava a subida em busca do topo.

A multidão continuava gritando:

– Que pena!!! Não vão conseguir!

E os sapinhos estavam mesmo desistindo um por um, exceto aquele que continuava tranquilo embora cada vez mais arfante.

Já no final da competição todos desistiram, menos ele.

A curiosidade tomou conta de todos.

Queriam saber o que tinha acontecido... e assim, quando foram perguntar ao sapinho vencedor como ele havia conseguido concluir a prova, aí sim conseguiram descobrir...

Ele era surdo.

Moral da história: Seja "surdo" quando alguém te diz que você não pode realizar seus sonhos.

Quadro 2.5 - Texto 5

Fonte: A corrida... (*on-line*).

Esse texto tem o gênero facilmente identificável! A fábula, geralmente, começa com o famoso “era uma vez”, mas não é regra. Além disso, tem a presença frequente dos animais e a moral da história.

No texto lido, temos uma moral um tanto motivadora, a fim de que ninguém desista de seus sonhos e, ainda mais importante, que não dê ouvidos quando alguém (e sempre tem alguém) tenta desanimar e dizer que você não vai conseguir.

Como vimos, esse gênero surgiu há muitos anos, na Grécia Antiga, mas muitos autores continuam se embasando naquele modo de criar histórias com lições de moral, como é o caso de Monteiro Lobato.

No livro *Fábulas*, Monteiro Lobato uniu os personagens mais famosos dele (Narizinho, Pedrinho, Emília, Visconde e Dona Benta) com as clássicas histórias criadas por Esopo. Dona Benta é a responsável por transmitir esses conhecimentos aos netos e a nós, leitores(as). É um excelente livro para abordar esse gênero de uma maneira um pouco diferente.

E os demais livros de literatura infantil? Como já abordamos, existem os gêneros literários que vimos anteriormente, mas a própria literatura infantil ou a literatura juvenil são vistas como um gênero único quando temos os livros contando histórias narrativas um pouco mais longas que um conto ou crônica, por exemplo, mas que ainda tem predominância das grandes ilustrações, que dominam a página com pouco texto.

Autores Infantis Brasileiros

- **Ana Maria Machado**

É membra da Academia Brasileira de Letras. Recebeu diversos prêmios por seus livros, como o Prêmio Jabuti, por três vezes.

Com apenas 24 páginas, *Menina bonita do laço de fita* traz uma importante mensagem sobre a Diversidade Étnico-Cultural Brasileira. Apresenta, ainda, elementos importantes à literatura infantil, como a presença do animal que fala, nesse caso, o coelho que admira a beleza da menina negra e para o livro inteiro questionando e tentando descobrir como ela faz para ter essa pele tão linda!

- **Ruth Rocha (1931)**

Como diz o título de um dos seus livros, para Ruth Rocha (2007), *Toda criança do mundo mora no meu coração*. Talvez por isso ela tenha se dedicado tanto à literatura para os pequenos. Recebeu diversos prêmios literários, como da Academia Brasileira de Letras, da Associação Paulista dos Críticos de Arte, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, oito prêmios Jabuti e muitos outros. A lista não para por aí!

Além de tantos livros para entreter as crianças e/ou para ensinar grandes lições, no livro *Os direitos das crianças segundo Ruth Rocha*, a autora se preocupa em falar dos direitos básicos infantis, com linguagem adequada ao público-alvo, em forma de versos. Além de citar pontos como proteção e cuidado, aborda a importância do brincar, por exemplo.

Segue um trecho desse lindo e tão necessário trabalho.

*Toda criança no mundo
Deve ser bem protegida
Contra os rigores do tempo
Contra os rigores da vida.
Criança tem que ter nome
Criança tem que ter lar
Ter saúde e não ter fome
Ter segurança e estudar.*

(...)

*Mas criança também tem
O direito de sorrir.
Correr na beira do mar,
Ter lápis de colorir...
Ver uma estrela cadente,
Filme que tenha robô,
Ganhar um lindo presente,
Ouvir histórias do avô.*

Fonte: Rocha (2002, p. 45).

Um pouco mais sobre a Literatura Juvenil

Um tipo de texto que é quase unânime entre os jovens é o suspense ou o romance policial. Trata-se de histórias que possuem algum crime ou tragédia, e alguém é destinado a resolver esse mistério. Espera-se que o desfecho seja surpreendente, o que torna ainda mais interessante o gênero.

Acredita-se que tal gênero teve início em abril de 1841, nas colunas de um periódico da Filadélfia, o *Graham's Magazine*, com a publicação de *The Murders in the Rue Morgue* (*Assassinatos na Rua Morgue*), de Edgar Allan Poe, escritor que ficou famoso não só pelos policiais mas também pelo terror.

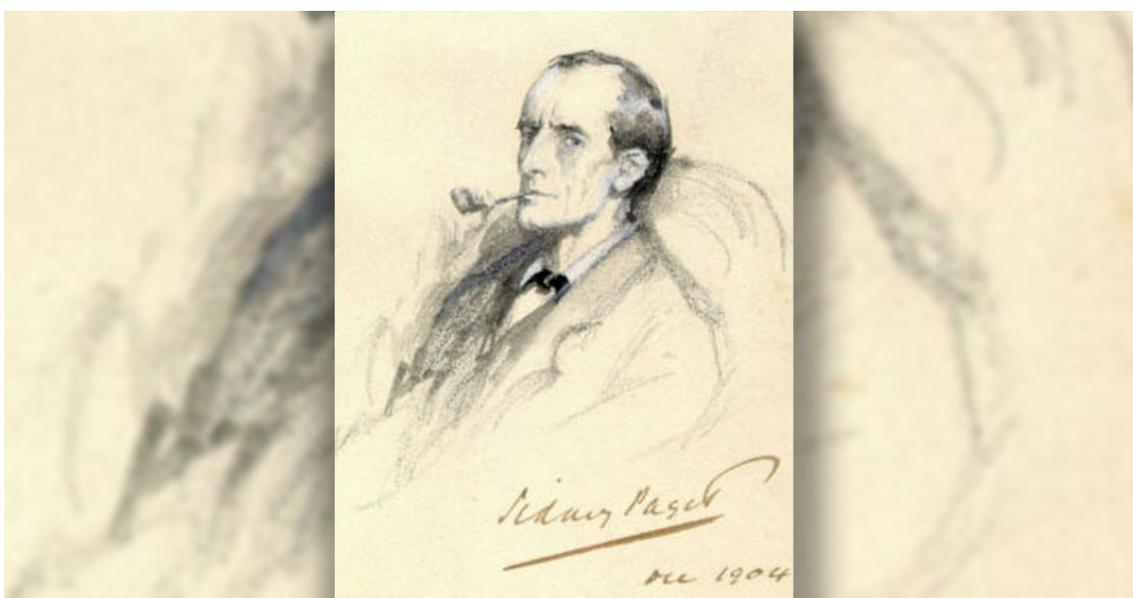


Figura 2.5 - Personagem Sherlock Holmes

Fonte: Sidney Paget / Wikimedia Commons.

Um dos mais famosos detetives da literatura é Sherlock Holmes, idealizado pelo britânico Arthur Conan Doyle, a primeira aparição foi em *Um estudo em vermelho* (1887). O personagem é extremamente inteligente, usa a lógica como ninguém, mas conta com a ajuda de um amigo, característica recorrente também nos livros dessa temática, dr. Watson, o responsável por narrar as aventuras e sempre se surpreende com a perspicácia do colega de trabalho. Há muitos outros livros que contam as aventuras dos dois, as quais já foram adaptadas, de diversas formas, em séries televisivas e cinema.

Outros escritores que se aventuraram nessa temática são: Agatha Christie, Dan Brown, Stieg Larsson, dentre outros. Vamos ver dois autores contemporâneos que seguiram um pouco das características do gênero policial, mas as adaptaram aos dias atuais.

- **Pedro Bandeira (1942)**

Com mais de 80 títulos publicados, Bandeira é o escritor de livros juvenis mais vendido no Brasil. É conhecido pela série *Os Karas*, um grupo de estudantes que se unem para desvendar crimes na cidade de São Paulo. Leituras como esta são extremamente cativantes para jovens. São rápidas, ágeis e dão aquela vontade de não parar de ler para descobrir o que acontece; normalmente, tenta-se resolver os mistérios antes e, quando chega ao final, em geral, se surpreende!

Os livros dessa série são, em ordem cronológica de escrita e das aventuras dos amigos: *A Droga da Obediência* (1984), *Pântano de Sangue* (1987), *Anjo da Morte* (1988), *A Droga do Amor* (1994), *A Droga de Americana* (1999) e *A Droga da amizade* (2014).

Os personagens desse livro são uma espécie de Sherlock Holmes juvenil. Extremamente inteligentes e de raciocínio rápido, desafiam a polícia, descobrem coisas que esta não consegue e salvam vidas em perigo. Unem, ainda, a essas aventuras conflitos comuns de estudantes: o primeiro amor, as dificuldades nas notas, esportes etc.

Além dessa série, o autor possui outros livros de mistério e suspense, tema que, muitas vezes, é o que mais interessa os jovens, como: *A prova de fogo* (1996) e *Descanse em paz, meu amor* (1996), que abordam, até mesmo, elementos sobrenaturais.

Há, também, alguns livros inspirados em clássicos famosos. *Agora estou sozinha* (1984) reconta nada menos que *Hamlet* (1609), de Shakespeare; enquanto *A Marca de uma lágrima* (1985) buscou inspiração em *Cyrano de Bergerac* (1897), de Edmond Rostand.

Apesar de já terem sido publicados há algum tempo, são livros que ainda figuram frequentemente em listas obrigatórias escolares para o Ensino Fundamental, justamente porque são obras universais, atemporais, um conceito muito importante, que significa que elas não ficam paradas no tempo, não se limitam a um contexto histórico. Por retratarem o dia a dia de adolescentes com conflitos que ocorrem, muitas vezes, no ambiente escolar, essas obras podem ser lidas atualmente e gerar muitas identificações com seus personagens.

- **Thomas Conrad Brezina** (1963 - Áustria)

Muito popular nas listas de livros indicados para o Ensino Fundamental, esse autor é o criador da *Turma dos Tigres*, semelhante a *Os Karas* do autor brasileiro, ou seja, há jovens que desvendam grandes mistérios também.

Porém há algo diferente em suas obras que muito instiga os jovens leitores: estes são convidados a participarem da história, a se juntarem à turma. Antes de iniciar as histórias, temos uma ficha de detetive para colocar os principais dados sobre você e as suas habilidades. Ao longo da narrativa, surgem mistérios e cabe ao leitor adivinhá-los; caso consiga, marcar a resposta numa ficha de detetive. Caso não consiga adivinhar as respostas, é só buscar o decodificador do seu *kit* detetive e olhar a resposta.



Figura 2.6 - Decodificador da Turma dos tigres

Fonte: Bastos (2014, *on-line*).

Realmente, dá vontade de participar dessa aventura, não? Ainda há muito o que explorar desse universo tão vasto e encantador que é a literatura infantojuvenil. Poderíamos ficar horas falando de autores e livros que marcaram nossa vida. Tenho certeza de que todos se lembram de uma história que leu ou que ouviu em uma contação e te marcou.

O mais interessante desse tipo de literatura é que, na verdade, não há idade! É uma delícia ler livros infantis e ter a chance de modificar vidas levando esse gosto aos pequenos, podem ser nossos filhos, sobrinhos ou alunos.

ATIVIDADES

4) Leia o texto a seguir.

Melhor Amigo - Fernando Sabino

A mãe estava na sala, costurando. O menino abriu a porta da rua, meio ressabiado, arriscou um passo para dentro e mediu cautelosamente a distância. Como a mãe não se voltasse para vê-lo, deu uma corridinha em direção de seu quarto.

– Meu filho? – gritou ela.

– O que é – respondeu, com o ar mais natural que lhe foi possível.

– Que é que você está carregando aí?

Como podia ter visto alguma coisa, se nem levantara a cabeça? Sentindo-se perdido, tentou ainda ganhar tempo.

– Eu? Nada...

– Está sim. Você entrou carregando uma coisa.

Pronto: estava descoberto. Não adiantava negar – o jeito era procurar comovê-la. Veio caminhando desconsolado até a sala, mostrou à mãe o que estava carregando:

– Olha aí, mamãe: é um filhote...

Seus olhos súplices aguardavam a decisão.

– Um filhote? Onde é que você arranjou isso?

– Achei na rua. Tão bonitinho, não é, mamãe?

Sabia que não adiantava: ela já chamava o filhote de isso. Insistiu ainda:

– Deve estar com fome, olha só a carinha que ele faz.

– Trate de levar embora esse cachorro agora mesmo!

– Ah, mamãe... – já comendo uma cara de choro.

– Tem dez minutos para botar esse bicho na rua. Já disse que não quero animais aqui em casa.

Tanta coisa para cuidar, Deus me livre de ainda inventar uma amolação dessas.

O menino tentou enxugar uma lágrima, não havia lágrima. Voltou para o quarto, emburrado:

A gente também não tem nenhum direito nesta casa – pensava. Um dia ainda faço um estrago louco. Meu único amigo, enxotado desta maneira!

– Que diabo também, nesta casa tudo é proibido! – gritou, lá do quarto, e ficou esperando a reação da mãe.

– Dez minutos – repetiu ela, com firmeza.

– Todo mundo tem cachorro, só eu que não tenho.

– Você não é todo mundo.

– Também, de hoje em diante eu não estudo mais, não vou mais ao colégio, não faço mais nada.

– Veremos – limitou-se a mãe, de novo distraída com a sua costura.

– A senhora é ruim mesmo, não tem coração!

– Sua alma, sua palma.

Conhecia bem a mãe, sabia que não haveria apelo: tinha dez minutos para brincar com seu novo amigo, e depois... ao fim de dez minutos, a voz da mãe, inexorável:

– Vamos, chega! Leva esse cachorro embora.

– Ah, mamãe, deixa! – choramingou ainda: – Meu melhor amigo, não tenho mais ninguém nesta vida.

– E eu? Que bobagem é essa, você não tem sua mãe?

– Mãe e cachorro não é a mesma coisa.

– Deixa de conversa: obedece sua mãe.

Ele saiu, e seus olhos prometiam vingança. A mãe chegou a se preocupar: meninos nessa idade, uma injustiça praticada e eles perdem a cabeça, um recalque, complexos, essa coisa

– Pronto, mamãe!

E exibia-lhe uma nota de vinte e uma de dez: havia vendido seu melhor amigo por trinta dinheiros.

– Eu devia ter pedido cinquenta, tenho certeza que ele dava murmurou, pensativo.

Fonte: Sabino (2011, p. 81).

Sobre o texto lido, assinale a resposta correta quanto ao gênero textual a que ele pertence.

- a) É uma fábula, pois há a presença de animais, com uma lição de moral ao final, a partir da fala do menino.
- b) Trata-se de uma crônica, pois aborda uma cena do dia a dia, com personagens comuns e, ainda, conta uma certa ironia e humor.
- c) É um apólogo, pois há a presença de animais interagindo com os humanos.
- d) Trata-se do conto maravilhoso, que põe em discussão um problema social: os animais abandonados e seu resgate.
- e) É uma releitura atual de um conto de fadas, pois, neste, temos sempre um herói em busca de algo pessoal, como o menino querendo salvar o cachorro.

INDICAÇÕES DE LEITURA

Nome do livro: A psicanálise dos contos de fadas

Editora: Paz e Terra

Autor: Bruno Bettelheim

ISBN: 8577530388

Comentário: Um livro muito instigante para quem gosta de boas histórias infantis, mas quer entender as origens e as várias simbologias por trás dos contos originais. Além disso, aborda quanto os contos de fadas podem ser grandes aliados em termos emocionais para as famílias.

INDICAÇÕES DE FILME

Nome do filme: A viagem de Chihiro

Gênero: Animação

Ano: 2001

Direção: Hayao Miyazaki

Comentário: O conflito desse filme é bem comum a filmes infantis: perder-se por algum motivo e a tentativa de voltar para casa. Já vimos esse tema em clássicos como *Alice no país das maravilhas* e *O mágico de Oz*. Porém é importante conhecer filmes que vão além do cinema estadunidense. O diretor é japonês e esse filme ganhou 35 prêmios, dentre os quais está o Óscar de melhor filme de animação.

UNIDADE III

A Literatura Infantil e Juvenil na Escola

Pedro Afonso Barth

Introdução

Olá, caro(a) aluno(a), vamos conversar, de maneira aprofundada, sobre a importância da formação de leitores? Afinal, o contato com a literatura é fundamental para efetivar a cidadania, para o desenvolvimento psicológico e social de bebês, crianças e adolescentes. Por isso, trataremos da importância da literatura infantil e juvenil no ambiente escolar.

Abordaremos, primeiramente, quais seriam os melhores critérios para selecionar bons livros de literatura. Também, falaremos sobre as exigências dos documentos oficiais em relação à educação literária.

Outro ponto fundamental que abordaremos será a importância de ancorar sequências didáticas de literatura, com metodologias de ensino e de formação de leitores. Nesse sentido, apresentaremos duas metodologias: a recepcional, que leva em conta o horizonte de expectativa dos leitores, e a do letramento literário, que concebe a leitura literária como um ato de cidadania.

Você está pronto, caro(a) aluno(a), para debater aspectos educacionais e pedagógicos a respeito da literatura infantil e juvenil no ambiente escolar? Refletir sobre essas questões tem total sintonia com a formação de sujeitos críticos, que conseguem exercer a cidadania em tudo que fazem ou que farão ao longo da vida.



Fonte: Andrey Kekyalaynen / 123RF.

A Qualidade na Literatura Infantil e Juvenil

Uma das preocupações de qualquer professor, educador, bibliotecário ou, até mesmo, de alguém que é responsável por crianças, é saber como julgar e classificar a qualidade de obras para esse público. Durante muito tempo, a forma e os critérios para seleção de livros eram definidos de forma arbitrária, sem levar em conta as qualidades estéticas. Era arbitrária porque imperava um viés pedagógico e moralizante: era literatura para crianças somente se fosse capaz de ensinar alguma coisa e se conduzisse para uma moral. Entretanto essa não é uma boa medida para selecionar livros, pois aprisiona os sentidos de uma leitura. Dessa forma, há outros critérios que devem ser soberanos. O principal é o estético, ou seja, o livro deve possibilitar uma experiência literária, deve propiciar o incentivo à imaginação, à construção de uma identificação e à possibilidade de fruição. Portanto, caro(a) aluno(a), vamos estudar os melhores critérios para selecionar obras para crianças e adolescentes. Vamos lá?

Definindo Critérios

Quando selecionamos livros para serem lidos para crianças e adolescentes, é preciso levar em conta cinco pilares, descritos a seguir.

1. Ir ao encontro dos interesses dos leitores: os livros selecionados precisam chamar a atenção das crianças e dos adolescentes. Não adianta selecionar obras que não despertem curiosidade do público-alvo. Com o objetivo de encantar esses potenciais leitores, é preciso selecionar obras com temáticas coerentes e instigantes para crianças e jovens. Além disso, o projeto gráfico, as ilustrações também precisam ser atraentes. Em outras palavras, os livros precisam ter elementos de adequação em relação ao público-alvo. No caso da literatura infantil, ela deve ter um texto compreensível e atraente, ilustrações que incentivam a imaginação e que permitam que a criança possa construir os sentidos da leitura. No caso da leitura juvenil, os elementos de adequação serão outros: um projeto gráfico interessante, um texto desafiador e temas que motivem e despertem o interesse do jovem.
2. Diversidade: é fundamental apresentar obras dos mais diversos gêneros e autores de diferentes nacionalidades. Por exemplo: poesia, quadrinhos, gibis, romances, novela, álbuns ilustrados. É pela diversidade que formamos um leitor capaz de ler diferentes obras. Além disso, ampliamos o repertório de leituras desde a mais tenra infância. No caso de adolescentes, é importante oferecer e conversar tanto sobre leituras clássicas e canônicas, como os clássicos da literatura brasileira, por exemplo, Machado de Assis, quanto conversar sobre livros que possam interessar por ter relações com outras mídias, como filmes, *games*, séries.

3. Evitar obras que não tenham uma função literária: devem ser selecionadas obras que tenham primazia da função estética em detrimento de uma função utilitária. Obras panfletárias ou que apenas têm um fundo moralista podem afastar o leitor infantil, pois é preciso que o texto literário tenha elementos que permitem uma efabulação, ou seja, que o leitor consiga projetar sua leitura.
4. Selecionar tanto obras de autores consagrados e premiados, como Monteiro Lobato, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, como obras mais contemporâneas. O ideal é criar nos leitores uma criticidade própria.
5. Estar atento a premiações e seleções feitas por especialistas de obras infantis e juvenis. Saber quais são as obras indicadas por especialistas.

Os critérios anteriores deveriam nortear qualquer biblioteca e o trabalho de todos os mediadores de leitura. Ao falar sobre mediadores de leitura, não estamos falando apenas de professores e educadores, mas sim de qualquer pessoa que possa influenciar e motivar crianças e adolescentes à leitura.

Os livros oferecidos devem formar e incentivar o hábito de leitura. Há autores que definem essa perspectiva como o desenvolvimento do gosto pela leitura. A professora Alice Áurea Penteadó Martha problematiza o termo da seguinte forma:

O gosto, entendido como prazer estético, e não algo que possa ser transmitido por contágio, como uma virose, é prazer que pode ser conquistado, de fato, a partir do momento que os leitores compreendem o que leem como prática experimentada, ato que envolve participação e aproximação. Gosto é particularidade de cada indivíduo e, no caso da leitura, não pode ser transmitido, só pode ser estimulado pelo ato de ler, responsável pela formação e enriquecimento do repertório dos leitores, uma espécie de biblioteca interior de cada um (MARTHA, 2012, p. 32).

Nessa perspectiva, é inadequado falar que é possível ensinar o gosto pela literatura. É, sim, algo que pode ser incentivado, motivado. Essa é uma missão fundamental de todos os educadores e de todas as pessoas comprometidas com a educação – a formação de leitores. Ainda sobre isso, Martha (2012, p. 32) acrescenta:

Conforme as teorias que valorizam a recepção, texto e leitor interagem a partir de convenções compartilhadas, ou seja, da dinamização de seus repertórios e de estratégias utilizadas tanto na construção artística do texto como nos atos de compreensão do leitor – a realização estética –, ampliando-se, a cada texto lido, a possibilidade de consolidação do prazer estético. O prazer do leitor – o gosto

– decorre do contato com o objeto no momento da leitura, uma vez que, frente ao texto, exerce sua atividade criativa, instigada pela recepção da vivência alheia. Desse modo, se pretendemos ampliar as possibilidades para que mais leitores alcancem o prazer estético, devemos atentar para o modo como crianças e jovens leem na escola.

Ou seja, além de escolher boas obras, é necessário criar momentos em que crianças e adolescentes estarão em contato com experiências de leitura. Momentos como contação de histórias, discussão de leituras, partilha de leituras devem ser buscados e encontrados. Dessa forma, é o contato com obras literárias, com diferentes textos que fará com que a criança e o adolescente possam se encantar e fazer da leitura um hábito. Sem a imersão por meio de textos literários, não é possível formar leitores. É preciso ter contato com livros, com obras ficcionais. Em relação a esse aspecto, é importante refletir, novamente, sobre as formas de seleção de obras. Nesse sentido, é importante apontar que:

Não podemos nos impressionar com capas estonteantes e figuras que saltam das páginas, pois no mundo consumista em que estamos, qualquer tipo de livro tem sido produzido e vendido. Há certos cuidados que devemos ter, e para isso o professor deve saber o que de fato define a literatura infantil dos demais livros. Há vários critérios que podemos levar em consideração e destacaremos alguns: o primeiro é saber que a literatura não precisa se atualizar para cumprir sua função, além disso, o texto literário faz uso da arte, é bem escrito possuindo uma boa narrativa, com a articulação entre enredo e personagem, fugindo de uma sequência linear da obra, da qual o leitor precisa fazer pouco para que ela seja compreendida; o segundo é que toda obra literária possui uma mensagem que deve estar implícita e, quanto mais implícita, mais literário é o texto; o terceiro aspecto é diferenciar a literatura infantil de livros paradidáticos. Estes, por sua vez, precisam sempre de atualizações, não contêm mensagem implícita e abordam um determinado conteúdo das diversas áreas do conhecimento como ciências, meio ambiente, matemática, etc., precisando sempre de atualizações, além de não causarem emoção. Um outro aspecto que podemos discutir é a qualidade de textos infantis brasileiros. Alguns escritores têm dado contribuições importantes a essa área: Monteiro Lobato, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga, dentre tantos outros que se consolidaram como escritores de literatura infantil, principalmente nas últimas décadas. Nos dias atuais Ricardo Azevedo, Tatiana Belinky, Eva Furnari, dentre outros (SOUZA; GIROTTO; SILVA, 2012, p. 6).

As autoras destacam que é preciso ir além do projeto gráfico no momento de selecionar livros, pois, atualmente, há muitas obras que podem possuir capas coloridas e atraentes, mas que podem ter histórias pobres de qualidade estética. Não podemos nos impressionar com recursos gráficos. Precisamos analisar e perceber se a ilustração e o projeto gráfico são coerentes com a história contada, se ampliam a leitura do texto escrito, se permitem uma leitura estética. Além disso, na perspectiva das autoras, os critérios para escolhas de livros literários são:

1. considerar a literatura como arte e, assim, considerar que qualquer obra precisa articular uma função estética.
2. os sentidos do texto literário são múltiplos, não devem estar explícitos. A literatura é a arte da palavra, então, cada leitor deve e pode ter a liberdade de criar os seus percursos de interpretação de texto.
3. livros literários não são livros paradidáticos, ou seja, não devem ter como foco o ensino, a aprendizagem. Podemos aprender muito com livros de literatura, é claro, mas isso deve acontecer de forma natural. Preocupações pedagógicas não devem ser um fator para definir qualidade de obras literárias.
4. valorizar e reconhecer os autores brasileiros que produzem literatura infantil e juvenil de absoluta qualidade.

Enfim, são muitas as variáveis para selecionar obras literárias. Talvez, a principal questão para os professores seja o equilíbrio entre selecionar obras literárias sem cair na armadilha de selecionar obras que tenham apenas preocupações didáticas. Em relação a isso, Cosson (2013, p. 20) aponta que

O professor de literatura das séries iniciais do Ensino Fundamental e da educação infantil enfrenta o dilema de conciliar o literário com o pedagógico, sem deixar de observar questões de ordens tão distintas quanto o material de confecção da obra; o formato favorável ao seu manuseio; a fonte empregada na impressão; a inteligibilidade sintática e lexical do texto; a elaboração imagética das ilustrações em termos de cores e formas, e outros tantos elementos em um mar de publicações.

Dessa forma, é preciso analisar a obra de literatura como uma configuração complexa: além da qualidade estética e da qualidade do texto literário, é preciso observar a qualidade da ilustração e do projeto gráfico. Ou seja, é preciso perceber a obra como um todo e se há coerência entre os seus elementos. Em relação a esse aspecto, é importante ler com atenção os apontamentos da professora Vera Teixeira de Aguiar.

Como estamos considerando a obra literária enquanto fenômeno com leis internas de funcionamento e objeto à mercê das regras sociais de uso, devemos nos ater a seu invólucro e trânsito entre os leitores. Aqui, avulta a questão da ilustração e, mais genericamente, da edição. O livro é o texto e também sua formação material, com uma face física que se apresenta ao leitor e lhe aponta sentidos. Por isso, cada vez mais, numa sociedade sedutora como a nossa, a confecção do livro infantil tem merecido cuidados visuais: capa, diagramação, ilustração. No entanto, esses elementos, mais do que um caráter apelativo de conquista do consumidor, são signos construtores de significações. Importa, então, que eles não sejam apenas redundâncias do texto escrito, repetindo as informações ali contidas (quando não contrariadas), mas também índices novos, que se somam à constituição do sentido global do livro: ilustrações criativas, em que jogos de cores, de luz e sombra, de detalhes e superposições permitam novas interpretações; diagramação cuidadosa e original, que oriente o leitor em direção de novos sentidos; capas sugestivas que provoquem curiosidade, etc. Nossa proposta é a de que a multiplicidade de linguagens de que se faz o objeto livro permita a emergência de ditos, não ditos e subentendidos, verbais e visuais, como possibilidades de sentidos que se colocam ao leitor. Dentre elas, ele vai exercer sua liberdade de escolha, combinando dados segundo sua percepção e dando um nexos para sua leitura (AGUIAR, 1999, p. 246-247).

Em suma, os livros devem permitir a plurissignificação e possibilitar que o leitor seja protagonista da construção dos sentidos. Ou seja, jovens e crianças serão leitores efetivos de textos literários quando eles conseguirem se apropriar da literatura para construir as próprias interpretações. A partir do livro lido, conseguem relacionar com a sua vida, com seu cotidiano e passam a entender melhor o mundo que os cerca e a si mesmos. Além disso, cabe citar que os livros que permitem a plurissignificação são aqueles que levam o leitor a preencher os “vazios” de uma história com sua imaginação, com seu ponto de vista, com sua compreensão.

Na imagem a seguir, temos a representação de uma biblioteca escolar, que deve ser o espaço legítimo de contato da criança e do adolescente com uma gama e diversidade de obras literárias.

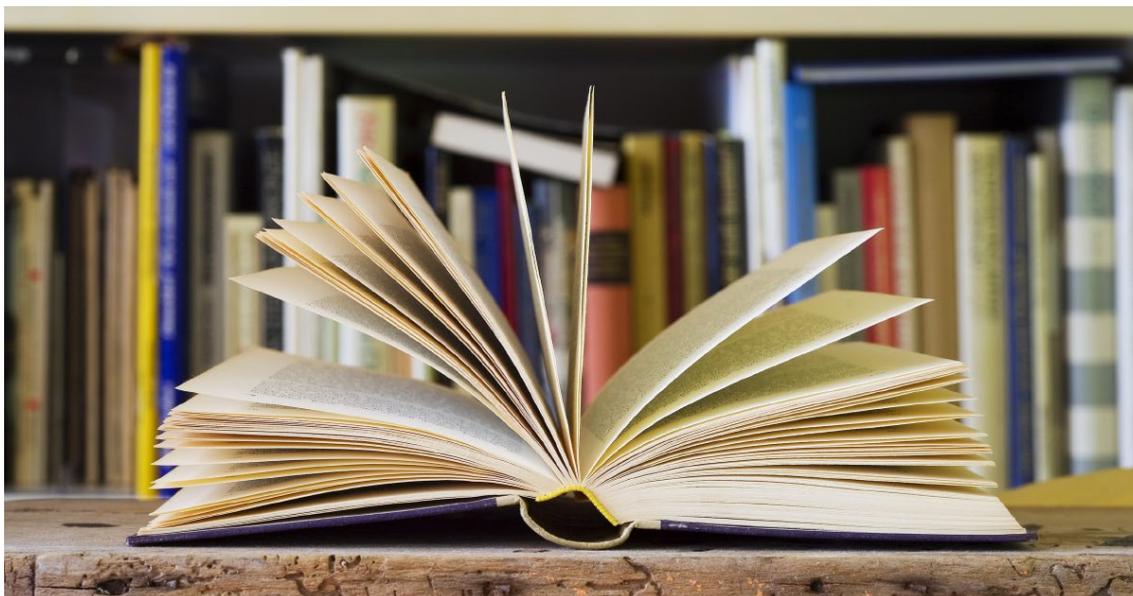


Figura 3.1 - Biblioteca escolar

Fonte:  wansler / 123RF.

Caro(a) aluno(a), somente podemos falar em uma efetiva formação de leitores se pensarmos em espaços em que crianças e adolescentes terão contato com livros e com material que permita o compartilhamento de leituras. Por isso, é responsabilidade da família, da escola, pensar e oferecer momentos em que livros e leituras serão protagonistas, além de, claro, oferecer a quem quiser material de leitura.

REFLITA

É para a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos por meio dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso, a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro, mas porque precisa ler muitos (LAJOLO, 2008, p. 32).

ATIVIDADES

- 1) A função de um mediador é apresentar uma diversidade de obras literárias, para, assim, motivar o aluno ao hábito da leitura. Em relação a esse importante aspecto, assinale a alternativa correta.
- a) Um mediador deve selecionar livros didáticos e pedagógicos, pois estes garantem a qualidade literária.
 - b) Os únicos livros que devem ser oferecidos são os de autores reconhecidos nacional e internacionalmente por meio de prêmios literários.
 - c) Um critério fundamental para a seleção de obras literárias é a qualidade estética de uma obra, é a possibilidade de permitir múltiplas leituras.
 - d) É possível impor aos alunos o gosto pela leitura, por meio de atividades que incorporarão o hábito de maneira eficiente.
 - e) A criança não pode escolher o que ela lê, apenas deve ter acesso a obras mediadas e escolhidas pelos adultos.

Importância da Literatura no Ensino

A literatura é um elemento humanizador e pode ser muito significativo na trajetória de vida de uma pessoa. Além dessa importância, a presença da literatura é garantida em documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Curricular Comum (BNCC). É o que veremos nas próximas páginas.

A Literatura nos Parâmetros Curriculares Nacionais e na BNCC

Os documentos oficiais que norteiam e fundamentam os currículos escolares têm em comum o ponto de ter em seus textos, em vários momentos, a importância da literatura em todas as instâncias de ensino, ou seja, na educação infantil, no ensino fundamental e no ensino médio. Entretanto a maioria dos documentos é pouco direta e assertiva.

Um dos principais documentos aponta que:

O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua. Como representação, um modo particular de dar forma às experiências humanas, o texto literário não está limitado a critérios de observação fatural (ao que ocorre

e ao que se testemunha), nem às categorias e relações que constituem os padrões dos modos de ver a realidade e, menos ainda, às famílias de noções/conceitos com que se pretende descrever e explicar diferentes planos da realidade (o discurso científico). Ele os ultrapassa e transgride para constituir outra mediação de sentidos entre o sujeito e o mundo, entre a imagem e o objeto, mediação que autoriza a ficção e a reinterpretação do mundo atual e dos mundos possíveis (BRASIL, 1998, p. 26).

Assim, tanto os PCNs do Ensino Fundamental quanto os PCNs da Educação Infantil citam a literatura como forma efetiva da formação de leitores, e a leitura literária como algo importante e central nas aulas de Língua Portuguesa. No caso da educação infantil, a literatura é um meio de incentivar a oralidade, a imaginação e a socialização. Outro aspecto importante ressaltado pelos PCNs refere-se à materialidade linguística do texto literário. Nesse ponto, os documentos apontam que os textos literários são complexos e permitem múltiplas interpretações. Sob esse enfoque, apontam a sensibilidade e a estética como elementos responsáveis pela composição diferenciada, pela originalidade e pelo caráter transgressor da arte verbal.

FIQUE POR DENTRO

Caro(a) aluno(a), é importante conhecer as leis, os parâmetros e as diretrizes que definem os currículos escolares. Eles podem variar ao longo do tempo, portanto, é preciso estar alerta e descobrir quais são as diretrizes oficiais do ensino do país. Nos últimos anos, o que vem sendo discutido é a Base Nacional Comum Curricular, a chamada BNCC. Segundo o site governamental que a define, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e das modalidades da Educação Básica. Para saber mais, acesse o *link* disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 22 jan. 2020.

As discussões sobre educação estão sendo pautadas pela construção da BNCC, um documento que será a diretriz curricular de conteúdos das escolas do país. Isso não significa, porém, abandonar as bases definidas pelos PCNs, que nortearam a educação brasileira a partir dos anos 90. Em relação ao trabalho com literatura, os PCNs apontam:

[...] o trabalho com a literatura deve permitir que progressivamente ocorra a passagem gradual da leitura esporádica de títulos de um determinado gênero, época, autor para a leitura mais extensiva, de modo que o aluno possa estabelecer vínculos cada vez mais estreitos entre o texto e outros textos, construindo referências sobre o funcionamento da literatura e entre esta e o conjunto cultural; da leitura circunscrita à experiência possível ao aluno naquele momento, para a leitura mais histórica por meio da incorporação de outros elementos, que o aluno venha a descobrir ou perceber com a mediação do professor ou de outro leitor; da leitura mais ingênua que trate o texto como mera transposição do mundo natural para a leitura mais cultural e estética, que reconheça o caráter ficcional e a natureza cultural da literatura (BRASIL, 1998, p. 71).

A partir da citação, é possível perceber a articulação que a literatura apresenta com a formação de leitores. Coerente com essa necessidade, observe o quadro a seguir. Ele aponta, a partir dos PCNs, quais são as ações que devem ser tomadas pela escola para uma efetiva formação de leitores.

A escola deve dispor de uma biblioteca em que sejam colocados à disposição dos alunos, inclusive para empréstimo, textos de gêneros variados, materiais de consulta nas diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas, entre outros.
É desejável que as salas de aula disponham de um acervo de livros e de outros materiais de leitura. Mais do que a quantidade, nesse caso, o importante é a variedade que permitirá a diversificação de situações de leitura por parte dos alunos.
O professor deve organizar momentos de leitura livre em que também ele próprio leia, criando um circuito de leitura em que se fala sobre o que se leu, trocam-se sugestões, aprende-se com a experiência do outro.
O professor deve planejar atividades regulares de leitura, assegurando que tenham a mesma importância dada às demais.
Ler por si só já é um trabalho, não é preciso que a cada texto lido se siga um conjunto de tarefas a serem realizadas.
O professor deve permitir que também os alunos escolham suas leituras. Fora da escola, os leitores escolhem o que lêem. É preciso trabalhar o componente livre da leitura, caso contrário, ao sair da escola, os livros ficarão para trás.
A escola deve organizar-se em torno de uma política de formação de leitores, envolvendo toda a comunidade escolar. Mais do que a mobilização para aquisição e preservação do acervo, é fundamental um projeto coerente de todo o trabalho escolar em torno da leitura. Todo professor, não apenas o de Língua Portuguesa, é também professor de leitura.

Quadro 3.1 - Ações para formação de leitores previstas pelo PCN do Ensino Fundamental

Fonte: Brasil (1998, *on-line*).

Como vimos no Quadro 3.1, os PCNs têm algumas diretrizes importantes para a articulação de ações da literatura como instância de formação de leitores. Com a BNCC, essas importantes discussões não são apagadas. A diferença é que, agora, o ensino não deve se articular apenas em torno de conteúdos, e sim deve centralizar competências. Ou seja, é preciso elencar quais competências serão desenvolvidas nos alunos a partir de eixos e conteúdos. Assim, forma-se uma nova estrutura.

A nova estrutura terá uma parte que será comum e obrigatória a todas as escolas e outra parte flexível, definidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que se divide em cinco áreas de conhecimento: linguagens e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias; ciências humanas e sociais aplicadas; formação técnica e profissional. Nesse sentido, é preciso considerar que

o conceito de competência, adotado pela BNCC, marca a discussão pedagógica e social das últimas décadas e pode ser inferido no texto da LDB, especialmente quando se estabelecem as finalidades gerais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio (Artigos 32 e 35) (BRASIL, 2018, p. 13).

Na BNCC, a competência é definida como a mobilização de conhecimentos (tanto de procedimentos quanto de conceitos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas e problemas complicados da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL, 2018). Outra definição desse importante documento é:

A BNCC é um documento plural, contemporâneo, e estabelece com clareza o conjunto de aprendizagens essenciais e indispensáveis a que todos os estudantes, crianças, jovens e adultos, têm direito. Com ela, redes de ensino e instituições escolares públicas e particulares passam a ter uma referência nacional obrigatória para a elaboração ou adequação de seus currículos e propostas pedagógicas. Essa referência é o ponto ao qual se quer chegar em cada etapa da Educação Básica, enquanto os currículos traçam o caminho até lá (BRASIL, 2018, p. 5).

A literatura também integra os documentos da BNCC, pois é a partir da literatura que permitimos a ampliação de horizontes, a construção de significados, incentivamos uma visão crítica do mundo a nossa volta. Um dos eixos fundamentais para o ensino de Língua Portuguesa e para a educação integral é o eixo da educação literária.

Dessa forma, percebemos que, nos documentos oficiais, a literatura apresenta uma centralidade na construção da cidadania, principalmente como instância de formação de leitores. Porém, mesmo se não houvesse essa clareza nos documentos oficiais, é preciso levar em conta os inúmeros estudos que apontam a importância da educação literária, da literatura para a vida humana e para o desenvolvimento social e cognitivo de crianças e adolescentes. Por isso, na próxima seção, trataremos mais diretamente da importância da literatura.

ATIVIDADES

2) Quando o docente concebe a leitura como uma construção subjetiva, presume um trabalho de interpretação por parte do leitor, acionando seus conhecimentos de mundo, linguagem, literatura etc. Com base no exposto, analise as assertivas a seguir.

- I. A formação do leitor de literatura pressupõe, portanto, que as práticas motivem os alunos a realizarem suas leituras em busca dos diversos sentidos que um único texto pode ter.
- II. A leitura é uma capacidade estimulada por toda a vida, por isso não é prioridade incentivar a leitura nas crianças.
- III. O professor deve exercer o papel de mediador entre o aluno e o texto literário.
- IV. Por meio da leitura da literatura é que o leitor pode extrapolar os limites de seu cotidiano e (re)criar sua história como sujeito ativo, crítico e reflexivo.

Assinale a alternativa que apresenta todas as assertivas verdadeiras.

- a) São verdadeiras as afirmativas I, II e III.
- b) São verdadeiras as afirmativas I, III e IV.
- c) São verdadeiras as afirmativas I e III.
- d) São verdadeiras as afirmativas I e IV.
- e) São verdadeiras as afirmativas II e III.

Importância da Literatura para Crianças e Adolescentes

Caro(a) aluno(a), é importante apontar que todo professor pode e deve ser um mediador de leituras literárias. Isso significa que os educadores devem ser pontes entre os alunos e os textos literários, ou seja, devem ser incentivadores e apresentar textos e livros. Para poder fazer isso, é importante ter muita clareza da importância e da função da literatura. Um conceito muito amplo é o de Antonio Candido (1967, p. 86-87) que considera a literatura como um sistema vivo:

A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo uma sobre as outras e sobre os leitores, e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante a qualquer público, nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo.

Nesse sentido, o mediador precisa entender que a literatura é viva, está sempre se resignificando. É preciso que dialogue com os alunos e os incentive a falar e a compartilhar suas leituras. Além disso, a pesquisadora francesa Michele Petit (2008, p. 43) aponta que

Ao compartilhar a leitura, cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima. Se o fato de ler possibilita-se abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal.

Para os jovens, especialmente, a literatura possibilita a construção de laços afetivos, permite que adolescentes possam se colocar no lugar dos outros, permite o exercício da alteridade. Ler torna o individual coletivo, universaliza. Por isso, a ficção é tão importante, pois cada leitor, a partir das suas leituras, entra em jornadas de autoconhecimento. Coelho (2000, p. 29), especialista em literatura infantil, aponta qual a relação da literatura com a expansão de emoções:

Desde as origens, a literatura aparece ligada a essa função essencial: atuar sobre as mentes, nas quais se decidem as vontades ou as ações; e sobre os espíritos, nos quais se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem [...]. No encontro com a literatura (ou com a arte em geral) os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade.

A literatura não deve ter compromissos ideológicos, não deve ter a responsabilidade de ensinar nada, uma vez que tem um compromisso artístico. Ao mesmo tempo e de forma paradoxal, a presença de leituras, de obras ficcionais, acompanhando o desenvolvimento de uma criança e de um adolescente, vai permitir que o indivíduo seja mais preparado para a vida em sociedade, mais preparado culturalmente, mais crítico em relação ao mundo em que vive, mais sensível às emoções e às questões humanas.

Essa ambivalência é tratada em um importante texto do grande estudioso Antonio Candido, *A literatura e a formação do homem* (1972), no qual o autor concebe a literatura como força humanizadora, ou seja, como algo que exprime o homem, atuando, ao mesmo tempo, em sua formação. Martha (2012, p. 12) explica o que seria essa força humanizadora para Candido:

Para o autor, o processo de humanização realiza-se com o cumprimento de três funções: psicológica, formativa e de reconhecimento do mundo e do ser. A primeira, a psicológica, pode ser explicada pela necessidade que todo homem, seja criança, jovem ou adulto, tem de consumir fantasia, pois ninguém pode passar um dia sequer sem criar, imaginar situações, contar piadas ou histórias mais elaboradas. Em todos os níveis sociais, o cotidiano é constituído pela imaginação e pelo lúdico que, por vezes, antecipa, inclusive, o caráter pragmático e racional das invenções, por exemplo. Antes de criar determinado produto ou artefato, o homem sonha que é capaz de fazê-lo. Mas, segundo Candido, a modalidade que satisfaz de forma mais completa a necessidade de fantasia, inerente ao ser humano, é a literatura. Além da psicológica, a literatura cumpre uma função formadora, que não deve ser vista como pedagógica ou moralizadora. Para o crítico, a literatura não é uma arte inofensiva, uma vez que, ao transfigurar o real, carrega, como a vida, tanto o bem como o mal. Candido, ao abordar esse aspecto, indaga se a literatura possui uma função formativa tradicional, pedagógica, moralizadora, refletindo em seu questionamento a dúvida de todos aqueles que trabalham com textos literários na escola. Como resposta, considera a complexidade dessa função na arte literária, diferenciando-a de pressupostos estritamente pedagógicos, observando, inclusive, que a literatura não é uma arte inofensiva, já que, como a própria vida, é uma aventura que tanto pode trazer o bem como o mal.

Assim, a partir de *Candido*, temos a defesa da literatura como um direito de todo ser humano, por ela estabelecer laços como uma instância civilizatória e cultural. Observe o quadro a seguir para compreender melhor o exposto.

Função da literatura segundo Candido	Definição
Função psicológica	Pela literatura, crianças e adolescentes vão conhecendo e desenvolvendo sua cognição, além de lidar com questões da ordem do inconsciente. A fantasia, a imaginação e a ficção permitem que cada pessoa possa lidar com diferentes conflitos e, assim, aprenda a lidar com sentimentos essencialmente humanos, como ansiedade e raiva.
Função formativa	Apesar de não ter a responsabilidade de ensinar, a literatura permite que o leitor tenha acesso aos conhecimentos desenvolvidos pela humanidade ao longo dos tempos. Assim, lendo, adquirimos vocabulário, referências, temos acesso a saberes e a outras formas de ver o mundo.
Função de reconhecimento do mundo e do ser	Os textos literários que lemos permitem que o leitor se coloque na pele de outras pessoas, que viva outras vidas, que passe por experiências que não passaria se não fosse por meio da leitura. Assim, nesse processo, ele reconhece e compreende melhor o mundo e, até mesmo, entende melhor a sua interioridade.

Quadro 3.2 - Funções da literatura

Fonte: Adaptado de *Candido* (1972).

Dessa forma, a formação de leitores, especialmente de leitores literários, permite que as crianças e os adolescentes tenham acesso a formas elaboradas de pensamento, por isso, a emergência e a importância de práticas de formação de leitores literários na escola. Observe a figura a seguir, nela, temos uma criança descobrindo uma biblioteca. Esta deveria ser uma preocupação de pais, educadores, enfim, de todos os profissionais envolvidos com crianças.



Figura 3.2 - Leitura na infância

Fonte: photodeti / 123RF.

Na citação a seguir, temos as especificações do que caracterizaria uma leitura literária:

Para que uma leitura se especifique como leitura literária, é consensual que o leitor deva ser capaz de ocupar a posição semiótica do destinatário do texto, refazendo os processos autorais de invenção que produzem o efeito de fingimento. Idealmente, o leitor deve coincidir com o destinatário para receber a informação de modo adequado. Essa coincidência é prescrita pelos modelos dos gêneros e pelos estilos que funcionam como reguladores sociais da recepção, compondo destinatários específicos dotados de competências diversificadas: mas a coincidência é apenas teórica, quando observamos o intervalo temporal e semântico existente entre destinatário e leitor. Assim, a leitura literária é uma poética parcial ou uma produção assimétrica de sentido (HANSEN, 2005, p. 19-20).

O autor aponta que a leitura literária é um processo em que um leitor, com seu ponto de vista, seu olhar sobre o mundo, entra em contato com outro ponto de vista, criado por um autor e materializado em uma obra literária. Tal descrição pode fazer parecer que a leitura literária é algo formalizado e que somente compete a crianças maiores. Porém isso não é verdade. É possível proporcionar leituras literárias para todas as faixas etárias, e estamos falando, também, da educação infantil.



Figura 3.3 - Livros e bebês

Fonte: Nolte Lourens / 123RF.

Ao falar de educação infantil, você pode estar pensando em crianças de 3, 4 anos e em práticas como contação de histórias, fantoches, motivações de oralidade. Você não estará errado, a literatura é uma aliada fundamental para essa faixa etária. Porém, estamos falando, também, de bebês. Sim, é possível motivar leitura literária desde o nascimento. Observe a citação sobre a relação de bebês com leituras literárias:

Neste sentido, é importante lembrar que a aprendizagem dos bebês acontece inicialmente pelo corpo, por meio do movimento, das sensações, das expressões faciais, assim como por meio de interações e brincadeiras, em que seja possível manusear os objetos relacionados ao enredo dos livros, de modo a auxiliar no processo de significação do título, materializando o que haviam primeiramente imaginado. Sobre a interação dos bebês com os exemplares, constatou-se interesse, curiosidade, participação ativa das crianças e, como isso, resulta na valorização e na importância da presença dos livros e dos momentos de leitura no dia a dia da turma de berçário, seja por meio de leituras selecionadas e realizadas pelo adulto, sem adaptações no texto, ou da leitura de imagens realizada pela criança (RAMOS; PINTO; GIROTTO, 2018, p. 9).

Ou seja, já são comuns práticas de pesquisa que comprovam que a literatura pode fazer parte da vida da criança desde o princípio. Essas práticas vão ser fundamentais para a formação da criança.

Em suma, o essencial é fazer com que as crianças vivam e frequentem ambientes que sejam provocadores de leituras. Por exemplo,

conforme as crianças vão crescendo, o local vai mudando de configuração e outros objetos são inseridos neste contexto: as almofadas se transformam em pequenas poltronas, há cadeirinhas e também estantes baixas com rodinhas. Os livros estão sempre na altura das crianças, à disposição e ao alcance de suas mãos (SOUZA; GIROTTO, 2014, p. 3).

Oferecer livros às crianças, sempre e em diversidade. Esse deve ser um foco fundamental da educação literária. Assim, a criança vai aprendendo a ser íntima de livros, como podemos observar na citação a seguir:

[...] a criança diante do livro observa, se concentra, escolhe, experimenta, troca um livro por outro de materialidade diferente (de pano, emborrachado, cartonado, com luzes e sons, aromas, tridimensionais em pop-ups, carregados de rimas, onomatopeias e alterações, dentre outros estímulos sensoriais), interage com outras crianças à sua volta, com o educador, tenta resolver dúvidas que a atividade prática com o livro como objeto gera (SOUZA; GIROTTO, 2014, p. 4).

Caro(a) aluno(a), o ideal é que práticas de leitura literária passem a acompanhar sempre a rotina de crianças e adolescentes. Porém sabemos que esse é um panorama ideal: não é exatamente o que acontece. O que vemos mais provavelmente é crianças e adolescentes que crescem sem motivação e sem animação à leitura. Lembre-se, também, de que nunca é tarde para criar motivações. Costa (2007, p. 113) destaca que

Um encaminhamento que propicia o melhor desempenho dos professores formadores de leitores consiste em intensificar a pesquisa no campo da leitura e da recepção de textos. Esse objetivo é sustentado pela crença de que não existe um bom docente em sala de aula se não o alimentar um pesquisador, isto é, se ele não for movido pela curiosidade e pela persistência em buscar descobrir o que ainda não conhece.

Ou seja, é fundamental que você, como mediador(a), ou professor(a), esteja atento(a) a novos conhecimentos e oportunidades para aumentar seu saber acerca de técnicas, projetos e possibilidades para a formação de leitores.

REFLITA

“O livro como suporte não é normalmente considerado importante, exceto no caso de artigos de colecionador, do trabalho de bibliófilos ou de livros ilustrados. [...] A maioria das pessoas (e não só crianças) têm uma relação sensual com os livros; como ele é ao tato, o seu peso na mão, o tamanho, a forma (e, para crianças mais novas, seu gosto): tudo importa” (HUNT, 2010, p. 119-120).

Caro(a) aluno(a), no quadro a seguir, transcrevemos um exemplo prático de efetivação de leitura literária com uma turma de Ensino Fundamental. O livro escolhido pela proposta é a obra *Dia de Chuva*, escrita por Ana Maria Machado e ilustrada por Nelson Cruz (2007).

Percurso de leitura literária	Descrição
Primeira percepção sobre a obra	Trata-se de uma obra de literatura infantil destinada a leitores dos anos iniciais do ensino fundamental ou até crianças ainda não alfabetizadas. Iniciando pela apresentação da obra em termos materiais, vemos que se trata de uma edição que trabalha com uma concepção de leitor iniciante.
Composição do livro	O livro tem um formato grande, favorecendo seu manuseio quer pelas crianças, quer pela professora, tendo as crianças próximas a si. As ilustrações ocupam páginas inteiras, com o texto de duas ou três linhas disposto ao lado, em página branca, com vinheta de uma nuvem. Quando o texto vem junto à ilustração, esta ocupa duas páginas contíguas e aquele é apenas uma linha na parte superior da página. Além disso, o corpo das letras é grande e a fonte remete ao tema da história, confirmando os traços típicos das obras direcionadas para essa faixa etária.
O enredo da obra	A história é sobre o exercício da imaginação, revelando como uma mesma situação pode ser percebida de maneira diferente por adultos e por crianças. A situação inicial mostra um dia de ventania, com chuva anunciada, e a chegada de Henrique e Isadora na casa de Guido. Com a ameaça do temporal, as crianças não podem sair

	<p>de dentro de casa. É assim que, impedidas de brincar do lado de fora por causa da chuva, as crianças empreendem uma viagem imaginária nos territórios da sala de estar. Perceber como essa viagem é feita, com que elementos ela é composta no texto, é uma das tarefas de ler a obra literariamente. Para tanto, convém observar a relação de harmonia e complementaridade, mas não de subordinação, entre texto escrito e imagético, de resto preparada pela própria disposição predominante da imagem em uma página e as palavras em outra. A narrativa verbal dessa obra tem como principal recurso expressivo a concisão. A história é contada com poucas frases, uma boa parte delas funcionando como dísticos – “Eles ouviram o trovão / e viram as nuvens escuras”; “Então viajaram com os amigos / nas costas dos elefantes”. Essa concisão, vazada em linguagem simples, não impede a construção linguística de imagens, como a chuva vista pelas crianças por meio de uma “corrida das gotas na vidraça” e o uso de onomatopeia para simular o som inicial da chuva: “Tipe-tope-tipe-tope-tipe...”. Conta, ainda, o fato de que a viagem imaginária das crianças é feita com uns poucos dados – elefantes, caravana de carroças, pontes sobre abismos, navio mágico, piratas e caverna de ursos – devendo o leitor, assim como os três amigos personagens da história, empregar seus conhecimentos culturais para acompanhar as aventuras na terra da fantasia. No que cabe à narrativa visual, a ilustração apresenta-se como uma espécie de contraponto ao que está escrito, oferecendo ao leitor um ponto de mediação entre as duas percepções da realidade. É o que se observa no cenário principal do texto imagético: uma sala de estar vista sob diversos ângulos. No momento das brincadeiras, ela é enfocada de baixo para cima, como se reproduzisse o olhar de uma criança. No final, as brincadeiras terminam de cima para baixo, indicando a visão do adulto. Essa transição entre os dois olhares ajuda a construir o sentido da obra.</p>
<p>Aspectos implícitos</p>	<p>A viagem da imaginação das crianças, por sua vez, recebe a colaboração do contorno suave das formas humanas, dos objetos e do ambiente, que se expandem para além do limite da página. Também ganha reforço na técnica de pintura, que remete ao uso de</p>

	<p>giz de cera, e às cores, que passeiam entre os diversos tons de verde até chegar ao amarelo nos grandes planos em um jogo de sombra e luz. Esse jogo tende a esmaecer as formas e a escurecer uma das bordas da página. Para completar, há, ainda, a inclusão de uma personagem – um cachorro – que não é mencionado no texto escrito, mas ajuda a compor os cenários das ilustrações e a dimensão infantil da fantasia.</p>
<p>O papel da mediação</p>	<p>Naturalmente, não se espera, nem mesmo se deseja que a criança consiga apreender todos os detalhes da elaboração do texto. Se a leitura for feita no ambiente escolar, porém, será importante que se busque explicitar, com o auxílio dos recursos dos textos escrito e imagético, o desencontro entre aquilo que o adulto percebeu (os três meninos ficaram presos na sala de estar e não puderam se divertir por causa da chuva) e aquilo que os três meninos vivenciaram na história (uma viagem imaginária cheia de perigos e aventuras, passando por cabanas, ilhas e cavernas, como nos contos infantis). Para isso, o papel de mediação a ser exercido pelo professor, chamando a atenção para a relação entre o escrito e o desenhado, em nada prejudica a fruição do texto; antes pode tornar ainda mais claro por que os meninos riem e as mães se espantam ao final da obra.</p>
<p>O que deve ser analisado com as crianças</p>	<p>Analisar o texto é procurar compreender sua elaboração escrita e imagética, para, com ela, sustentar um sentido. Esse modo de ler precisa ser aprendido tal como se aprende outras práticas e conteúdos. O espaço da literatura como texto na sala de aula trata dessa necessidade de aprendizagem, que demanda tanto o contato permanente com o texto literário quanto a mediação do professor na formação do leitor. Só assim o exercício do imaginário, que permite à criança viajar sem sair de casa em um dia de chuva, terá a mesma base daquele que oferece ao jovem palavras e formas para manifestar seus sonhos, e ao adulto a certeza de que todos os mundos são possíveis: o exercício da leitura literária.</p>

Quadro 3.3 - Leitura literária da obra Dia de Chuva de Ana Maria Machado

Fonte: Adaptado de Cosson (2010, p. 59-64).

Além de pensar na leitura literária com crianças, o leque se amplia quando pensamos na leitura literária com adolescentes e jovens. É preciso acreditar e apostar na possibilidade libertadora que se abre com os textos literários. Por isso, no caso de jovens e adolescentes, é preciso dialogar com as leituras feitas por eles no cinema, com séries, com videogames, com os produtos culturais consumidos a partir de influências diversas.

Isso não significa abrir mão de valorizar a leitura de clássicos, de obras do cânone literário, pois é preciso sim que a escola ensine a ler o texto literário e crie um percurso de leitura que contemple clássicos desse cânone. Entretanto não deve se fechar completamente às obras fomentadas pelo capitalismo de ficção; se são lidas, é preciso refletir sobre elas, compreender o seu funcionamento enquanto ficção, para, então, analisar a sua literariedade. O fato é que muitos dos livros que nascem como produtos repercutem, encantam, formam leitores. Por isso, é importante resgatar outra afirmação de Candido (1985): a literatura só existe quando repercute. Ou seja, literatura só é literatura quando é lida, quando é propagada, quando toca os leitores e alcança uma existência própria. Nessa perspectiva, também recorremos a Chartier (2000, p. 14):

[...] para incitar à leitura, é preciso evitar duas posições extremas: seja considerar como dignos de serem lidos somente os textos e os gêneros canônicos da cultura clássica, seja, ao contrário, tomar todas as leituras como equivalentes. [...] o caminho é, pois, estreito, mas fundamental, que deve conduzir as próprias práticas, desde leituras “indignas”, ‘selvagens’, até uma relação mais enriquecedora com obras profundas e densas.

Formar leitores é se abrir para diferentes frentes de diálogos. No caso de adolescentes, um ponto de partida é justamente a valorização das leituras selvagens e o amplo diálogo sobre elas.

ATIVIDADES

3) A premiada e reconhecida autora Marina Colasanti caracteriza assim a importância da literatura:

“A narrativa não funciona somente como intermediário entre nós e o mundo. Ela é também mediadora entre nós e nós mesmos, entre aquilo que em nós é consciência, razão, controle, e aquilo que é sentimento, inconsciente, impulso. A narrativa nos aproxima daquilo que não sabemos. (...) Literatura é isso, um texto com face oculta, fundo falso, passagens secretas, um tesouro escondido que cada leitor encontra em um lugar diferente e que para cada leitor é outro”.

Fonte: “A LEITURA me fez escritora”, diz Marina Colasanti na Feira do Livro de Joinville. **NSC Total**, 2018. Disponível em: <http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/cultura-e-variedades/noticia/2018/06/a-leitura-me-fez-escritora-diz-marina-colasanti-na-feira-do-livro-de-joinville-10371454.html>. Acesso em: 23 jan. 2020.

Dito isso, qual a importância da literatura para as crianças? Analise as asserções a seguir.

- I. A literatura é importante para crianças, pois permite a construção do sonho, da imaginação, além de fazê-las conhecer melhor a si mesmas e aos outros.

PORQUE

- II. A literatura permite um melhor autoconhecimento e conhecer melhor os outros, uma vez que permite que o leitor vivencie emoções e escolhas às quais não teria acesso sem a leitura.
 - a) As duas afirmativas são verdadeiras, porém não estabelecem relação entre si: a segunda não é uma justificativa da primeira.
 - b) A primeira é uma afirmativa verdadeira; e a segunda, falsa.
 - c) A primeira é uma afirmativa falsa; e a segunda, verdadeira.
 - d) As duas afirmativas apresentam inadequações e estão incorretas.
 - e) As duas afirmativas são verdadeiras, e a segunda é uma justificativa correta da primeira.

Práticas de Formação de Leitores

Nas seções anteriores, tratamos da importância da presença da literatura no ensino, especialmente da literatura infantil e juvenil. Nesse momento, abordaremos as formas como a educação literária pode ser articulada ao ensino.

Antes de mais nada, é preciso destacar a forma não ideal de apresentar um texto literário:

O modelo de aula de literatura atualmente em vigor na escola brasileira poderia ser descrito como uma sequência de atividades mais ou menos estáticas, ditadas inclusive pelo livro didático: apresentação de um texto, explicação do vocabulário, exercícios de interpretação, exercícios gramaticais e composição (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 36).

A citação é de um texto de 1993, mas ainda mantém uma perturbadora atualidade: em algumas escolas, o texto literário não aparece como uma instância de formação de leitores, e sim como um mero pretexto para estudar conteúdos gramaticais, como uma obrigação que deve ser cumprida por meio de extensas e tediosas listas de leitura e relatórios. Nesse contexto, a leitura se afasta de uma perspectiva humanizadora.

Na citação a seguir, temos uma perspectiva mais positiva da leitura literária na escola. Observe:

O primeiro espaço da literatura na sala de aula é o lugar do texto, da leitura do texto literário. Tudo se inicia com o imprescindível e motivado contato com a obra. Ler o texto literário em casa, na biblioteca ou em sala de aula, silenciosamente ou em voz alta, com ou sem a ajuda do professor, permite o primeiro encontro do leitor com o texto. Um encontro que pode resultar em recusa da obra lida – que deve ser respeitada – ou em interrogação ou admiração – que devem ser exploradas. É essa exploração que constitui a atividade da aula de literatura, o espaço do texto literário em sala de aula (COSSON, 2010, p. 58).

A leitura que deve ser incentivada deve vir desse momento de contemplação e reflexão. É a partir dessa troca que é possível formar leitores. Não por meio de atividades burocráticas e pouco inspiradas. Diante disso, vamos conhecer algumas sequências didáticas?

Sequência Didática Utilizando a Metodologia Receptional

Caro(a) aluno(a), a primeira metodologia que conheceremos foi desenvolvida pelas pesquisadoras Vera Teixeira de Aguiar e Glória Bordini. Trata-se da metodologia receptional. Ela leva em conta a perspectiva do leitor: seria o leitor um protagonista do ato de leitura, já que é ele quem preenche os espaços em branco, os vazios do texto. Além disso, todo leitor tem um horizonte de expectativa: um ponto de partida, um repertório que o faz conhecer o mundo, um interesse de leitura. O professor, o educador ou o mediador deve interrogar e conversar com a criança e o adolescente para entender qual o seu horizonte de expectativa e, a partir dele, sugerir leituras, fazer práticas que possam ampliá-lo. Vamos conhecer as cinco etapas dessa metodologia?

A primeira:

1. Determinação do horizonte de expectativas: Partindo de conversas espontâneas, de entrevistas ou questionários, o educador procura levantar quais são os valores dos estudantes (suas crenças, modismos, estilos de vida, preferências, preconceitos...) e quais seus interesses específicos na área de leitura. Tal levantamento permite prever temas e estratégias de trabalho que partam da realidade dos alunos, para depois providenciar situações que provoquem ruptura e transformação dos horizontes de expectativas dos mesmos (AGUIAR, 2012, p. 62).

A primeira etapa diz respeito a conhecer as crianças, os adolescentes. Saber quais são seus interesses, preferências, quais serão as estratégias de leitura que melhor resultado farão. Por exemplo, o professor pode identificar que o adolescente prefere *funk*, sertanejo, quadrinhos, HQs e, a partir disso, dialogar com suas leituras. No caso de crianças, pode perceber se ela gosta de aventura, de terror, de histórias de monstros.

Vamos, agora, conhecer o segundo passo:

2. Atendimento do horizonte de expectativas: O professor proporciona à classe experiências com obras que satisfaçam as preferências dos jovens, dentro de um clima conhecido, propício à identificação, através de atividades costumeiras (AGUIAR, 2012, p. 62).

Uma vez que o professor identifica os repertórios e gostos dos alunos, ele vai criar atividades com narrativas que atendem a essa expectativa. Assim, se os adolescentes demonstrarem interesse em Funk, o professor pode trazer letras desse ritmo e criar atividades de leitura. Se as crianças gostarem de histórias de monstros, o professor pode contar histórias folclóricas com monstros, e assim por diante.

O terceiro passo é apresentar outros textos literários que vão provocar um rompimento com o que o aluno espera.

3. Ruptura do horizonte de expectativas: O educador introduz textos e atividades de leitura que problematizem as convicções e os costumes dos alunos, matérias e propostas que apresentem maiores exigências a eles, tanto no seu conteúdo quanto na sua forma e, ainda, nos modos inovadores de abordagem (AGUIAR, 2012, p. 63).

Assim, por exemplo, o professor pode trazer para os adolescentes poemas questionadores que apresentam elementos reconhecíveis no *funk*, por exemplo, a poesia contestadora de Castro Alves ou a irreverência de outro poeta clássico. No caso das crianças, mencionado antes, pode trazer uma história em que o monstro não é uma criatura horrível, e sim o mocinho da história. Enfim, nesse momento o aluno será confrontado com novas experiências de leitura.

A partir disso, definem-se o quarto e o quinto passos:

4. Questionamento do horizonte de expectativas: Aqui, ocorre a comparação entre as duas etapas anteriores. Os alunos devem analisar e comparar o que foi lido, e debater seu próprio comportamento em relação às suas leituras

[...]

5. Ampliação do horizonte de expectativas: Essa etapa resulta da anterior, pois os estudantes percebem que as leituras feitas partem da visão de mundo que eles possuem e vão se alargando. Assim, os leitores tomam consciência das mudanças vividas, obtidas na experiência com a literatura, avaliando seus ganhos existenciais (AGUIAR, 2012, p. 63).

O aluno é convidado a refletir sobre toda sua experiência e compara as duas leituras feitas. Dessa forma, progressivamente, o seu horizonte de expectativa é ampliado. No quadro a seguir, há uma sugestão da aplicação dessa metodologia, observe.

Etapa	Descrição
1. Determinação do horizonte de expectativas	Podemos imaginar, por exemplo, que uma turma esteja voltada para os contos policiais, encantada com histórias de crimes a desvendar, investigações, perigos, punições.
2. Atendimento do horizonte de expectativas	Como, em nosso exemplo, o interesse gira em torno dos contos policiais, podemos sugerir a leitura de <i>O gênio do crime</i> , de João Carlos Marinho Silva. Após a leitura, realizada em um prazo combinado, individualmente, chegaria o momento dos debates orais e trabalhos escritos, atividades familiares a todos. Esses últimos tomam a forma de interrogatórios, que os alunos preparam em grupo, simulando a situação de serem eles os detetives. As questões elaboradas são o mote para o debate sobre a obra e para a redação de textos que avaliem personagens, ações e modos de narrar.
3. Ruptura do horizonte de expectativas	Já que em nossa turma a leitura privilegiou a investigação, podemos propor uma nova história de crime em que os problemas sociais são colocados em cena, como em <i>Lando das ruas</i> , de Carlos de Marigny. Para trabalhar com os sentidos dos textos, os alunos podem fazer um Júri Simulado, julgando o comportamento do assaltante descoberto. A atividade é provocadora, porque um terço da turma deve defender a personagem, arrolando argumentos convincentes para isso, um terço deve acusá-la, também com veemência, e o restante exercer a função de juiz, decidindo se ela é realmente culpada e, em caso positivo, quais são os atenuantes para seu crime, diante dos argumentos apresentados.
4. Questionamento do horizonte de expectativas	Nessa fase, os alunos realizam uma Assembleia, em que cada participante dá um depoimento sobre seu percurso de leitura e suas impressões, tendo em vista o tema da obra, que discute a influência das condições sociais no comportamento das pessoas. Ao final, a turma redige uma Ata da reunião, em que constem as manifestações de todos e as conclusões do grupo sobre a proposta do livro lido.
5. Ampliação do horizonte de expectativas	O grupo está pronto, no exemplo que criamos, para participar de uma Gincana. Nessa atividade, cada um deve, de posse dos resultados da assembleia registrados em ata, visitar a biblioteca da escola, ou outros espaços de leitura da comunidade, para encontrar uma história que atenda a suas novas expectativas. A seguir, em pequenos grupos, os jovens apresentam um noticioso, em que anunciam suas futuras leituras, tentando convencer o público das vantagens que elas trazem. A ordem de apresentação será a da chegada com os resultados da pesquisa.

Quadro 3.4 - Modelo de aplicação da metodologia recepcional

Fonte: Aguiar (2012, p. 65).

Ao eleger o leitor como elemento central de uma atividade que explora a leitura literária, o mediador garante que seu horizonte de leitura será ampliado. Essa metodologia é um recurso muito válido para pensar em ações para formação de leitores.

Sequências Didáticas Utilizando o Letramento Literário

Caro(a) aluno(a), além da metodologia descrita anteriormente, há muitas outras possíveis. Uma delas é decorrente de estudos recentes e de pesquisas acerca do letramento literário. Vamos entender melhor esse conceito?

Letramento diz respeito a todas as práticas de leitura e escrita feitas pelos seres humanos ao longo da sua vida. Desenvolver e trabalhar com letramentos significa formar leitores e escritores dos mais diversos gêneros que vão agir sobre a realidade de forma crítica e ativa. O letramento literário, nessa perspectiva, é o letramento específico da leitura literária; é, assim, para Souza e Cosson (2018), singular e irá apresentar marcantes diferenças, já que pressupõe uma relação diferenciada com a palavra escrita.

A diferença é notável, principalmente se levarmos em conta que a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem, pois ela é capaz de “tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2016, p. 17). Levando em conta tal peculiaridade, podemos definir o letramento literário como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67). Por isso, o indivíduo necessita ser um leitor crítico e ativo de textos literários e, dessa forma, poderá compreender suas especificidades linguísticas, culturais e artísticas. Nas palavras de Cosson (2016, p.16),

a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da língua quanto do leitor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos dizer e nos dizem de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo e nós mesmos.

Sendo assim, a literatura é uma forma de ampliar horizontes e maneiras de se estar e sentir no mundo. Torna-se importante pensar o letramento literário como um processo, e não como uma mera habilidade que, depois de apreendida, passa a ser executada de forma automática. Tal habilidade não se constrói de uma só vez, pelo contrário, é algo a ser aperfeiçoado por toda a vida. Portanto, transcende os limites espaciais e temporais, uma vez que se trata de um movimento de dar sentido ao mundo por meio das palavras. Podemos entender melhor esse conceito a partir da seguinte citação:

[...] considerar o letramento literário um processo significa tomá-lo como um estado permanente de transformação, uma ação continuada, e não uma habilidade que se adquire como aprender a andar de bicicleta ou um conhecimento facilmente mensurável como a tabuada de cinco. Também deve ficar claro que o letramento literário não começa nem termina na escola, mas é uma aprendizagem que nos acompanha por toda a vida e que se renova a cada leitura de uma obra significativa. Depois, trata-se de apropriação, isto é, um ato de tornar próprio, de incorporar e com isso transformar aquilo que se recebe, no caso, a literatura. [...] Por fim, trata-se da apropriação da literatura não apenas como um conjunto de textos, consagrados ou não, mas também como um repertório cultural que proporciona uma forma singular – literária – de construção de sentidos (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67-68).

Cosson (2016), em seus estudos sobre letramento literário, desenvolveu a sequência básica: uma metodologia com quatro passos que prepara os alunos para a leitura literária. Vamos conhecer esses quatro passos?

O primeiro passo seria a motivação.

[...] a leitura demanda uma preparação, uma antecipação, cujos mecanismos passam despercebidos porque nos parecem muito naturais. Na escola, essa preparação requer que o professor a conduza de maneira a favorecer o processo da leitura como um todo. Ao denominar motivação a esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação (COSSON, 2016, p. 54).

Dessa forma, o primeiro passo é criar uma atividade que vai motivar o aluno à leitura. Por exemplo, se o objetivo é fazer a leitura de um conto do folclore popular reescrito por um autor como Ricardo Azevedo, uma boa atividade de motivação é uma música popular ou trazer parlendas e ditos populares, charadas e indagar os alunos sobre elas. Enfim, na motivação, vamos criando perguntas para preparar o aluno para a leitura literária.

Após a motivação, temos o segundo passo, que é a introdução. Cosson (2016, p. 57) define a categoria introdução como “a apresentação do autor e da obra”. Ou seja, é uma breve contextualização em que o professor apontará elementos importantes que vão ajudar o aluno a compreender melhor o texto que ele terá diante de si.

O terceiro passo é a leitura propriamente dita. Para essa leitura, a definição é a seguinte:

A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento. O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura.

[...]

Ao acompanhar a leitura dos alunos por meio dos intervalos, o professor poderá ajudá-los a resolver ou, pelo menos, equacionar questões que vão desde interação com o texto, a exemplo do desajuste das expectativas que pode levar ao abandono do livro, até o ritmo de leitura, possível consequência tanto das condições de legibilidade do texto quanto da disponibilidade do aluno para realizar a atividade (COSSON, 2016, p. 62-64).

A leitura do texto literário pode ser em conjunto ou individual. O importante é que o professor esteja atento para fazer a mediação nos momentos certos.

O quarto passo é a interpretação. O ideal é que essa seja uma atividade de partilha, de socialização. Pode ser um debate, um desenho, um vídeo, uma conversa em forma de roda, uma dinâmica ou qualquer forma de fazer com que os alunos compartilhem diferentes opiniões sobre o mesmo texto. Essa troca de impressões amplia e enriquece o percurso da leitura literária.

Na escola, entretanto, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma sociedade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura (COSSON, 2016, p. 66).

Em suma, a metodologia do letramento literário permite ao professor a construção de um caminho para uma compreensão crítica e coletiva de interpretações acerca dos textos literários.

Caro(a) aluno(a), tentamos desenvolver uma reflexão sobre a formação dos professores e sobre a formulação dos currículos, pensando sempre na importância da literatura e da leitura literária para o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Você teve a oportunidade de refletir sobre a importância da literatura, sobre diferentes metodologias e práticas de leitura literária e sobre a emergência da formação de leitores. Agora é o momento de ampliar e aprofundar o debate aqui proposto: é preciso considerar que, apesar da ampla e rica produção literária brasileira para crianças e jovens e de dados e alertas de pesquisadores da literatura e da educação, o ensino de literatura ainda precisa de especial atenção.

Por isso, você precisa agir e ser um mediador, um formador de leitores. Como mediador desse processo, você deve ser/estar consciente de seu papel como aquele que incentiva e motiva diferentes leituras literárias e auxilia o desenvolvimento da capacidade interpretativa dos seus alunos – permitindo tanto uma lúcida socialização dos indivíduos como a experimentação de uma fruição literária construída e consolidada ao longo dos anos que ficarão na escola.

ATIVIDADES

4) Conhecemos duas importantes metodologias de educação literária: método recepcional e letramento literário. Em relação a isso, analise as alternativas a seguir.

- I. O quarto passo é a interpretação. O ideal é que essa seja uma atividade de partilha, de socialização. Pode ser um debate, um desenho, um vídeo, uma conversa em forma de roda, uma dinâmica ou qualquer forma de fazer com que os alunos compartilhem diferentes opiniões sobre o mesmo texto.
- II. Questionamento do horizonte de expectativas: aqui, ocorre a comparação entre as duas etapas anteriores. Os alunos devem analisar, comparar o que foi lido e debater seu próprio comportamento em relação às suas leituras.
- III. Os quatro passos se orientam a partir da leitura, do texto que será feito. Por isso, motivação, introdução, leitura e interpretação são feitas a partir do texto literário.
- IV. Seus cinco passos se orientam a partir do leitor, são gostos e preferências que definirão o horizonte de expectativa e a forma de ampliá-lo.

Quais das afirmativas dizem respeito ao método recepcional? Assinale a alternativa correta.

- a) Apenas as afirmativas I e II.
- b) Apenas as afirmativas II e IV.
- c) Apenas as afirmativas II e III.
- d) Apenas as afirmativas III e IV.
- e) Apenas as afirmativas I e IV.

INDICAÇÕES DE LEITURA

Nome do livro: A leitura e o ensino da literatura

Editora: Intersaberes

Autor: Regina Zilberman

ISBN: 8565704513

Comentário: O livro é um dos muitos que poderiam ser sugeridos para pensar a função e a importância da literatura na escola. Especificamente, neste livro, estão dispostos ensaios da professora Zilberman, que lança luz a questões relativas à formação de leitores literários. Além disso, em cada um dos artigos do livro, há um desdobramento teórico a respeito da importância da formação de leitores, mas isso examinado de forma contextual, histórica, social e até cognitiva e política.

INDICAÇÕES DE FILME

Nome do filme: Sociedade dos Poetas Mortos

Gênero: Drama

Ano: 1989

Elenco principal: Robin Williams, Ethan Hawke, Robert Sean Leonard, Josh Charles.

Comentário: O filme é um clássico que tematiza a importância da literatura e da arte como instância humanizadora na educação dos jovens. Ele narra a reunião de um professor de literatura com um grupo de estudantes na Welton Academy, uma instituição líder e prestigiada em 1959. O ensino tradicional não se abria para a poesia e para a literatura. Esse professor revoluciona a escola e o mundo desses jovens, apresentando a literatura e formando leitores. O filme ganhou um Óscar de melhor roteiro original.

Trailer: <https://www.youtube.com/watch?v=Oo9R1neW4lw>. Acesso em: 23 jan. 2020.

UNIDADE IV

A Importância da Literatura na Formação da Criança e do Adolescente

Gabriela Fonseca Tofanelo

Introdução

Olá, caro(a) aluno(a)!

Nesta unidade, abordaremos questões referentes às práticas de leitura e à formação de leitores. Muito se fala em quanto o hábito de ler está cada vez mais raro, principalmente pensando na tecnologia e suas múltiplas possibilidades, que podem levar crianças e jovens para outras formas de entretenimento.

Por isso, precisamos repensar nas estratégias que podem ser utilizadas para, mesmo que seja nesse meio – da internet –, criar o prazer pelo mundo das palavras. Veremos que a literatura também passou por muitas transformações com o advento da internet; isso deve facilitar nosso trabalho, e não dificultar, pois nos traz diversas possibilidades.



Fonte: alphaspirt / 123RF.

Letramentos Literários

É praticamente unânime dizer que a leitura é importante para os indivíduos. Quase ninguém dirá algo ao contrário. Ainda assim, vê-se que não é um dos hábitos preferidos da maioria dos brasileiros. Pensando nisso, neste capítulo, falaremos um pouco sobre práticas literárias. Para iniciar, precisamos entender o conceito “letramento”, termo muito utilizado em estudos da área da educação e leitura. Trata-se de uma palavra que veio do termo em inglês *literacy*, que, por sua vez, teve origem na expressão latina *littere* (letra). O sufixo *Cy* da palavra em inglês indica condição, ou seja, letramento pode ser definido como um estado/condição que assume aquele que aprende a ler e escrever.

Devemos nos ater ao fato de que, embora tenham alguns conceitos parecidos, letramento e alfabetização são bem diferentes. Na verdade, letramento é uma espécie de continuação do processo de alfabetização.

REFLITA

“Os verdadeiros analfabetos são aqueles que aprenderam a ler e não leem” - Mário Quintana (2013, p.43)

Essa frase de Mário Quintana é muito significativa no conteúdo que estamos estudando. Significa dizer que há muitas pessoas que, de fato, aprenderam a decodificar as letras da língua, ou seja, foram alfabetizadas, porém não estão inseridas em práticas efetivas de letramento.

De forma mais objetiva, Soares (2009), uma das maiores estudiosas do assunto no Brasil, define que letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita (adquiridas no processo de alfabetização), em um contexto específico, além de como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais.

Não se trata apenas de pegar um livro e ler, envolve toda e qualquer prática que exige a decodificação e o entendimento (o uso real), no dia a dia, de práticas de leitura. O simples ato de pegar um ônibus, assim como ler a bula de um remédio ou fazer uma lista de compras para o mercado. Todas essas ações constituem práticas de leitura e/ou de escrita, ou seja, práticas de letramento.



Figura 4.1 - Mãe e filha lendo juntas, um importante incentivo

Fonte: Oksana Kuzmina / 123RF.

Pensando no âmbito do tema que nos interessa, temos o letramento literário, que, segundo Zappone (2007, p. 7), “pode ser compreendido como o conjunto de práticas sociais que usam a escrita literária, compreendida como aquela cuja especificidade maior seria seu traço de ficcionalidade”. Ainda de acordo com a autora, letramento literário é a condição daquele que tem capacidade de ler e de compreender gêneros literários, mas, acima de tudo, que aprendeu a gostar de ler literatura, optando por esta como escolha, por gosto, não somente como uma obrigação escolar.

O problema é que muitas escolas e professores pensam que há determinados tipos de leituras que apresentam maior valor que outras. Precisamos entender que, se privilegiarem apenas determinados gêneros literários, podemos acabar não abrangendo justamente aquele que mais poderia estimular o aluno a criar hábito de leitura, interessar-se, de fato, e não tratar a leitura escolar apenas como obrigação. Nesse sentido, também são considerados eventos de letramento literário a interação com filmes, seriados de TV, mangás, gibis, *best sellers*, dentre tantos outros.

FIQUE POR DENTRO

Guiomar de Grammont, em seu texto *Ler devia ser proibido*, utiliza-se de ironias para falar da importância da leitura e de seu papel transformador, tornando-o ainda mais envolvente. Para ler o texto na íntegra, consulte o *link*: <http://www.leialivro.com.br/ler-devia-ser-proibido-guiomar-grammont/>. Acesso em: 23 jan. 2020.

ATIVIDADES

1) Por muito tempo, pensou-se na leitura apenas como decodificação de um texto, sem se compreender a produção de sentidos e práticas diferenciadas que podem decorrer desse ato. Nesse sentido, vimos sobre os conceitos de alfabetização e letramento, processos diferentes, mas que se complementam. Sobre tais processos, leia as afirmativas a seguir.

- I. Alfabetização é a decodificação dos códigos da língua.
- II. A alfabetização é o aprendizado mais mecânico da leitura e da escrita.
- III. Letramento corresponde às práticas sociais que o indivíduo faz, a partir do aprendizado da leitura e da escrita.
- IV. Letramento se refere às funções sociais da leitura e da escrita, associadas ao uso da tecnologia.

Está correto o que se afirma em:

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) I, II e IV, apenas.
- d) Todas.
- e) I, II e III.

A Formação de Leitores

Assim como na alfabetização, para o letramento, também é necessário que haja mediação; é nesse ponto que entra a importância do estudo sobre a formação do leitor. Dificilmente um leitor se forma sozinho. Desde cedo, a criança precisa ser estimulada, despertada para os encantamentos do mundo da fantasia, de modo que essa formação dependerá, basicamente, de um trabalho em conjunto entre a família e a escola. Sobre o tema, Paulino (1998, p. 56) destaca que

A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção.

É difícil que alguém negue a importância da literatura, ou que duvide de seu potencial transformador. É quase um consenso dizer que a leitura é importante na vida de todos. Mesmo sabendo disso, por que ainda há tão poucas pessoas que se dizem leitores no Brasil, conforme constatado em dados estatísticos?

Ainda há um vasto caminho para reconhecer a leitura como necessária e colocá-la, de fato, no dia a dia de todos. Por isso, é tão importante pensar e repensar em estratégias de difusão e ampliação dos hábitos de leitura.

Para iniciar essa discussão, é importante lembrar que não é só na escola que se forma leitores. Antes de tudo, esse é um papel da família, pois desde bebê é necessário que se desperte a atenção e a curiosidade da criança para o livro, enquanto material e, também, para o ato de ouvir e se interessar por histórias contadas.



Figura 4.2 - O hábito da leitura deve ser estimulado dentro de casa

Fonte: Vadim Guzhva / 123RF.

Não se deve deixar essa função apenas para quando a criança for à escola, justamente porque nesse ambiente ela pode criar a ideia de que a leitura é algo escolar, é uma tarefa ou um exercício, e não prazer e divertimento. Além disso, o estímulo da leitura em casa reforça os laços familiares e leva à criação de hábitos saudáveis entre pais e filhos. O interessante é que as atividades de leitura na família e na escola se complementem, mostrando a união dessas duas instituições.

Mas a formação de um leitor é um exercício constante. É, sem dúvidas, na escola, onde a criança terá mais contato com práticas de letramento, até porque é o lugar onde acabam passando a maior parte do tempo. Por isso, é importante que os professores estejam preparados para a tarefa difícil e trabalhosa que é incentivar à leitura, ainda mais nos dias atuais, que compete com tantos outros meios de comunicação, lazer e divertimento.

A esse respeito, Zilberman (1987, p.16) aborda que

a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Por isso, o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança.

A função da escola não deve ser só a de ensinar a ler mecanicamente, ou seja, a decodificar textos, mas também a de ensinar a ler criticamente, dar condições para que os alunos interpretem os diferentes tipos de leitura, por meio de estratégias diferenciadas e que utilizem práticas reais do dia a dia.

Alguns pontos sobre estratégias para a formação de leitores já são conhecidos, como o fato de que um professor precisa, antes de mais nada, ser também leitor. É aquele velho clichê de que “se ensina pelo exemplo”. É importante demonstrar interesse, falar sobre livros que leu e indicar. Por exemplo: um aluno fala que gosta muito de determinada série ou filme que, na verdade, foi inspirada em um livro. É uma ótima oportunidade para comentar. Muitas vezes, o aluno nem sabe que há o livro. Por já haver o interesse na temática, pode ser que queira saber mais e acabe indo para a leitura.

Mas há também alguns pontos que ficaram, por muito tempo, sem serem pensados, pois dizem mais respeito ao mundo atual e à forma como o próprio conceito de educação foi ganhando contornos diferentes ao longo dos anos. Durante muito tempo, o professor era o único detentor do conhecimento, e os alunos eram considerados meros receptores, pois não havia o diálogo e a manifestação de opiniões por parte dos estudantes. Mas, hoje em dia, os alunos querem falar, por isso, é importante dar voz a eles, afinal, eles são os motivos de todos os esforços para a educação; conseqüentemente, é importante saber do que eles gostam, para incentivar a leitura.

O professor deve ser um mediador, conduzir a aula, mas não pode ser o único autorizado a interpretar um texto, por exemplo. O aluno se sente parte do processo quando pode expressar opinião, quando tem voz na aula. Nesse aspecto, a literatura é tão subjetiva que se torna muito mais significativa quando ouvimos as diversas opiniões de cada um a respeito de um texto.

Precisamos considerar o fato de que estamos falando sobre o processo de formação de crianças e jovens leitores. Todo professor precisa ter empatia nesse processo, lembrar-se de experiências literárias dessa época, colocar-se no lugar do aluno e entender, por exemplo, que por mais que a leitura de Machado de Assis seja algo extremamente instigante, não é adequada ao jovem de 12 anos que nunca entrou em contato com os períodos literários e, provavelmente, não entende a importância de ler algo antigo. Isso pode gerar uma espécie de trauma literário, de aversão a livros como esse, quando, na verdade, era para ter sido lido apenas no ensino médio.

É necessário respeitar não só as faixas etárias, mas principalmente a experiência literária de cada um, assim como os gostos e as particularidades. Nunca um livro agradará a todos da mesma maneira. Assim acontece com todas as artes, é só pensar nos estilos musicais, filmes, novelas, seriados etc. É preciso que o professor entenda que é impossível encontrar um tipo de arte que todos gostem e apreciem.

Também é comum que somente o professor de Língua Portuguesa e/ou Literatura use o texto literário em suas aulas; esse é um erro gravíssimo e, infelizmente, comum entre as escolas. A interdisciplinaridade é algo tão almejado atualmente e a literatura pode ajudar, e muito. Livros que têm como pano de fundo períodos históricos poderiam unir as aulas de Português e História e, assim, ambas se tornam mais significativas para os alunos. Portanto, todos os professores deveriam estar engajados em processos de leitura e propor trabalhos que valorizem a literatura.

Pensando um pouco mais sobre o assunto, há muita diversidade de gêneros textuais infantis e juvenis. É urgente que as crianças e jovens entrem em contato com os mais variados tipos possíveis, para que tenham a oportunidade de conhecer o que mais lhes desperta vontade de ler. Muitas vezes, podemos dizer que não existe alguém que não goste de ler, mas, sim, pessoas que não encontraram o que gosta de ler.

Por isso, continuaremos discutindo a importância da literatura na vida pessoal, as práticas de leituras relevantes para a sala de aula, além de ter um panorama de como fica o papel da leitura, quando a associamos a um mundo cada vez mais tecnológico.

ATIVIDADES

2) Um dos grandes desafios atuais da educação e do professor, em um mundo cada vez mais dominado pelo excesso de informações e tecnologias, é formar alunos leitores. Sobre esse processo, suas estratégias e implicações, assinale a alternativa correta.

- a) Existem tipos de gêneros textuais que são adequados para ambientes escolares, e outros não.
- b) O despertar da leitura é um processo que acontece sozinho, na escola apenas se reforça o hábito.
- c) A leitura é um conteúdo apenas de disciplinas relacionadas à Língua Portuguesa.
- d) O professor é o detentor do conhecimento; por isso, cabe a ele escolher quais caminhos seguir no processo de incentivo à leitura.
- e) É importante dar autonomia e voz aos alunos, saber quais gêneros e tipos de texto eles mais gostam.

Estratégias para a Literatura Infantojuvenil nas Escolas

É primordial que a literatura seja motivada desde cedo nas crianças, muito antes até de elas frequentarem a escola. Mas precisamos ter noção de que, frequentemente, é nesse ambiente onde ela mais poderá ter contato efetivo com práticas de leitura.

Partindo desse pressuposto, vamos conversar um pouco sobre estratégias que podem ser levadas em consideração no trabalho com a leitura na sala de aula, continuando, na verdade, as discussões sobre a formação de leitores.

Vimos que a contação de histórias é uma importante ferramenta para o estímulo da literatura para os mais pequenos, justamente àqueles que não foram alfabetizados. Ouvir histórias é entrar no mundo da imaginação, fantasia e lúdico. Trata-se de uma das melhores formas de criar o gosto pelos livros. Além disso, é importante que fique claro, para essas crianças, que as histórias contadas vêm, por exemplo, de um livro. Deixar os alunos colocarem a mão, manusear, virar as páginas, ver o desenho, dentre tantas outras ações, são processos importantes para ir se apropriando do livro.



Figura 4.3 - Contação de histórias: a arte de contar e encantar

Fonte: Sergey Novikov / 123RF.

Conforme crescem, as crianças podem fazer parte da “brincadeira”. Muitas delas gostam de participar, de representar e podem auxiliar o professor na contação de história, algo que será bastante enriquecedor para eles. Ter a chance de representar um personagem (seja em forma de teatro ou apenas lendo as falas) faz com que seja despertado um sentimento de importância e carinho com aquela história. Ou seja, “brincando” as crianças também aprendem, desenvolvem suas imaginações e criatividade. Outro recurso são os fantoches; estes podem contar com a interação delas, de modo que se sintam parte importante da aula.

Na infância, o concreto e o visual são aspectos muito importantes. Após a leitura de uma história em sala, é importante que não pare por aí. Podem ser realizadas atividades, como construir o personagem principal com algum material, ou apenas desenhar, pedir para que representem por conta própria a história e, quem sabe, até mesmo construir um livro ilustrado pelos alunos.

São diversas as possibilidades que dependem da criatividade do educador. Por exemplo, se há um navio na história, é possível fazer um de papelão grande, promovendo atividades de pintura com as crianças e convidá-las a “embarcar”. Primeiro, porque o lúdico faz toda a diferença, segundo, porque se apropriam mais de algo feito com ajuda delas. O mesmo pode ser feito com uma casa, um prédio, jardim, boneco, enfim, quaisquer paisagens e/ou objetos que apareçam no livro.

Na educação infantil, um recurso que pode ser interessante, também é o de destinar alguns minutos, com certa frequência diária ou mesmo semanal, para a leitura. Nesse tempo, podem ser utilizadas as diferentes estratégias; um dia, o professor conta uma história, no outro, usa um fantoche ou pede para que os alunos desenhem, criando neles, dessa maneira, o hábito e a frequência da leitura

Não se pode esquecer da importância de mostrar o maior número possível de gêneros literários aos alunos, para que possibilite a percepção de qual leitura agrada mais. É importante destacar que ninguém se transforma em leitor de um dia para o outro, pois é o contato cada vez maior com a leitura que vai despertando essa paixão.

Quanto à literatura juvenil, escrita para leitores dos 11 aos 17 anos, já falamos que é uma das idades mais propícias para se criar o gosto pela leitura. Nessa fase, é relevante dar voz aos estudantes, reconhecer as leituras deles, que, muitas vezes, são deixadas de lado, pois é muito importante que os jovens queiram ler e, por isso, é preciso estimulá-los.

Há uma tendência de alguns setores de considerarem algumas leituras melhores que outras, privilegiando apenas determinados gêneros ou autores. Mas, quando o objetivo é despertar o prazer pela leitura, esse caminho pode se mostrar muito errado.

Ler clássicos literários é importante, mas temos que entender que dificilmente alguém, principalmente adolescentes, criará o hábito de leitura com esse tipo de livro, lendo pela primeira vez um Machado de Assis, por exemplo. Espera-se, sim, que, com o passar do tempo, todos aprimorem e busquem outros tipos de leitura.

É urgente que professores e pais comecem a dar importância e valor aos interesses dos jovens. Às vezes, livros como “Diário de um Banana”, de Jeff Kinney, fazem com que um aluno que nunca havia lido nada por interesse próprio crie um hábito e um gosto pela leitura, lendo, sem nem se dar conta, toda a coleção, que tem mais de dez livros. A partir de um livro como esse, ele pode buscar cada vez mais. Pode ser bem mais produtivo se o professor tentar entender o porquê de esse livro fazer tanto sucesso entre seus leitores, buscando estratégias para incentivar outros tipos.

Vamos aproveitar esse assunto e abordar algumas questões do livro citado no exemplo, de forma específica. Primeiramente, trata-se de um diário de um menino que está na escola. A linguagem é informal, coloquial, com traços da oralidade. Há desenhos bem simples, e as páginas imitam o caderno, ou seja, são pautadas. O personagem principal está na escola, de forma que os conflitos do livro se passam nesse ambiente, sendo mesclados com questões familiares. Vemos que os jovens criam a identificação com o personagem, por viver nessa mesma realidade e, às vezes, passar por situações parecidas na escola ou em casa. Já começamos a entender o sucesso do livro.

Por que não aproveitar e apresentar outros livros que são diários? Com isso, será possível mostrar que esse tipo de livro é recorrente. São vários: “Diário de uma garota nada popular”, de Rachel Russel, e “Diário da princesa”, de Meg Cabot, por exemplo, são livros que provavelmente chamariam mais a atenção das meninas, já que a personagem principal é uma; enquanto em “O diário de um banana” é um menino, por isso, talvez estes se identifiquem mais.

Um bom exemplo a ser citado desse gênero textual, para aprofundamento, é o “Diário de Anne Frank”, um diário real, escrito entre 1942 e 1944, por uma menina que se encontrava em um esconderijo, com sua família, durante a Segunda Guerra Mundial. Anne faleceu aos 15 anos no campo de concentração, e seu diário é um importante documento dos horrores que aconteceram naquela época. Pode ser uma leitura impactante, mas importante para conhecer outras realidades. Se o gênero diário já é algo que chama a atenção de adolescentes, abordá-los e apresentar outros tipos pode ser uma estratégia para incentivar a leitura na sala de aula nessa fase.

É importante saber o que os alunos estão lendo, investigar, buscar saber mais e, se possível, apresentar outros livros parecidos. Muitas vezes, falta o incentivo, aos adolescentes, sobre essas leituras, por pessoas como pais e professores, que consideram a própria literatura juvenil um gênero menos importante. Essa ideia precisa ser desmistificada.

Já falamos, também, sobre interdisciplinaridade. A esse respeito, o livro de Anne Frank, assim como tantos outros, aborda a temática do holocausto, como é o caso de *O menino do pijama listrado* (2006), de John Boyne, e *A menina que roubava livros* (2005), de Markus Zusak. Uma aula envolvendo o professor de história, falando um pouco sobre o contexto em que se passou a história desses livros, pode ser eficiente para despertar curiosidade e promover debates instigantes.

Ainda há a questão de filmes e séries, por exemplo. Sabemos o quanto, atualmente, a juventude está ligada a essas tecnologias, e isso não vai mudar. Não adianta apenas criticar o tempo usado em tecnologias, mas, ao contrário, elas devem fazer parte da aula. Uma ideia poderia ser um exercício de comparação entre o livro lido em aula e o filme. Promover momentos de sessão de filme provavelmente seria muito bem aceito pelos educandos. Também, pode-se pensar em outros trabalhos relacionados a filmes. Por exemplo, por que não assistir a um filme junto com os alunos (quem sabe, no cinema?) e, a partir desse filme, solicitar a produção de uma resenha?

Não podemos deixar de mencionar que tanto o filme quanto o livro são tipos de arte que se interligam. Principalmente para o filme, é necessária a literatura, a escrita e o roteiro.

A tecnologia está em nossas vidas e não conseguiremos mudar isso, pelo contrário, cada vez mais os avanços são notáveis em todas as áreas. Na educação, também é necessária a sua inclusão nos

planejamentos. Durante muito tempo, o professor era a fonte de conhecimento do aluno; hoje, o aluno tem muita facilidade de acesso às mais variadas informações, de forma muito mais rápida.

Em vez de condenar a frequência nas redes sociais, que tal criar projetos e trabalhos que envolvam esse meio nas aulas? Criar *blogs*, fazer postagem no Instagram ou Facebook sobre o conteúdo são recursos possíveis de serem utilizados em aulas de literatura. Por exemplo, já que, em geral, os jovens adoram tirar fotos, pode-se pensar em algum meio de unir isso ao livro, tirar fotos representando partes do livro e pedir para que postem nas redes sociais. A nota será avaliada observando a foto no ambiente virtual. É um tipo de atividade que pode instigá-los a ler o livro. Pode-se pensar e estender a proposta, também, com a realização de pequenos vídeos, paródias, dentre tantos outros recursos.

Aquele ensino tradicional, de quadro e caderno, pode ser mais fácil ao professor, mas é mais difícil de atingir o interesse e despertar a atenção do aluno. Ser criativo e trazer atividades diferentes certamente é um processo trabalhoso, mas é por meio dessas ações que conseguiremos cativar os educandos, desenvolver o gosto e o hábito da leitura, mostrando o quanto isso pode ser inspirador e transformador.

ATIVIDADES

3) É importante que se pense em estratégias para criar o hábito de leitura desde cedo nas crianças, a fim de que, ao crescerem, tornem-se indivíduos que encontram prazer na literatura. Tais estratégias são primordiais de serem abordadas tanto em casa, com os pais, quanto nas escolas. Sobre esse assunto, assinale a alternativa correta.

- a) É primordial que se leia apenas clássicos literários na escola. Livros para diversão ou entretenimento devem ser lidos em casa.
- b) A contação de histórias é uma das melhores maneiras de despertar nas crianças o interesse pela leitura.
- c) Não há valor literário em assistir a um filme; devemos mostrar aos jovens que só o livro é necessário.
- d) A interdisciplinaridade pode atrapalhar a formação de leitores, pois confunde o papel da literatura com outras matérias.
- e) Por mais que haja leituras literárias na internet, espaços como os das redes sociais não são propícios para isso.

A Literatura Infantojuvenil e as Novas Tecnologias

A escola foi, por muito tempo, a única detentora do saber, o principal lugar de buscar conhecimentos. Porém, com o advento das tecnologias, essa não é mais a realidade há algum tempo, pois, atualmente, qualquer um pode se informar de maneira mais rápida, inclusive.

Lemke (2010) aponta que toda nova comunidade, ou uma comunidade transformada, pode representar um novo letramento. Portanto, o uso avançado e cada vez mais popular da internet corresponde ao que o autor chama de “novas práticas sociais”, ou seja, proporcionando, até mesmo, novas formas de letramento.

O já citado termo letramento literário não é mais suficiente quando se pensa nas múltiplas possibilidades que a internet nos traz. Surgiram propostas como o letramento multissemiótico, que amplia a noção de letramentos para o campo da imagem, música e outras semioses, que não somente a escrita (ROJO, 2009).

Foi muito rápida a mudança do papel para a tela do computador, uma característica marcante da modernidade, a qual requer agilidade em meio a tantas informações e necessidades que surgem e mudam a todo o tempo. Hoje, praticamente tudo pode ser feito por meio da internet (situação inimaginável há poucos anos), como pagar contas; fazer inscrição e matrícula em cursos, vestibulares, concursos; faculdades a distância; procurar emprego; dentre muitas outras tarefas.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006, p. 29) já apontam a relevância dessas mudanças para a área educacional há algum tempo, ao dizer que

a escola que se pretende efetivamente inclusiva e aberta à diversidade não pode ater-se ao letramento da letra, mas deve, isso sim, abrir-se aos múltiplos letramentos, que, envolvendo uma enorme variação de mídias, constroem-se de forma multissemiótica e híbrida – por exemplo, nos hipertextos, na imprensa ou na internet, por vídeos ou filmes etc.

Diante dessa realidade e pensando no âmbito educacional, fica o questionamento: como são as práticas literárias na internet? Pode-se considerar que há práticas de letramento nesse meio?

O que se pode observar na internet é diferente do que muita gente pensa, ou seja, que as crianças e jovens não estão interessados em literatura; pelo contrário, tem muita gente lendo, e lendo muito. Além disso, muitos buscam na internet outras pessoas que leem sobre o mesmo assunto, para discutir, criar grupos, fóruns, teorias, movidos por interesses em comum. É importante ressaltar que é necessário um alto grau de letramento para acessar a internet e utilizar tudo que ela tem para oferecer. Vamos analisar alguns exemplos de práticas literárias na internet.

Fanfics

Fanfic é a abreviação da palavra em inglês *fanfiction*, que, traduzindo, significa “ficção de fã”. Tratam-se de narrativas ficcionais, escritas por fãs que se apropriam dos personagens de algum livro, criando outras histórias, escrevendo continuações, criando universos paralelos e tudo mais que a imaginação permitir. Já eram feitas desde antes e divulgadas em fanzines impressas nos EUA. Com a popularização da internet, no fim dos anos 1990, o conteúdo migrou para esse espaço e ganhou maior alcance.

Geralmente, *fanfics* são criadas a partir de trilogias e sagas que costumam mover grandes paixões nos adolescentes e, quando essas trilogias e sagas acabam, eles ficam com vontade de reviver aquele universo e saber mais sobre os personagens. Ainda, é possível haver fãs que, insatisfeitos com o final do livro, resolvem escrever suas próprias histórias. Isso revela-se como uma grande prática de letramento que ocorre na internet, não só de leitura, mas principalmente de escrita, nesse caso, movida pelo amor a algum livro.

Tem-se que as primeiras fanzines, ainda na era impressa, divulgadas nos EUA, foram sobre as histórias da famosa saga “Star Wars”. O advento da internet coincidiu, mais ou menos, com a explosão do sucesso de “Harry Potter” e, até hoje, nos *sites* de *fanfics*, é um dos temas mais escritos. É preciso se apropriar muito da leitura, do universo desses livros e de seus personagens, a ponto de escrever sobre, não é mesmo? Vale ressaltar que, ao produzir uma *fanfic*, não há nenhum retorno financeiro, ou seja, além de ler por prazer, vemos práticas de escrita sem ser obrigação da escola. É, ou não, uma grande prática de letramento?

A partir das ditas leituras “obrigatórias” na escola, pode ser criada uma atividade em que os alunos produzam uma *fanfic*, seja para ampliar o universo da história, ou para dar outro final. Seria uma interessante atividade que uniria a literatura e as aulas de redação, despertando a imaginação e criatividade, nos alunos, tornando-os leitores ativos.

Podcast

Podcast (palavra formada a partir da junção de *iPod*, dispositivo de músicas da Apple, e *broadcast*, que significa transmissão) é um arquivo digital de áudio publicado e acessado por meio da internet, cujo conteúdo é múltiplo, dependendo dos criadores e dos ouvintes. Normalmente, tem como tema informações sobre cultura, jogos, livros, entretenimento, dentre muitos outros assuntos.

O formato do *podcast* é interessante, pois nada mais é do que uma conversa informal entre amigos conversando sobre determinado assunto, basicamente, expondo opiniões sobre os temas.

O diferencial do *podcast* é que, como é um arquivo apenas de áudio, você pode ouvir para se informar ou apenas para se distrair em momentos como filas, trânsito e, até mesmo, enquanto limpa a casa.

Um dos *podcasts* pioneiros e mais famosos do Brasil é bem conhecido entre adolescentes e jovens adultos. É o chamado *Nerdcast*, que, como o próprio nome já diz, envolve tudo relacionado ao universo denominado *nerd*: história, ciência, cinema, quadrinhos, literatura, tecnologia, games, RPG etc.

Mas há, também, *podcasts* específicos de literatura, ou seja, em que os participantes falam especificamente de livros. Para citar alguns, temos o *Perdidos na Estante*, *30:MIN*, *Rabiscos*, *Ler antes de morrer*, *Leituracast*, dentre tantos outros.

Além disso, há alguns específicos para crianças ouvirem ou, mesmo, para pais, com assuntos ligados à educação, como o *Coisa de criança*, *Conta, conta, conta*, *Era uma vez podcast*, dentre outros.

Vale a pena conferir, pois trata-se de uma maneira descontraída e informal de se informar um pouco mais. E, novamente, é necessário dizer: é importante que o professor também conheça plataformas e aplicativos que os alunos utilizam; o *podcast* pode ser um desses casos que muitos professores nunca ouviram falar, mas que os jovens adoram.

Redes Sociais: Skoob.com

As redes sociais dominam as interações, atualmente, e não tem como fugir disso. Sabemos que não há só contas pessoais, mas muitos profissionais também usam redes como Instagram e Facebook. Empresas utilizam esses espaços para divulgação e *marketing* e, provavelmente, hoje essa seja a melhor estratégia, a que mais dá retorno.

Não seria diferente com a leitura. Temos muitas páginas em redes sociais que poderiam ser citadas. Vamos começar por uma rede social específica para leitores, que poucos conhecem: o *skoob.com*. Quando entramos no Facebook, deparamo-nos com aquela famosa pergunta: “no que você está pensando”, que tem o intuito de instigar o usuário a escrever ou postar uma foto sobre o seu dia. Ao abrir a rede social Skoob, temos a seguinte frase: “o que você está lendo?”

Skoob é uma rede social brasileira, criada para quem gosta de ler. Foi lançada em 2009, por Lindemberg Moreira. Seu nome é uma brincadeira com a palavra *books*, cuja tradução é livros, porém escrita ao contrário. Atualmente, conta com mais de 5.000.000 usuários cadastrados, e qualquer um pode se inscrever.

Há funções básicas, comuns a todas as redes sociais, a saber: adicionar amigos, seguir perfis e conversar. O diferencial é que tudo gira em torno da leitura; quanto a isso, há uma série de funções: adicionar o gênero literário preferido, colocar suas metas de leituras, postar trechos de obras favoritas, dentre outras. Todas as ações dependem de uma espécie de estante virtual que cada usuário cria, elencando os livros que já leu, os que deseja ler, os que está lendo e os que abandonou, e deve, frequentemente, atualizar a estante conforme suas leituras são modificadas. É possível, ainda, trocar livros entre os usuários, participar de sorteios pelas editoras e comprar o livro. Além da organização das leituras de cada usuário, que pode mostrar dados de que há muitas pessoas no Brasil lendo literatura, há outro ponto que são as resenhas que cada leitor pode criar em seu perfil dos livros que já leu.

Assim como cada membro tem um perfil, para cada livro registrado há também uma página, com diversos dados sobre a obra, que mostra, além de uma breve sinopse, quantas pessoas estão lendo, quantas já leram e todas as demais funções. Além disso, há o campo da resenha, em que o usuário pode utilizar para ler as já criadas pelos outros membros ou escrever a sua e disponibilizar. Tal fato é muito importante, pois indica não só que há pessoas que demonstram estar lendo, adicionando livros etc. mas também produzindo textos nesse espaço.

Para finalizar a apresentação de ferramentas do Skoob, há uma muito interessante, principalmente para pesquisas: trata-se do “Top Mais”. A própria rede social fornece informações dos livros mais lidos, desejados, abandonados etc. Em primeiro lugar, o livro mais marcado como lido é “O Pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint Exupéry, seguido de “Harry Potter e a Pedra Filosofal”, de Joanne K. Rowling e tantos outros *best sellers* famosos dos últimos anos, como *Crepúsculo* (Stephenie Meyer), *Percy Jackson* (Rick Riordan), *O Código Da Vinci* (Dan Brown), *O Caçador de Pipas* (Khaleid Hosseini), *A Menina que roubava livros* (Markus Zusak), dentre outros. O primeiro livro clássico e nacional que aparece nessa lista é *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, na 18ª posição.

Com essa breve explanação acerca do funcionamento da rede social, pode-se inferir este como algo inovador, criado já há algum tempo e que vem dando certo para determinado nicho de pessoas. Enquanto em outras redes sociais, como o Facebook, os usuários adicionam amigos e, no máximo, conhecidos, no Skoob, não se limitam à busca por conhecidos, mas justamente por diversas pessoas com um interesse em comum: a leitura. Se um indivíduo entra nessa rede sem o menor interesse por literatura, provavelmente não continuará, pois não há outras possibilidades.

Pensando no interesse deste tópico, o Skoob é mais uma possibilidade de inovação nas aulas de literatura ou de projetos que visam incentivar a leitura.

Wattpad

O Wattpad trata-se de um aplicativo criado em 2006, que permite que os usuários compartilhem histórias produzidas por eles próprios. Pode ser usado por meio do *site*, no computador, ou em aplicativo, no celular.

Esse aplicativo tem funcionado para escritores que guardavam seus textos nas gavetas e, talvez, nunca tentariam publicar. Isso acontece muito mais do que imaginamos com os nossos estudantes, visto que muitos escrevem e nunca mostram para ninguém, nem mesmo para colegas ou pais. Por meio dessa ferramenta, cada um publica seu texto, as pessoas interagem, leem, dão nota e conversam. É uma verdadeira rede social de escritores, não apenas de leitores, como no Skoob.

Há diversos casos de pessoas que começaram nessa plataforma e, hoje, já conseguiram publicar seus livros físicos. O aplicativo ajuda muito a ver o perfil de leitores de sua obra, ouvir opiniões e já criar um vínculo com leitores. Interessados em apenas ler obras independentes também podem entrar, porque não é necessário publicar algum texto; ou seja, trata-se de uma ótima forma de leitura que podemos carregar para todo lugar e ler, inclusive, no celular, por exemplo.

Literatura na Internet

Nos subtópicos anteriores, apresentamos algumas plataformas digitais que tratam sobre literatura para quem já tem interesse nesse universo. Porém é necessário discutir um pouco sobre a internet como local de leitura literária. Conforme a internet foi se popularizando, muito se ouviu sobre o livro impresso deixar de existir. Atualmente, pesquisas já apontam que isso será bem difícil de acontecer.

Mas a leitura digital tem suas vantagens e merece ser levada em consideração. Uma das principais vantagens é o preço. Por motivos óbvios, como a ausência com os gastos da impressão, o *e-book* é consideravelmente mais barato que o mesmo livro impresso. Ainda há algumas obras de domínio público, que podem ser baixadas gratuitamente.

Além disso, há a possibilidade de carregar consigo muitas obras em apenas um dispositivo. Estes podem ser apenas celulares ou *tablets*, mas também já existem alguns aparelhos exclusivos, chamados *e-readers*.

É preciso esclarecer, também, que a experiência de ler um *e-book* é diferenciada da leitura impressa. As características e os recursos crescem cada vez mais. Em dispositivos próprios para isso, temos opção de grifar, como se fosse no papel, recortar e salvar em um arquivo alguns trechos do livro, escrever notas durante a história etc. Existem, ainda, funções como dicionário e tradutor; para esses casos, basta um clique em uma palavra durante a leitura que já mostra a tradução ou o significado da palavra desconhecida. O tamanho da fonte para leitura pode ser ajustado, o que faz muita diferença para algumas pessoas com problemas de visão.

É possível buscar palavras-chave em determinados pontos do texto. Alguns textos apresentam os chamados *hyperlinks*, nada mais são do que *links* diretos para outra página, pode ser um vídeo, uma música, outro texto, qualquer referência, o que demonstra como tudo na rede está interligado, transformado o texto em um hipertexto.

Segundo Marcuschi (2007), diferente do texto escrito tradicional, em que o leitor lê seguindo um padrão – da esquerda para a direita e de cima para baixo – o hipertexto promove outros tipos de leituras, geralmente não lineares, oferecendo uma multiplicidade de caminhos a seguir. Dessa forma, o leitor está mais presente e ativo na leitura, não apenas fazendo o papel de mero decodificador da palavra, mas um coautor do texto. Ou seja, ao criar um texto em uma plataforma digital, é importante que se entenda que ele ultrapassa o nível de apenas texto, podendo conter as mais diversas mídias.

Xavier (2006) aborda o texto como uma prática comunicativa materializada, por intermédio das chamadas múltiplas modalidades da linguagem, como: verbal (escrita e oral) e não verbal (visual). O texto, dessa forma, é resultado das múltiplas possibilidades da linguagem, não apenas escrita.

Nesse contexto, um conceito muito utilizado nos dias de hoje é o de multimodalidade. Segundo Dionísio (2011) tal termo faz referência às mais diferentes formas e aos modos de representação utilizados na construção linguística de uma mensagem, tais como: palavras, imagens, cores, formatos, marcas/traços tipográficos, disposição da grafia, gestos, padrões de entonação, olhares etc.

Portanto, a multimodalidade pode abranger, no mesmo texto, a escrita, a fala e a imagem. Mas o que isso tem a ver com as novas tecnologias? Se um texto já consegue trazer todas essas linguagens, é ainda mais interessante quando nos voltamos para os livros digitais que, além dos citados, ainda pode contar com sons, animações, dentre muitos outros aspectos, deixando a leitura muito divertida para crianças e adolescentes. Poder clicar em uma imagem e esta se movimentar, por exemplo, é algo único para a literatura e para o contato das crianças com ela.

Pode haver algumas desvantagens na leitura digital, principalmente pela resistência que muitos possuem, de querer ter os livros impressos, formar uma biblioteca ou algo assim. Há, ainda, o fato de que o livro ter sido publicado e estar disponível nas prateleiras de livrarias não quer dizer que estará disponível também digitalmente. A famosa saga de Harry Potter, por exemplo, demorou muito para entrar em formato digital por restrição da autora Joanne K. Rowling.

Ainda há muitos livros que não estão disponíveis para leitura digital ou que demoram muito para entrar no catálogo após o lançamento impresso, mas, também, por outro lado, há o fato de que, pela facilidade e pelo preço, alguns autores estão publicando somente por *e-books*.

Uma plataforma de leitura para crianças muito interessante e bem fácil de ser usada é promovida pelo Itaú. Trata-se do projeto “Leia Para Uma Criança”. Este já existe há algum tempo, em que qualquer pessoa pode se cadastrar e receber um *kit* de livros por ano, de forma gratuita. Essa função ainda existe, e a cada ano são lançados livros novos. Recentemente, a empresa ampliou para o digital, contendo livros com as mais diversas temáticas, que podem ser acessados pelo celular, *tablet* ou computador.

Hoje, é realidade que muitos pais dão celulares a crianças desde cedo, para jogarem, assistirem a vídeos, entre outras atividades. Por que não usar esse interesse dos filhos, pelos meios tecnológicos, para mostrar a literatura? Seria algo que talvez eles nem imaginam, como ver histórias e aprender na tela do celular. Basta escolher um livro e clicar na imagem, em seguida, outra página se abrirá com a historinha. Esta contém sons e animações.

É frequente que muitas crianças cresçam dominando os usos do celular. Por isso, é de extrema urgência que se considere pensar em alternativas, em páginas e aplicativos que sejam, de fato, educativos, em que a criança possa ler um livro ou estar em contato com ele, clicar e mexer nas imagens.

E, quanto aos adolescentes? Primeiramente, é preciso mencionar que, ao falar das *fanfics*, da escrita no Wattpad etc., já são específicos para os mais crescidos, e não para as crianças.

Mas vamos pensar, também, no que seria uma literatura vista por adolescentes na internet hoje, que utilizam diariamente as redes sociais, como Instagram, por exemplo. Muitos autores de livros já se deram conta disso e publicam, diariamente, textos nessa rede social. Mas não pode ser qualquer texto; assim como toda a literatura, a época e o meio influenciam as características literárias, a ascensão da tecnologia e a transferência do papel para a tela do computador ou do celular não são diferentes. Uma das maiores exigências do mundo contemporâneo é a rapidez com que as informações chegam: a efemeridade, ou seja, como as informações são passageiras e não duram (veja-se o exemplo dos *stories* no Instagram, que são publicações que só ficam no ar durante 24h). Aliados à rapidez, os textos precisam ser curtos, só de “bater o olho” a pessoa já lê, entende a mensagem e passa para o próximo.

Essas são características pensadas por alguns autores, que ganham o título de *instapoet*, ou outras páginas que publicam diariamente seus textos. Vejamos alguns exemplos.

- Rupi Kaur: começou a sua carreira na poesia, por meio de redes sociais, como o Instagram e Tumblr. Suas poesias abordam temas como violência, abuso, amor, perda e feminilidade, em poucos versos, mas que geram grandes reflexões, principalmente entre as adolescentes. Após o sucesso na rede social, ela já tem dois livros publicados: “Outros jeitos de usar a boca” (2014) e “O que o sol faz com as flores” (2018).
- “Eu me chamo Antônio”: escrito por Pedro Gabriel. Trata-se de um personagem, o Antônio, que escreve poemas em um guardanapo de papel, enquanto está no bar. Novamente, temos textos curtos e reflexivos, que brincam com os significados da palavra e com o espaço do papel.

A página “Eu me chamo Antônio” tem mais de 500 mil seguidores. A página oficial, da Rupi Kaur, que não é brasileira, tem mais de 3 milhões de seguidores pelo mundo. Esses foram apenas exemplos de páginas que produzem conteúdos literários e usam o Instagram como meio de divulgação.

Com esses dados, percebe-se que há muitas pessoas interessadas, sim, nesse tipo de conteúdo. Ainda há espaço para o hábito de leitura na vida dos jovens, mas tomou-se outro rumo com o advento das tecnologias e redes sociais. Por isso, professores precisam estar muito atentos às mudanças, se quiserem conquistar seus alunos e, até mesmo, apresentar essas páginas a eles, mostrar que isso é literatura, portanto, é arte.

As práticas de leitura e a forma de se ler mudaram muito com o tempo, mas isso não quer dizer que essas práticas tenham acabado, como muitos pensam. Na verdade, o que está mais em desuso é a leitura formal, mas, com isso, muitos outros tipos vão surgindo, com outras características, tipos esses que não devem ser vistos nem como melhores nem piores que outras, apenas diferentes, com muitas possibilidades. Ao falar de literatura, sabemos que é um termo tão abrangente e com possibilidades inesgotáveis, quando é associado às tecnologias, então, temos a certeza de que esse assunto nunca se esgotará.

ATIVIDADES

4) Uma das grandes mudanças da leitura impressa para a digital é a possibilidade, com a internet, do hipertexto e de *hiperlinks*, que criam uma leitura não linear. De acordo com o estudado, assinale a alternativa correta quanto ao uso do hipertexto.

- a) Dá a possibilidade de o leitor criar diferentes caminhos para o texto, durante a leitura.
- b) Trata-se de uma ferramenta que possibilita ao autor do texto interagir diretamente com o leitor.
- c) É uma ferramenta destinada apenas para autores publicarem seus textos nas mídias digitais.
- d) Deixa o leitor preso ao modo como o autor escreveu, ou seja, um texto linear.
- e) É um recurso usado para textos publicados apenas em redes sociais.

INDICAÇÕES DE LEITURA

Nome do livro: *É um livro*

Editora: Cia. das letrinhas

Autora: Lane Smith

ISBN: 8574064513

Comentário: Trata-se de um livro infantil muito interessante, pois aborda a questão das novas tecnologias e a relação das crianças com os livros. Há um personagem que nunca havia visto um livro e, ao se deparar com um, estranha-o pela ausência de tecnologia presente nele. Mas, ao lê-lo, encanta-se com a leitura! *É um livro* que propõe uma excelente discussão.

CONCLUSÃO DO LIVRO

Caríssimo(a) aluno(a), chegamos ao final do conteúdo da disciplina Literatura Infantojuvenil, depois de passar por várias etapas. Primeiramente, vimos um pouco sobre o histórico desse tipo de literatura e seu surgimento, tanto no mundo quanto no Brasil, lembrando que, por muito tempo, simplesmente, não existia um livro pensado para a criança e suas especificidades.

Abordamos, também, as principais características desse gênero e a importância de incentivar a leitura desde antes de a criança ir para a escola e aprender a ler, para que se forme um leitor, que tenha prazer por esse universo mágico que é a leitura.

Em seguida, discutimos um pouco sobre o papel da escola no processo de formação de leitor. Vimos o que nos dizem as leis quanto ao papel do professor e da escola no processo de fomento à leitura. Por fim, no último capítulo, discutimos acerca das transformações visualizadas no âmbito literário, com o advento das novas tecnologias.

Esperamos que você tenha se encantado ainda mais pela leitura, que este material tenha feito você se lembrar das primeiras histórias contadas, da paixão que aquele momento trazia. O intuito é, também, que você não se esqueça do quanto a realidade muda constantemente em relação a diversos setores, e com os livros não poderia ser diferente! Se muitos pensam que, com a internet, a literatura tem que ficar de lado, temos que entender que, pelo contrário, o que precisamos é repensar nossas práticas, abranger nossos olhares, conhecer outras possibilidades, aprender juntos e com o aluno, o qual, muitas vezes, tem muito a nos oferecer. Que possamos continuar aprendendo sempre, para formar muitos leitores críticos e que entendam o poder transformador que a leitura tem!

REFERÊNCIAS

UNIDADE I

- AGUIAR, V. T. A literatura infantil e juvenil brasileira faz história. In: MARTHA, A. Á. **Tópicos de literatura infantil e juvenil**. Maringá: Eduem, 2012.
- ARAÚJO, É. D. de.; DAGUSTINI, C. L. H. Versões e releituras de um objeto cultural: Chapeuzinho Vermelho. **Revista Horizonte Científico**, Uberlândia. v. 5, n. 2, 2011.
- BECKETT, S. **Crossover fiction: global and historical perspectives**. New York: Routledge, 2009.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- BILAC, O. **Poesias Infantis**. 13. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1935.
- BURLAMAQUE, F. V.; BARTH, P. A. Experiências Literárias com Sagas Fantásticas: As Crônicas de Gelo e Fogo e a Criação de um Novo Universo. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. v. 18, n. 29, 2017.
- CADEMARTORI, L. **O que é Literatura Infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- CECCANTINI, J. L. C. T. **Uma estética da formação: vinte anos de Literatura Juvenil Brasileira premiada (1978-1997)**. 2000. Tese (Doutorado em Literatura) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual de São Paulo, Assis, 2000.
- CECCANTINI, J. L. C. T. Outra vez era uma vez: contos de fadas e literatura infantil brasileira. In: MARTHA, A. Á. **Tópicos de literatura infantil e juvenil**. Maringá: Eduem, 2012.
- CECCANTINI, J. L. C. T. Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler. In: FAILLA, Z. (Org.). **Retratos de Leitura 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Ática, 2000.
- COLOMER, T. **A formação do leitor literário**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
- DARNTON, R. **O grande massacre de gatos e outros episódios da histórica cultura francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- GREGORIN FILHO, J. N. Um olhar sobre a Literatura infantil e juvenil no Brasil: gênese e perspectivas. In: RÖSING, T. M. K.; BURLAMAQUE, F. V. (Org.). **De casa e de fora, de antes**

e de agora: estudos da literatura infantil e juvenil. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

GRIMM, J.; GRIMM W. **Os contos de Grimm**. São Paulo: Paulus, 1989.

GROPPO, L. A. Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. *In:* GROPPPO, L. A. **A juventude como categoria social**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. São Paulo: Ática, 2007.

LOBATO, M. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Globo, 2007.

LUKÁCS, G. **A teoria do romance**. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2000.

MACHADO, A. M. **História meio ao contrário**. 12. ed. São Paulo: Ática, 1990.

MACHADO, A. M. **Texturas: sobre leitura e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MARTHA, A. Á. **Tópicos de literatura infantil e juvenil**. Maringá: Eduem, 2012.

MEIRELES, C. **Problemas da literatura infantil**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1984.

MEIRELES, C. **Ou isto ou aquilo**. São Paulo: Fronteira, 1990.

PERRAULT, C. **O chapeuzinho vermelho**. Porto Alegre: Kuarup, 1987.

PERROTTI, E. A Criança e a Produção Cultural *In:* ZILBERMAN, R. **A Produção Cultural para a Criança**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

RAMOS, A. M. Saindo do armário – Literatura para a infância e a reescrita da homossexualidade. **Revista Forma Breve**, Aveiro, v. 7, p. 295-314, 2009.

ROCHA, R. **Marcelo, marmelo, martelo**. São Paulo: Salamandra, 1991.

SISTO, C. O espelho, o labirinto, o fio de ariadne e o pão da palavra – elementos da literatura juvenil. **Revistas Travessias**, Cascavel, v. 5. n. 1, p. 243-258, jan./abr., 2011.

ZILBERMAN, R. **A Literatura na escola**. São Paulo: Global, 1985.

ZILBERMAN, R. Leituras para a infância no século XIX brasileiro. **Fronteiraz**, n. 17, p. 22-42, 2016.

ZILBERMAN, R.; CADEMARTORI, L. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 2016.

UNIDADE II

A CORRIDA dos sapinhos. **Fábulas diversas**. Disponível em: <http://fabulasdiversas.blogspot.com/2013/07/a-corrida-dos-sapinhos.html>. Acesso em: 23 jan. 2020.

ASSIS, M. de. **Contos**: texto integral. 10. ed. São Paulo: Ática, 1983.

BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Cultrix, 2000.

BANDEIRA, P. **Mais respeito, eu sou criança**. São Paulo: Editora Moderna, 2009.

BASTOS, B. Alô, Turma Dos Tigres! (Desafio #5). **Antes que termine um livro**, 27 jul. 2014. Disponível em: <http://antesquetermineumlivro.blogspot.com/2014/07/alo-turma-dos-tigres-maldicao-das.html>. Acesso em: 21 jan. 2020.

BIASIOLI, B. L. As interfaces da literatura infanto-juvenil: panorama entre o passado e o presente. **Terra roxa e outras terras** – Revista de Estudos Literários, v. 9, 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/24804>. Acesso em: 23 jan. 2020.

BUARQUE, C. **Chapeuzinho amarelo**. São Paulo: Autêntica, 2017.

CADEMARTORI, L. **O que é Literatura Infantil?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAGNETI, S. de S. **Livro que te quero livre**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.

COELHO, N. N. **Literatura infantil**: teoria e análise didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, N. N. **O Conto de Fadas**. São Paulo: Ática, 1987.

COLASANTI, M. A moça tecelã. In: COLASANTI, M. **Doze reis e a moça no labirinto do vento**. São Paulo: Global, 2000.

FAILLA, Z. (Org.). **Retratos da Leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

GULLAR, F. Beleza ainda põe mesa. **Folha de S. Paulo**, 2013. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/colunas/ferreiragullar/2013/07/1313789-beleza-ainda-poe-mesa.shtml. Acesso em: 22 jan. 2020.

LACERDA, A. Leitura na primeira infância muda vida de escritora. **Jornal Notícia Capixaba**, 2016. Disponível em: <http://isacolli.com/1062-2/>. Acesso em: 22 jan. 2020.

LOUREIRO, R. Educação, cinema e estética: elementos para uma reeducação do olhar. **Educação e realidade**, v. 33, n. 1, 2008.

PEREIRA, M. E. M.; CAVALCANTE, M.; CABRAL, S. R. S. **Metodologia do ensino de literatura**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

ROCHA, R. **Os direitos das crianças**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2002.

ROCHA, R. **Toda criança do mundo mora no meu coração**. São Paulo: Ática, 2007

SABINO, F. O melhor amigo. In: SABINO, F. **Os melhores contos**. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

VERISSIMO, L. F. **O nariz e outras crônicas**. São Paulo: Ática, 1994.

UNIDADE III

AGUIAR, V. T. de. **Leitura literária e escola**. Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

AGUIAR, V. T. de. Literatura na escola: propostas metodológicas. In: MARTHA, A. P. (Org.) **Literatura e ensino: tópicos especiais**. Maringá: Eduem, 2012.

BORDINI, M. de G.; AGUIAR, VT **Literatura: a formação do leitor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ensino Médio. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 22 jan. 2020.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**, v. 24, n. 9, 1972.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1967.

CHARTIER, R. Educação e história rompendo fronteiras. **Presença pedagógica**, v. 6, n. 31, p. 5-15, 2000.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Ática, 2000.

COSSON, R. A formação do professor de literatura: uma reflexão interessada. **Literatura e formação continuada de professores: desafios da prática educativa**. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

- COSSON, R. O espaço da literatura na sala de aula. *In*: BRASIL. **Coleção explorando o ensino**. Brasília: Ministério da Educação, 2010.
- COSTA, M. M. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: Editora Ibpex, 2007.
- HANSEN, J. A. Reorientações no campo da leitura literária. *In*: ABREU, M.; SCHAPOCHNIK, N. **Cultura letrada no Brasil**: objetos e práticas. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p. 13-44
- HUNT, P. **Crítica, teoria e literatura infantil**: Peter Hunt. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2008.
- MACHADO, A. M.; CRUZ, N. **Dia de chuva**. São Paulo: Salamandra, 2002.
- MARTHA, A. Á. P. **Tópicos de literatura infantil e juvenil**. Maringá: Eduem, 2012.
- PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. *In*: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. (Org.) **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009. p. 61-79.
- PETIT, M. **Os jovens e a leitura**. São Paulo: Editora 34, 2008.
- RAMOS, F.; PINTO, F.; GIROTTTO, C. Interação de bebês com livro literário. **Poiésis**, v. 12, 2018.
- SOUZA, R. J. de; GIROTTTO, C. G. G. S.; SILVA, J. R. M. da. Educação Literária e formação de leitores: da leitura 'em si' para leitura 'para si'. **Ensino em Revista**, p. 194-214, 2012.
- SOUZA, R.; GIROTTTO, G. S. C. Estratégias de leitura: uma alternativa para o início da educação literária. **Revista alabe**, Espanha, 2014.
- SOUZA, R. J.; COSSON, R. O Cantinho da Leitura como prática de letramento literário. **Educar em Revista**, v. 34, n. 72, p. 95-109, 2018.

UNIDADE IV

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf. Acesso em: 23 jan. 2020.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. *In*: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

LEMKE, J. L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n. 2, p. 455-479, dez. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-18132010000200009&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 23 jan. 2020.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

PAULINO, G. **Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares**. Caxambu: ANPED, 1998.

QUINTANA, M. **Caderno H**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

ROJO, R. Letramento(s): práticas de letramento em diversos contextos. *In*: _____. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

XAVIER, A. C. **Como se faz um texto: a construção da dissertação argumentativa**. Catanduva: Rêspel, 2006.

ZAPPONE, M. H. Y. Modelos de letramento literário e ensino da literatura: problemas e perspectivas. **Teoria e Prática da Educação**, v. 3, p. 47-62, 2007.

ZILBERMAN, R. **A Literatura infantil na escola**. 6. ed. São Paulo: Global, 1987.